

RAQUEL MORAES DE BRUM

**TERMINOLOGIA DA GEOGRAFIA CULTURAL: ESTUDO
PRELIMINAR PARA UM GLOSSÁRIO BILÍNGUE
FRANCÊS-PORTUGUÊS**

PORTO ALEGRE

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
TEORIAS LINGÜÍSTICAS DO LÉXICO
LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA: RELAÇÕES TEXTUAIS**

**TERMINOLOGIA DA GEOGRAFIA CULTURAL: ESTUDO
PRELIMINAR PARA UM GLOSSÁRIO BILÍNGUE FRANCÊS-
PORTUGUÊS**

RAQUEL MORAES DE BRUM

ORIENTADORA: PATRÍCIA CHITTONI RAMOS REUILLARD

COORIENTADORA: ANNA MARIA BECKER MACIEL

Dissertação de Mestrado em Letras, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Moraes de Brum, Raquel

TERMINOLOGIA DA GEOGRAFIA CULTURAL: ESTUDO
PRELIMINAR PARA UM GLOSSÁRIO BILÍNGUE FRANCÊS-
PORTUGUÊS / Raquel Moraes de Brum. -- 2015.
109 f.

Orientadora: PATRÍCIA CHITTONI RAMOS REUILLARD.
Coorientadora: ANNA MARIA BECKER MACIEL.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. TERMINOLOGIA. 2. GEOGRAFIA CULTURAL. 3. LÍNGUA
FRANCESA. I. CHITTONI RAMOS REUILLARD, PATRÍCIA,
orient. II. BECKER MACIEL, ANNA MARIA, coorient.
III. Título.

Para a minha amada Vó Lália, primeira pessoa a me apresentar uma linguagem especializada. Com a sua terminologia, me nutriu de amor e doçura, e me abasteceu de um vocabulário que marca os meus modos de dizer e ecoa minhas lindas memórias por aí.

GRATIDÃO

Chego ao momento do ritual de passagem certa de que, se não fosse a ComUnidade em que vivi durante esses dois anos, esse processo não teria me transformado tão intensamente. Expresso aqui a minha gratidão a todos e a cada um, em união. Todos, de alguma forma, me iluminaram de COMsciência e colaboraram para o meu despertar. Vocês fazem parte do mais profundo amor que sinto e é com amor que devolvo ao Universo as energias que todos vocês dirigiram ao meu Ser em algum momento dessa caminhada. Agradeço especialmente:

Mãe, pela maternidade solitária e ativa, amorosa, amiga, pelo exemplo de ser. Pelo empenho e dedicação em me formar numa educação humanista, ligada aos valores de respeito e de preocupação com uma sociedade igual para todos. Por ser a maior entusiasta das coisas que eu escrevo, por mais bobagem que elas sejam;

Leandro, por me apresentar um amor gratuito, dedicado e cuidador. Por me nutrir desde a infância desses sentimentos que me cobriram as feridas e me deram forças pra ir sempre adiante em qualquer empreitada, com a certeza de ser acompanhada por um olhar paternal;

Vó, Dedê, Lulu, Elisa e Alice, por me ensinarem que as mulheres são o que quiserem ser, e devem estar onde quiserem estar; pela presença, por participarem e ajudarem muito na minha formação, por compartilharem essa experiência na terra;

Pai Zeco, por me colocar diante de toda a sorte de emoções e sentimentos que coexistem dentro de mim, a partir dos afetos e desafetos da nossa relação, tornando-me mais firme e ao mesmo tempo sempre mais sensível às humanidades;

Pedro e Mariane, pela certeza, mesmo quando eu estive longe;

Budy, meu companheiro, por acompanhar meu crescimento, acalmar as minhas angústias e valorizar todas as minhas ideias mirabolantes, pelo assessoramento informático e pelos retoques finais na conclusão do trabalho. Pelo amor de todos os dias, há tantos anos;

Meus queridos Jorginho, Adri, Rafa, João Vitor e Madá, pelo carinho e apoio de sempre, por me receberem com tanto amor na admirável família unida que formam;

Capela, por me dar um sopro amoroso de energia nos momentos finais, quando já achava que não tinha nenhum fôlego;

Angelita, Biba, Ramiro, Edison, Neiva, Vitor e Waldyvia, por me darem suporte físico e emocional, desde antes e também durante a elaboração deste trabalho;

Amigos riograndinos: Anderson, Cintia, Maura, Maíra, Renata. Luciana, por comemorar tudo e me amparar desde o início; Cinthia, pela sintonia e risadas que me fazem muitas vezes esquecer as dificuldades do caminho, e Bela, pelas trocas, pelo yoga e pelo vibuti. A todos, por respeitarem a minha distância, compreendendo que ela seria necessária pro meu crescimento, por ouvirem as minhas lamúrias e serem tão presentes na ausência;

Amigos e amigas sem-nome que compartilharam madrugadas insones, dias ensolarados, e uma profusão de intensos sentimentos, por me encorajarem nessa empreitada. Vocês já são inesquecíveis;

Salomé, minha colega de vida porto-alegrense, pelo intenso e sem tempo encontro de amor;

Laís, pelos conselhos sensatos de autoamor; Bruna, pelo acolhimento e amorosidade, pelo exemplo de bom humor e valorização da vida e de que “podia estar bem pior, amiga”; Tainara, pelas consultas médicas e terapêuticas pra eu seguir escrevendo, e Letícia, por me lembrar sempre de que não sou obrigada a tudo. A todas juntas, porque me ensinaram o real significado de sororidade (e união);

Esquisitas, por me fazerem gargalhar diariamente. Luciana e Clarissa, pelas inúmeras lições de francês e de estudo-trabalho; Isabela, pelo exemplo de coragem e força, pela amizade sempre silenciosa e certa; Carolita, pelas sessões de terapia que me ajudaram no meu empoderamento, pelo amor fraterno; Márcia (e César!), pelo carinho do amparo e acolhida de todos os dias mesmo à distância e, sobretudo, durante meus pousos na capital. Vocês são a melhor turma, foram um raio de sol aquecendo meu coração;

Álvaro Heidrich, por abrir as portas das suas salas de aula, pelo encantamento pela geografia que fez brotar em mim, pelo exemplo de professor transformador das gentes, pela generosidade em todos os momentos;

Demais professoras da Banca, pelas colaborações;

Lucas Panitz, pelas inúmeras respostas a perguntas extremamente amadoras;

Eliane Misiak, pelo incentivo;

Professores do NEER, pela presteza em responder meus e-mails, esclarecer as minhas dúvidas e auxiliar indiretamente na escolha e elaboração do meu *corpus*;

Professores Yves Raibaud e Francyne Barthe-Deloizy, pela atenção dedicada a mim e à minha ideia;

Professoras Maria José, Cristiane e Cleci, pelas aulas e formação em terminologia; esobretudo às professoras do grupo TERMISUL, que me acolheram permitindo que eu assistisse aos encontros quando ainda apenas “leiga interessada”;

Professor Felix, pelo exemplo de professor comprometido e pelas envolventes aulas de lexicografia que me deixaram indeléveis ensinamentos e um enorme carinho pelos dicionários;

Mestre Anna Maciel, por atuar não como co-orientadora, mas como orientadora ao lado da Patricia e por agir como uma matriarca, com firmeza e amparo, com experiência e sabedoria, com calma e exigência; pelas palavras de entusiasmo, e de “coragem, menina”; pelo exemplo de competência, de vivacidade, de habilidade com as ferramentas informáticas, de energia... por me ensinar tanto. Meu aprendizado vai para muito além da terminologia!

Amiga Patricia (Pat), orientadora e companheira, por jamais se colocar com superioridade ou arrogância, por me aceitar e confiar no meu potencial desde o início (quando eu nem sabia qual era a profundidade dos estudos de terminologia), pelo empenho em respeitar as minhas escolhas, pela profissional amorosa e generosa, pela delicadeza das palavras e gestos, por ser sempre capaz de remendar minhas frustrações e incentivar meu crescimento. Foi um enorme prazer aprender contigo!

CAPES, pela bolsa concedida, sem a qual eu não teria realizado este trabalho.

“Cinza, caro amigo, é toda teoria, mas só
é verde a dourada árvore da vida” (Goethe)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo identificar a terminologia empregada em uma subárea da geografia chamada Geografia Cultural com vistas à posterior elaboração de um glossário bilíngue francês-português. Retomada na França nos anos 1990, essa área da Geografia, que analisa as realidades humano-espaco-sociais através da cultura, é objeto de pesquisas no Brasil e na França e movimenta grande produção científica nos dois países. O estudo realizado, pautado na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) – que concebe o termo como um componente linguístico do todo textual especializado em que está inserido, toma como *habitat* dos termos a comunicação especializada no contexto real de uso –, configura-se num trabalho de linguística com *corpus*. A coleta de dados, partiu de uma amostragem dessa comunicação no conjunto de todos os textos disponíveis *online* da revista francesa *Géographie et Cultures* até o ano de 2012, e um *software* de análise textual. O primeiro procedimento para a realização da pesquisa foi a leitura de textos para melhor compreender e caracterizar a área e, dessa forma, construir uma árvore de domínio que demonstrasse como ela se organiza em relação a outras abordagens geográficas. Em seguida, o *corpus*, composto pelos 270 textos disponíveis para *download* na versão eletrônica da revista, foi compilado, organizado, limpo e preparado. Depois disso, os candidatos a termo foram extraídos com o auxílio do *software* e suas ferramentas – listador de palavras, concordanciador, listador de n-gramas e *clusters*, *file view*. A partir da análise de seus contextos, estabelecemos uma lista de termos, que foi discutida detalhadamente. Essa discussão culminou numa visão geral da área. Como resultado final, construímos um mapa conceitual preliminar da terminologia da Geografia Cultural, a partir do qual pretendemos continuar o estudo da área. Esse levantamento trouxe informações que auxiliaram no reconhecimento da Geografia Cultural e, portanto, demonstrou o potencial terminológico dessa área de estudo.

Palavras chave: Terminologia. Geografia Cultural. Língua francesa.

RÉSUMÉ

Cette recherche vise à identifier la terminologie employée dans un sous-champ de la géographie appelé Géographie Culturelle en vue d'une ultérieure élaboration d'un glossaire bilingue français-portugais. Reprise en France dans les années 1990, cette branche de la Géographie analyse les réalités humaine-espace-sociaux à travers la culture et fait objet de recherches au Brésil et en France, en mobilisant une grande partie de la production scientifique dans les deux pays. L'étude réalisée est fondée sur la théorie communicative de la terminologie (TCT) – qui considère le terme comme un composant linguistique de l'ensemble du texte spécialisé dans lequel il est inséré – et prend comme habitat des termes la communication spécialisée dans le contexte réel d'usage ; ainsi il s'agit d'un travail de linguistique avec des *corpus*. Concernant la collecte des données, les principaux matériels ont été une échantillonnage de cette communication dans l'ensemble de tous les textes de la revue française *Géographie et Cultures* jusqu'en 2012, et un logiciel d'analyse textuel, l'AntConc. La première démarche pour la réalisation de cette recherche a été la lecture de textes pour mieux comprendre et caractériser ce domaine et, de cette manière, construire un arbre de domaine pouvant démontrer comment il s'organise par rapport aux autres approches géographiques. Dans un deuxième moment, le corpus – composé par 270 textes disponibles pour téléchargement dans la version électronique de la revue – a été compilé, organisé, nettoyé et préparé. Ensuite, les candidats à terme ont été extraits à l'aide du logiciel et de ses outils – *word list*, *concordance*, *n-grams*, *clusters*, *file view*. Pour la collecte des candidats à terme, on a suivi ces critères : à partir de la connaissance précédente des textes et d'une liste de mots, on a cherché les 30 mots lexicaux les plus fréquents. Ensuite, avec chacun de ces mots, ont été demandés, dans cette séquence: *concordance*, *clusters* et *n-grams* ; les démarches ont été répétées pour les autres mots qui ont surgi jusqu'à obtenir les termes possibles. Enfin, les candidats ont été discutés, ce qui a abouti à une vision générale du champ. Comme résultat final, on a construit une carte conceptuelle préliminaire de la terminologie de la géographie culturelle, à partir de laquelle on prétend continuer l'étude du champ. Ce prélèvement de

données a apporté des informations permettant une meilleure reconnaissance de la géographie culturelle et, par conséquence, a démontré le potentiel terminologique de ce champ d'étude.

Mots-clés: Terminologie. Géographie Culturelle. Langue française.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Árvore de domínio.....	49
Figura 2. Mapa conceitual da área.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Descrição do corpus.....	53
Tabela 2. 23 palavras lexicais mais frequentes.....	57
Tabela 3. Clusters <i>espace</i>	58
Tabela 4. Clusters <i>nature</i>	60
Tabela 5. Clusters <i>nature dans</i>	60
Tabela 6. Clusters N1 + <i>homme</i>	63
Tabela 7. Clusters <i>milieu</i> + Adjetivo.....	64
Tabela 8. Concordance <i>culture</i>	66
Tabela 9. Concordance <i>cultures</i>	66
Tabela 10. Clusters <i>cultur*</i>	67
Tabela 11. Clusters <i>culturelle</i>	68
Tabela 12. Clusters <i>culturel</i>	68
Tabela 13. Clusters <i>terre</i>	69
Tabela 14. Clusters <i>terr*</i>	70
Tabela 15. Categorização dos dados.....	72
Tabela 16. Lista de termos levantados.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Francês Língua Estrangeira Instrumental.....	16
1.2 Justificativa	18
1.3 Objetivos.....	20
1.4 Organização do trabalho.....	21
2 GEOGRAFIA CULTURAL: REVISÃO DA LITERATURA	23
2.1 A história	24
2.2 As mudanças	26
2.3 Hoje	27
2.4 O que é a Geografia Cultural	30
3 TERMINOLOGIA: REFERENCIAL TEÓRICO	35
3.1 Terminologia	35
3.1.1 O termo.....	38
3.1.2 O texto especializado	39
3.2 Linguística de Corpus	42
4 METODOLOGIA.....	46
4.1 Estudo Piloto	46
4.1.1 Descrição.....	46
4.1.2 Árvore de domínio	48

4.2 Materiais.....	49
4.2.1 <i>Corpus</i> da pesquisa	50
4.2.1.1 Construção: compilação, limpeza e organização	51
4.2.1.2 Descrição.....	52
4.2.2 Ferramentas de Análise textual.....	54
4.3 Procedimentos de coleta e análise	54
5 RESULTADOS	56
5.1 Coleta dos dados	56
5.2 Sistematização dos dados coletados	71
5.3 Síntese	73
6 DISCUSSÃO	74
6.1 Identificação da área - mapa conceitual.....	83
7 CONCLUSÃO.....	88
7.1 Conclusões preliminares e limitações do trabalho.....	88
7.2 Um olhar “estrangeiro” sobre a Geografia Cultural	89
7.3 Perspectivas futuras	91
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXOS.....	98
Anexo A	99
Anexo B.....	100

1 INTRODUÇÃO

A ideia deste estudo surgiu de um anseio de fomentar os estudos em Língua Francesa e, sobretudo, de contribuir de alguma forma para o processo de ensino/aprendizagem dessa língua. Aliada a essa vontade, há outra, a de dirigir um olhar para o que acontece com o ensino de francês na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A esse respeito, observamos que a língua francesa não é oficialmente oferecida no Ensino Público Estadual dessa cidade desde 2007, o que limita as possibilidades de os formandos do curso de Licenciatura em Letras Português-Francês encontrarem um espaço no mercado de trabalho.

Para combater essa exclusão da Língua Francesa e criar espaços para reinseri-la no currículo das escolas, estão sendo desenvolvidos, desde então, não somente trabalhos de pesquisa na graduação, mas também projetos de extensão na Universidade (extracurriculares), com aplicação em diversas escolas.

Cabe destacar, ainda, que não só no município de Rio Grande, mas em todo o Brasil, os envolvidos com a Língua Francesa “lutam” atualmente por sua divulgação e expansão. Podem ser citados aqui, por exemplo, os esforços da Federação Brasileira de Professores de Francês para a inclusão da língua no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio); das inúmeras Universidades Federais que oferecem a Língua Francesa em seus Núcleos e Centros de Línguas Estrangeiras, por exemplo, USP (Universidade de São Paulo) UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e FURG. Vale também mencionar a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que coordena as bolsas de graduação (como o Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI) e pós-graduação na França; o Campus *France*, que favorece o intercâmbio de estudantes na França; a Embaixada da França e todos os demais trabalhadores de Língua Francesa, que entendem que a valorização das línguas estrangeiras é um caminho para a melhora da formação dos profissionais do país.

Cada vez mais, no contexto de globalização, textos de diversas línguas circulam livremente e, do mesmo modo, textos especializados de diferentes países transitam nos meios acadêmicos. Dessa forma, entendemos que se torna cada vez mais importante o trabalho de

estudiosos que se debruçam sobre as línguas estrangeiras e pesquisam a sua interface com as terminologias, não só no âmbito da tradução como também no do ensino.

É sabido que, independentemente da área, o domínio de línguas favorece o intercâmbio de informações e de trabalho. Além disso, a formação profissional e a excelência acadêmica passam necessariamente pela proficiência em língua estrangeira (LE), visto que é sempre e cada vez mais necessário ter acesso aos avanços da ciência divulgados nos textos acadêmicos publicados em centros de excelência de outros países. Desse modo, é essencial que o professor de língua estrangeira tenha um bom manejo dos modos de dizer específicos de determinadas áreas, e se familiarize com seus termos e fraseologias.

A realidade dos professores ministrantes de Francês Instrumental (FLEI¹) na FURG chamou nossa atenção, confirmando de um lado a eficiência da luta pela crescente divulgação da Língua Francesa, de outro a necessidade do plurilinguismo no âmbito acadêmico. A procura pela disciplina FLEI oferecida pelo Instituto de Letras e Artes (ILA) para toda a comunidade universitária é expressiva, e nos Centros de Línguas Estrangeiras, por exemplo, o público é majoritariamente composto por alunos de variados cursos de graduação e pós-graduação.

1.1 Francês Língua Estrangeira Instrumental

Segundo a definição de FLEI dada pela AUPELF (1973), francês instrumental é aquele “previsto para os estudantes que não se destinam ao ensino do francês e nem à tradução ou à interpretação, e que lhes permite ter acesso rapidamente à documentação profissional em língua francesa”². Ainda, de acordo com Aubert (1981, *apud* AVOLIO, 2009) trata-se de uma modalidade de ensino destinada a adultos interessados em informações especializadas, prioritariamente escritas e em contexto acadêmico-profissional.

¹ Chamaremos a modalidade em questão de “Francês Língua Estrangeira Instrumental” (FLEI).

² “le français envisagé à l’intention des étudiants ne se destinant ni à l’enseignement du français, ni à la traduction, ni à l’interprétation, et qui leur permet d’accéder dans un court délai à la documentation professionnelle en langue (tradução nossa).

Parece-nos que essas definições se adéquam às principais características atuais do FLEI³. Já Loguercio (2013, p. 44) define o curso de forma mais detalhada, atual, e, parece-nos, mais adequada:

[...] distingue-se de um curso de francês “geral” e de outros cursos de francês para objetivos específicos (FOS) pelo seu objetivo, sua metodologia (apoiada sobre a língua escrita e sobre a língua materna do estudante, pois as aulas são dadas em L1), e seu público (constituído majoritariamente por estudantes e jovens pesquisadores). Mas diferentemente do que o nome pode sugerir, a língua aqui não é considerada como uma ferramenta, um instrumento fora dos enunciadores, nem da leitura. Esse nome foi dado sobretudo em relação ao aspecto pedagógico do curso e ao objetivo da leitura aliado à formação universitária. [...]⁴.

Assim, constatamos que a crescente globalização dos conhecimentos acadêmicos aumenta a procura de alunos pelo instrumental ou disciplinas semelhantes, pois eles têm interesse exatamente na aprendizagem para objetivos universitários, ou seja, buscam tornarem-se aptos à leitura de bibliografia especializada em LE.

Ainda que o manejo do vocabulário da língua comum – com as quais obviamente professor e aluno de qualquer modalidade se depararão – seja de extrema relevância no ensino/aprendizagem de um curso de FLEI, esse processo sempre integra também a necessidade de um grau de intimidade maior com a terminologia de áreas técnicas e científicas que interessem aos alunos, apreendida dentro das linguagens de especialidade.

Segundo Jover-Faleiros (2006), atualmente o público que compõe as turmas de FLEI é em geral iniciante nos estudos em língua francesa e, lembrando Loguercio (2013, supra), esse aluno de FLEI espera, ao cabo do curso, ler naquela língua estrangeira textos de sua área de especialidade. Por conseguinte, o objetivo no FLEI não é a produção na LE, cabendo ao professor auxiliar o aluno a atingir a competência da compreensão. Contudo, para que este atinja tal competência dentro dos seus domínios de estudo, também é necessária primeiramente a aprendizagem de uma série de habilidades, dentre as quais destacamos,

³ Entretanto, cabe observar apenas para fins de terminologia que, segundo Avolio (2009), na França utiliza-se preferencialmente o termo “francês funcional”³ ou “ensino funcional do francês”³ para se referir ao que chamamos de Instrumental.

⁴ [...] se distingue donc d’un cours de français “globaliste” et d’autres cours de français sur objectifs spécifiques (FOS) par son but, sa méthodologie (appuyée sur la langue écrite et sur la LM de l’étudiant, car les cours sont donnés en L1) et son public (constitué pour la plupart d’étudiants et/ou de jeunes chercheurs). Mais à la différence de ce que l’appellation FI peut suggérer, la langue n’y est pas considérée comme un outil, un instrument hors des énonciateurs, ni d’ailleurs la lecture. Ce nom est dû plutôt à l’aspect pédagogique du cours et à l’objectif de la lecture entreprise dans des formations universitaires. [...] (tradução nossa)

evidentemente, o léxico da língua geral, não especializado, mas também a terminologia concernente aos domínios temáticos. Ou seja, conforme Marques (2012, p. 14), o aprendiz precisa saber “acionar o vocabulário necessário para a construção de sentido nas situações de comunicação” e, para isso, é decisivo que o professor “subsidiar” a aquisição da competência lexical.

Esse estudante-aprendiz de FLEI, já que está interessado na aquisição da competência da leitura, certamente lançará mão de outros recursos – muitas vezes, dos dicionários bilíngues passivos, uma vez que eles se destinam à recepção da LE, isto é, à compreensão. Recorrem a esse tipo de material porque geralmente não têm proficiência suficiente para o manuseio de dicionários monolíngues, já que são aprendizes de nível iniciante. Entretanto, sabemos que esses instrumentos de referência não dão conta das especificidades das linguagens especializadas e, conseqüentemente, de suas terminologias – cujo conhecimento, muitas vezes, é a primeira motivação para o interesse dos alunos universitários pelas línguas estrangeiras.

1.2 Justificativa

Descobrimos que, no caso específico da FURG, os alunos interessados no Instrumental vêm em geral dos cursos de Artes Visuais, Geografia, História, História da Literatura ou Oceanologia, áreas que carecem de um estudo mais aprofundado de suas especificidades linguísticas. As informações coletadas junto aos professores indicaram que o Curso de Geografia solicita semestralmente, em média, quarenta vagas na disciplina de Língua Francesa Instrumental, o que despertou nossa atenção.

Ao buscar compreender o porquê desse grande interesse pela compreensão da língua francesa, descobrimos que uma corrente inovadora nos estudos da geografia, chamada Geografia Cultural, bem estabelecida na França, atraiu a curiosidade dos alunos. Procuramos mais informações e descobrimos que, em linhas gerais, essa “subárea” ou ramo dos estudos geográficos “busca aprofundar a abordagem cultural na Geografia, focando as questões relacionadas aos estudos sobre o espaço e suas representações, entendendo as representações como uma ampla mediação, que permitem agregar o social e o cultural, abrangendo também a temática do ensino de

geografia [...]”⁵, conforme nos esclareceu a página *web* do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER).

A multiplicidade de recursos da área em francês, disponibilizados *on-line* e/ou em bibliotecas acadêmicas tradicionais que o professor de FLEI, não conhecedor de Geografia Cultural, e o aluno dessa disciplina, não proficiente na língua estrangeira, poderia aproveitar, nos estimulou a idealizar a construção de um glossário bilíngue francês-português da área de Geografia Cultural.

Sabemos que materiais de referência como glossários têm importante dimensão social, em função do papel de divulgadores de conhecimento especializado. Isso significa que, embora nossa intenção tenha sido guiada pela ideia de auxiliar docentes e, conseqüentemente, alunos de francês instrumental, muito provavelmente, esses não serão os únicos contemplados com este estudo. Para além de ser um material auxiliar para leigos ou semileigos em uma dada área, o glossário que será construído a partir do estudo que se inicia aqui certamente será também utilizado por professores e pesquisadores brasileiros que se afinem com produções de língua francesa.

Krieger & Finatto (2004) afirmam que a Terminologia Aplicada, ou a Terminografia, quando produz obras de referência temática e elabora instrumentos pragmáticos que servem de suporte, facilita o trabalho de tradutores, intérpretes, redatores técnicos, entre outros. Entretanto, entendemos que a Terminologia não serve de apoio somente para esses profissionais, mas para todos os que, de alguma maneira, trabalham com a linguagem de modo interdisciplinar e têm a tarefa de auxiliar o “fluxo comunicacional” entre áreas. Como dissemos, a abordagem de assuntos que envolvam conhecimentos especializados – em qualquer domínio – em sala de aula, exige do professor um bom manejo das linguagens técnico-científicas, ou seja, o conhecimento dos termos e da convencionalidade do texto especializado. Esse profissional precisa contar com um material que facilite seu trabalho e contribua para o contato e para a aprendizagem do aluno interessado nesta ou naquela área de conhecimento específico, quer seja para estudos acadêmicos, quer seja para atividades profissionais. Assim, a elaboração e, conseqüentemente, a utilização de dicionários técnicos, glossários ou bancos de dados bi ou multilíngues revela-se uma necessidade evidente.

⁵ NEER. 2012. Núcleo de Estudos em Espaço e Representações. Disponível em: http://www.neer.com.br/home/?page_id=24. Acessado em 25/09/2012.

1.3 Objetivos

No panorama acima delineado, pensando nos professores de Francês Instrumental e em sua necessidade de proporcionar uma aquisição lexical da língua geral, mas sobretudo na lacuna na abordagem das linguagens especializadas, o objetivo primeiro desta pesquisa é produzir um estudo dedicado à facilitação do trabalho desses profissionais. Ainda que o tema possa abrir caminho para uma série de outras questões, pensamos nos professores pelo seu inegável papel de contribuir para o acesso e compreensão de outros mundos e de oferecer novas oportunidades de crescimento ao aluno através do acesso a linguagens especializadas.

Assim, o objetivo principal desta dissertação é o estudo da terminologia da Geografia Cultural. Contudo, em que pese a complexidade da área, sua estreita relação com outras Ciências e Humanas e Sociais e o fato de não sermos especialistas na área e, tampouco, geógrafas, optamos por construir aqui um estudo preliminar dessa terminologia, com vistas a uma posterior elaboração de um glossário bilíngue francês-português, a partir do qual se possa promover a facilitação do processo de ensino/aprendizagem da língua francesa aos estudiosos da Geografia Cultural.

A existência de um dicionário francês intitulado *Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des Sociétés* (LEVY; LUSSAULT, 2013), considerado um dos mais atuais e completos da Geografia Humana, não deslegitima este estudo, pois ainda não existe nenhum material específico no par de línguas francês-português que sistematize a terminologia relativa à abordagem cultural na Geografia, tampouco construído a partir da parceria entre terminólogos e especialistas da área. Além disso, mesmo que a Geografia Cultural seja uma interface da Geografia Humana com outras áreas e que apenas seus objetos de análise difiram, o que implica a presença de muitos de seus termos neste dicionário de Lévy et Lussault, alguns conceitos não são compartilhados. Por isso, será importante este primeiro estudo sobre sua terminologia não só para fins de ensino de língua francesa, mas também para que os geógrafos vinculados a ela possam contar com um material de referência que sistematize seus termos.

“Entender como se configura o estatuto terminológico de uma unidade lexical na comunicação de determinada temática é a primeira etapa no processo de descrição de uma

linguagem especializada” ensina Maciel (2006, p.1). Esta é a etapa em que nos encontramos e, como um primeiro estudo terminológico sobre uma área para nós completamente desconhecida, possivelmente nos confrontaremos com uma série de dificuldades e obstáculos a transpor. Corroborando Maciel (2006), podemos afirmar que consideramos a identificação terminológica uma tarefa difícil e desafiadora, mesmo com o auxílio de muitas ferramentas informatizadas. Além disso, a seleção dos candidatos a termo é uma das primeiras etapas de uma construção terminográfica.

Dessa forma, superar as dificuldades e desafios será uma das proposições de nosso trabalho, na medida em que reconhecemos também que o desconhecimento da área pode dificultar nosso trabalho, mas não o impossibilitar. Acreditamos que se pudéssemos antecipar sempre que aparência e essência coincidem, não haveria motivos para que se realizassem pesquisas científicas. Para nós, é justamente no percurso que fazemos para descobrir e confrontar resultados que se constrói a ciência.

Nesse sentido concordamos com Barros (2004, p. 192-193), quando esta afirma que

[...] Um menor grau de experiência não significa incapacidade de obtenção de bons resultados em seus projetos, ao contrário, é na prática que se validam os modelos teóricos e se verifica sua funcionalidade. São os desafios que fazem a ciência avançar e forjam os cientistas [...] Nesse caso, um dos primeiros passos a ser dado é a familiarização com o objeto de estudo [...].

1.4 Organização do trabalho

Nossa investigação busca identificar os termos mais recorrentes utilizados para “dizer” a Geografia Cultural em uma série histórica de aproximadamente vinte anos de produção científica da revista francesa *Géographie et Cultures*. Nosso caminho inclui a leitura de seus textos, organização, sistematização e preparação do material que comporá o *corpus*, seguidas da identificação e análises de candidatos a termo. Assim, finalmente, teremos um levantamento terminológico preliminar da terminologia da Geografia Cultural em língua francesa.

Para nos auxiliar nessa tarefa, realizamos um trabalho que segue princípios de uma linguística *com corpus*. Isto é, realizarmos nossa pesquisa apoiados em um conjunto de textos autênticos da área especializada escolhida, coletados da *web* diretamente de publicação fonte e organizados para serem analisados com a ajuda de um *software* de análise textual.

Isso não quer dizer que chegaremos ao ponto de desvelar toda a complexidade do fazer científico da Geografia Cultural através da sua linguagem, mas sim, que buscaremos – dentro de nossas possibilidades e limitações de estudiosos da linguagem – compreender como uma área que está na inter-relação de/com tantas outras Ciências Humanas e Sociais se manifesta linguisticamente através de seus textos.

Dessa maneira, a presente dissertação se organiza da seguinte forma: depois da **Introdução**, no segundo capítulo, **Geografia Cultural**, uma revisão bibliográfica, em que introduzimos a área; no terceiro, **Referencial teórico**, trazemos os aportes teóricos para a realização da pesquisa. No quarto capítulo, **Metodologia**, expomos os procedimentos metodológicos. Em seguida, passamos para o capítulo quinto, **Levantamento**, em que apresentamos a coleta dos dados, a descrição e análise dos dados. Em seguida, sexto capítulo, **Discussão** dos resultados, culmina com a apresentação do mapa conceitual da área. Finalmente, no capítulo sétimo, **Considerações finais**, tecemos comentários sobre as limitações de nosso estudo, sobre o impacto que possa ter o trabalho nos meios acadêmicos e no desenvolvimento de um futuro glossário bilíngüe francês/português para a aprendizagem da Geografia Cultural.

2 GEOGRAFIA CULTURAL: REVISÃO DA LITERATURA

Esta dissertação é um estudo preliminar da terminologia da Geografia Cultural. Sendo assim, apresentamos aqui a revisão bibliográfica do que conseguimos reunir sobre esta área emergente que se coloca na interface das Ciências da Terra e das Ciências Humanas e Sociais. Nos limites do conhecimento de leigos no tema, tentaremos mostrar como a Geografia Cultural se configurou, de que modo se constitui atualmente e o que estudam os pesquisadores a ela vinculados. Recorremos a fontes variadas que nos pudessem esclarecer a compreensão da área; procuramos desde informações enciclopédicas até autores de grande repercussão no meio acadêmico.

Antes disso, convém lembrar sobre a geografia, de modo geral, que “é uma forma de compreender o mundo, a natureza e as sociedades humanas numa perspectiva de suas dimensões espaciais e de sua inscrição na superfície da terra”, conforme diz Claval, acrescentando que ela estuda

[...] as mesmas realidades que outras ciências, como a Geologia, a Botânica, a Zoologia, a Ecologia, na área das Ciências Naturais; e a História, a Sociologia, a Economia, as Ciências Políticas, na área das Ciências Sociais – porém, ela as considera diferentemente [...] (CLAVAL, 2013, p. 144).

A Geografia Cultural é uma área nova e inovadora que vem se constituindo pelo menos já a partir do século XIX. Mesmo que tenha passado por muitas transformações, a revisão que fizemos sobre sua “fundação” nos ajudou a entender um pouco seu campo e seus objetos.

Seguramente as afirmações que trazemos aqui não têm o nível de detalhamento daquelas de um especialista autorizado no assunto, no entanto se mostraram relevantes para nos amparar na pesquisa e orientar as buscas da terminologia da linguagem especializada de um campo do saber para nós completamente novo.

2.1 A história

O termo “Geografia Cultural” foi utilizado primeiramente pelo geógrafo e etnólogo considerado o “pai da Geografia Humana”, Friedrich Ratzel (1844-1904), em meados de 1880 na Alemanha. A partir do conceito de *Kulturgeographie*, influenciado pelas doutrinas dos chamados pioneiros da geografia científica, os alemães Karl Ritter (1779-1859) e Alexander Von Humboldt (1779-1859) e pelo evolucionismo do britânico Charles Darwin, Ratzel criou a noção de *Antropogeographie* divulgada em um documento tido como um “panorama bem equilibrado da etnologia” (LOWIE, 1937 *apud* CAPEL, 1985). Nesse mesmo período, Ratzel também publicou os fundamentos culturais da diferenciação da terra; ainda que tenha deixado de lado as ideias e as linguagens, ele focalizou sua atenção nos materiais e artefatos.

Entre os outros geógrafos alemães que enfatizaram a importância do homem e da cultura nos estudos da terra, de acordo com Almeida (2008), citamos Otto Schlüter (1872-1959) e Edouard Hahn (1856-1928). Schlüter se dedicou a estudar a relação do homem com a paisagem e, em 1907, desenvolveu a pesquisa dessa relação na Geografia Humana. Hahn se consagrou ao estudo da relação dos grupos humanos com os animais e com a agricultura. Desde 1910, os estudos dos geógrafos alemães passaram a enfatizar os instrumentos, as técnicas e a análise da paisagem. Segundo Claval (2012), os geógrafos alemães foram os primeiros a tratar desses temas e a analisar a morfologia da paisagem para poder caracterizar sua estrutura.

Assim, talvez se possa dizer que a Geografia Cultural começou a surgir na Alemanha. Entretanto, Claval (2012, p. 24) continua considerando que, embora a Geografia Humana, desde seu surgimento, tenha dado um lugar importante às realidades culturais, ela o fazia de modo reducionista, priorizando técnicas, instrumentos e transformações da paisagem.

Atualmente é consenso dizer que, graças a contribuições de vários pensadores, e de modo especial, dos franceses, Paul Vidal de La Blache (1845-1918) e Jean Brunhes (1869-1930), dos acima citados alemães Otto Schlüter, Eduard Hahn e do norte-americano Carl O. Sauer (1889-1975), a Geografia Cultural foi aos poucos se configurando como disciplina independente e ganhando distinção no âmbito da Geografia Humana (SANTOS, 2000). Apesar de tudo, na contemporaneidade a área ainda é entendida por alguns como um subcampo sem estatuto próprio entre os outros ramos da Geografia Humana.

Nos Estados Unidos, Sauer merece ser mencionado como o estudioso mais renomado da área e considerado o pai da noção de cultura e da Geografia Cultural da Escola de Berkeley. Seguindo a tradição arqueológica, geográfica e etnológica dos alemães, Sauer pesquisou as sociedades e ambientes através de suas materialidades. Interessava-se, sobretudo, pelo passado e pela cultura como uma entidade “supra-orgânica”, ou seja, uma entidade que funciona para além da sociedade. Nessa ótica, paralelamente aos geógrafos alemães, Sauer não levava em conta o papel das dimensões sociais e psicológicas da cultura (DUNCAN, 2002). Os americanos devem a Sauer o destaque ao impacto da cultura sobre o componente vivo, vegetal e animal, dos meios humanizados. Seu empenho para que os estudos geográficos incluíssem os impactos das sociedades sobre o meio ambiente não pode ser esquecido (CLAVAL, 1999; 2012).

Na França, além dos geógrafos Jean Brunhes e Vidal de La Blache, acima mencionados, destacamos Pierre Deffontaines (1894-1978) como responsável pela definição das bases da Geografia Cultural. O geógrafo catalão, Horacio Capel (1985, p. 36) destaca em particular Deffontaines, autor de importantes trabalhos sobre a geografia das religiões, os tipos de habitação, a evolução das paisagens culturais, a distribuição das técnicas pecuárias. Capel salienta que ele foi responsável também por numerosos volumes de Geografia Cultural na coleção de Geografia Humana que dirigiu para as edições Gallimard. Além disso, o professor Deffontaines merece o apreço dos geógrafos brasileiros, pois desde 1930 mantinha contato com o Brasil, tendo fundado em 1935 a cátedra de geografia na Universidade de São Paulo (USP), onde pronunciou a aula inaugural.

Comentando a influência da França na Geografia Cultural, Claval (1999; 2012) afirma que os franceses imaginaram, através da noção de gênero de vida, *genre de vie*, uma ferramenta que lhes permitisse estudar o que se passava entre os homens e a paisagem. Gênero de vida, entendido, de acordo com Sorre (2000), como um conjunto coletivo de atividades transmitidas e consolidadas pela tradição, graças às quais um grupo humano assegura sua existência em um meio determinado. Nessa perspectiva, os adeptos da escola francesa levaram mais em consideração os componentes sociais e ideológicos da cultura e se mostraram sensíveis aos ensinamentos da etnografia e dos estudos folclóricos, adotando a linha de pesquisa de Brunhes e Deffontaines. No entanto, Claval argumenta que, como o interesse pelas estruturas agrárias aproximou os trabalhos franceses e alemães, alguns estudos deixaram em segundo plano outros aspectos da cultura. Podemos resumir esse percurso com as palavras do próprio Claval (2012, p. 9), para quem

[...] Na França, fala-se de civilizações: se os povos diferem, é que eles se situam mais ou menos perto do progresso. Na Alemanha, destacam-se as diferenças que persistem entre povos igualmente civilizados: a noção de cultura aparece assim. É necessário um século para explicitá-la e para fazê-la objeto de pesquisa científica. A Geografia Cultural se constrói nesse contexto. Ela nasce da diversidade dos gêneros de vida e da paisagem. Aparentemente condenada ao declínio pela uniformização técnica, ela retoma seu dinamismo se aliando à representação e aos sentimentos de identidade que lhes estão relacionados [...]⁶.

2.2 As mudanças

As transformações por que passou a Geografia Cultural compreendem três fases: a) na primeira, entre 1890-1950, em que predominava uma abordagem positivista e/ou naturalista – eram estudadas basicamente as relações entre sociedade e natureza, materialidade, paisagens, gêneros de vida; b) a segunda fase, até os anos 1970, em que se realizavam estudos urbanos; c) a terceira e última, que se inicia na década de 1970 e alcança nossos dias. Neste último período, as mudanças epistemológicas, teóricas e metodológicas nas Ciências Sociais criticavam o positivismo de Auguste Comte (1798-1857) como conservador e insuficiente para abarcar a complexidade existencial humana.

Mais tarde, os geógrafos culturais, passaram a ver a consciência da cultura como fator que molda a diversidade da organização da dinâmica espacial e entre os anos 1970-1980, embarcaram em uma verdadeira virada cultural pós-moderna. Abraçaram filosofias humanistas, adotaram o existencialismo, a hermenêutica, a fenomenologia em busca de uma abordagem da análise social contemporânea, que, como observa Hall (1997, p. 27), vê a cultura como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente dela. No entanto, foi nos Estados Unidos, onde a escola de Berkeley fundada por Sauer ditava as normas na Geografia Cultural, que a virada cultural realmente irrompeu.

Foi o artigo “O supra-orgânico na Geografia Cultural”, publicado pelos geógrafos britânicos Denis Cosgrove (1948-2008) e James Duncan, no qual os autores criticam a Escola

⁶ [...] En France, on parle des civilisations : si les peuples diffèrent, c'est qu'ils se situent plus ou moins haut sur la voie du progrès. En Allemagne, on souligne les dissemblances qui persistent entre des peuples également civilisés: la notion de culture apparaît ainsi. Il faut un siècle pour l'explicitier et pour en faire un objet de recherche scientifique. La géographie culturelle se construit dans ce contexte. Elle naît de la diversité des genres de vie et de paysages. Apparement condamnée au déclin par l'uniformisation technique, elle retrouve son dynamisme en s'attachant aux représentations et aux sentiments d'identité qui leur sont liés [...] (tradução nossa).

de Berkeley, o estopim que fez surgir a Nova Geografia Cultural. Trata-se de uma renovação interna que admite os estudos culturais do ponto de vista crítico, com influências do pós-modernismo e do pós-estruturalismo nas Ciências Sociais, entre outras correntes. Diz Corrêa (2011):

[...] Foi da desigual combinação de distintas fontes que emergiu a nova geografia cultural. Há um legado saueriano, a contribuição da tradição inglesa de geografia social, assim como os aportes da fenomenologia, hermenêutica, materialismo histórico e dialético, das ciências sociais como a antropologia interpretativa, linguística, história da arte e semiótica [...].

Para o geógrafo francês Guy Di Méo, a partir do final do século XX, a

[...] Geografia Cultural se inscreve em uma corrente que questiona as concepções positivistas da ciência em geral e da geografia em particular. Isso não é absolutamente ruim, com a condição de que essa dimensão cultural não supervalorize e não esconda as outras, particularmente a econômica e a política [...] (DI MÉO, 2010, p. 7).

O autor avalia que isso pode ser positivo desde que “cultura não seja concebida como uma determinação definitiva das relações humanas e da sua dimensão espacial”⁷. Ele ainda adverte que a virada cultural na geografia fez realçar a importância dos símbolos para os seres humanos, compreendidos nas suas vidas e nos seus espaços cotidianos.

2.3 Hoje

Na época contemporânea, Almeida (2008, p.42) destaca a contribuição dos geógrafos franceses Armand Frémont (*1933-), Paul Claval (*1932-), e Jean Gallais (1926-1998)

⁷Ainsi, la géographie culturelle, à partir des années 1970-1980, s’inscrit dans tout un courant de remise en question des conceptions positivistes de la science en général et de la géographie en particulier. C’est loin d’être un mal, à la condition toutefois que cette dimension culturelle ne survalorise pas et n’éclipse pas les autres, économique et politique en particulier. À la condition, également, qu’elle s’inscrive dans le cadre des logiques sociales, de leurs enjeux, et que la culture ne soit pas conçue comme une détermination définitive des rapports humains et de leur dimension spatiale. (DI MÉO, 2010, p. 7) (tradução nossa)

como os primeiros a insistir sobre a valorização da experiência humana dos lugares, das paisagens e do espaço, procurando redescobrir uma *géographie à visage humain*, questionando o espaço vivido e o espaço percebido.

Pioneiro nessa abordagem na França, e dedicado também a uma epistemologia da geografia, Paul Claval é professor emérito e o geógrafo responsável pelo centro de investigação sobre temas de Geografia Cultural, o *Laboratoire Espace et Culture* na universidade Paris-Sorbonne, e maior entusiasta e teórico do tema. Vale destacar o seu esforço para divulgar e refletir sobre temas

[...] de grande pertinência para a sociedade, considerando sua visão ampla e interdisciplinar de fazer geografia. A sua atuação testemunha o comprometimento com a ciência, o mostrar as relações do homem na sociedade, o ater-se aos processos de interlocução e de transmissão das experiências culturais [...] (KOZEL, 2013, p. 41).

Claval também foi o responsável por criar nos anos 1990 uma revista dedicada a esse tema, chamada *Géographie et Cultures* e publicada trimestralmente ainda hoje. O teórico é ainda autor de várias obras; entre elas, o livro intitulado “Geografia Cultural”⁸, que fornece um panorama específico da área de estudos na França. Além disso, ganhou o prêmio VautrinLud⁹, juntamente com o professor Milton Santos, em 1996.

Claval tem uma relação estreita com o Brasil. Visitou o país pela primeira vez em 1986 e teve seu livro traduzido para o português em 1999, e desde então seus laços com o Brasil se estreitaram. Além disso, o professor já recebeu inúmeros alunos e pesquisadores brasileiros na França, estabelecendo mais relações com o Brasil e proporcionando, também, interação entre brasileiros de diferentes estados e fortalecendo, assim, as pesquisas de geografia cultural no país. Além disso, produziu diversos artigos científicos sobre o Brasil, favorecendo, inclusive, a produção de um número inteiro da revista *Géographie et Cultures*¹⁰ dedicados aos estudos sobre o nosso país.

⁸CLAVAL, P. Geografia Cultural. Tradução Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999. 453p.

⁹ Prêmio anual considerado a maior distinção no campo da Geografia, instituído pelo Festival Internacional de Geografia e realizado na cidade francesa de Saint-Dié-des-Vosges.

¹⁰ Disponível em <http://gc.revues.org/588>

Além disso, segundo Kozel (2013, p. 44), nos trabalhos de Claval estão registradas a sua visão diferenciada e “seu interesse pelo estudo do homem e suas relações culturais e sociais”. A autora enfatiza igualmente que, em seu livro *Géographie Culturelle*, ele traz novos aspectos da cultura, passando a considerá-la também como: a) artefatos, saberes e conhecimentos, que, juntos, possibilitam ao homem a mediação entre ele e a natureza; b) uma herança resultante da comunicação que é responsável pela sua transmissão de geração a geração; c) uma construção vulnerável a mudanças e inovações, dinâmica em função dos grupos sociais; d) algo que se articula no discurso e se realiza na representação. e) meio de diferenciação social e de *status*, já que cada indivíduo tem uma bagagem; f) algo que a paisagem de alguns povos também carrega, uma vez que caracteriza suas atividades produtivas e as marcas deixadas pelo homem no ambiente.

Podemos citar ainda outros nomes importantes na Geografia Cultural francesa como Joel Bonnemaïson (*1940-1997) e sua obra *La Géographie Culturelle*¹¹; Yves Raibaud e seu *Géographie Socioculturelle* (RAIBAUD, 2011). Ainda podemos destacar um livro clássico de Eric Dardel, *L'homme et la Terre* (DARDEL, 1952), no qual “ele dá maior ênfase aos sentimentos humanos para os lugares e espaços” (ALMEIDA (2008, p. 42).

É possível que se pense que, atualmente e em última análise, que a Geografia Cultural é quase um correspondente da Geografia Humana, e muitos ainda perguntem *la géographie culturelle : qu'est-ce que c'est ? A quoi ça sert ?* (MEVEL, 2014)¹² Entretanto, parece-nos que a Geografia Cultural é mais do que uma interface da Geografia Humana com a Antropologia, os Estudos Culturais, a Sociologia, a História e a Arqueologia. Sua especificidade, como afirma o geógrafo catalão Horace Capel (1985), reside nos processos e nos conceitos integradores e não nos temas que ela estuda.

Pode-se acrescentar que a Geografia Cultural de corrente francesa dialoga pouco com a inglesa. Yves Raibaud é atualmente o pesquisador francês mais aberto a outras visões, pois trabalha com estudos pós-coloniais e gênero, o que o aproxima dos estudiosos ingleses. Em função do seu diálogo com estes pesquisadores (que avançaram na crítica da geografia) e também em função de serem geógrafos de matriz social, ele e outros estudiosos da Université Bordeaux 3 incluem *sociale* ao lado de *culturelle*. Cabe lembrar que o pensamento do

¹¹Joël Bonnemaïson *La géographie culturelle*, Éditions du CTHS, Paris, 2000.

¹² yannick.mevel.free.fr/IMG/.../geographie_culturelle. Acesso em 15/12/2014.

historiador e filósofo Henri Lefèbvre é comum à geografia francófona e à anglófona, e influencia ambas consideravelmente.

Finalmente, o que percebemos da Geografia Cultural é que não há uma definição para a disciplina. Ela é, na verdade, um campo aberto a diversas interpretações e correntes. O que compreendemos é que passou por uma série de atualizações sucessivas até chegar ao período atual.

Resumindo, a Geografia Cultural de fato iniciou nos Estados Unidos, com Sauer, com uma geografia de fundo arqueológico e historicista; atualizou-se na França através de uma abordagem durkheineana das identidades e representações coletivas, e se atualiza na dimensão crítica das ciências sociais a partir dos anos 1980 com as contribuições de Deleuze, Foucault, Lefèbvre e até da Linguística e de outros filósofos contemporâneos.

2.4 O que é a Geografia Cultural

Segundo Salete Kozel, professora pesquisadora da Universidade do Paraná, algumas áreas da Geografia, que abordam temas plurais ligados à hermenêutica, fenomenologia e existencialismo, ainda não contam com a unanimidade da comunidade acadêmica e são ainda hoje referenciados como *outros* pelos órgãos de fomento à pesquisa (KOZEL, 2013, p. 13). A essas abordagens a autora chama de “Geografias Marginais”. Em função disso, estudos subjetivos que se relacionam com percepções e representações sociais e culturais também podem ser enquadrados nessa “categoria”. Para a autora, isso é de certa forma uma incoerência, já que muito vem sendo feito a partir dessas geografias no país.

Mesmo sendo percebida como uma área à margem – já que se dedica a estudos ligados à cultura, tema subjetivo e que possibilita enfoques diferenciados e múltiplos aportes teóricos – e vista a partir de um olhar reducionista que apenas busca categorizar ciências em nichos, como se elas não se relacionassem, é justamente no caráter subjetivo e pluridisciplinar que está todo o potencial da Geografia Cultural.

Em suma, a Geografia Cultural é o campo da Geografia em que, segundo Claval (1999), as realidades sociais são explicadas através da cultura. Essa pequena definição já indica o nível de abrangência da área e a dificuldade que tivemos em compreendê-la no

âmbito das Ciências Humanas e Sociais. A própria definição refere a um amplo leque de possibilidades através da expressão “realidades sociais”, que pode dizer respeito a muitos fenômenos e situações da sociedade, e também da palavra “cultura”, por si só polissêmica nas Ciências Sociais (cf. CORRÊA, 2009). Ainda que entendamos que ela se compõe de uma rede de relações – e que seu valor está justamente nessa feição característica – identificá-la é o primeiro passo para nosso estudo terminológico.

Corroborando nossa impressão de que se trata de um domínio científico de difícil sistematização, Almeida (2008, p. 34), afirma que os estudiosos da Geografia cultural se dedicam a várias questões, como a representação da natureza, a construção social, o cotidiano, as identidades, a cultural “material”, os costumes sociais e os significados simbólicos. Para a autora, isso implica estudos pautados em mais de um “escopo teórico-metodológico”, o que nos aproxima mais da noção de “geografia marginal”, cunhada por Kozel. Diante dessa afirmação, poderíamos pensar que a própria Geografia Cultural se subdivide em várias outras geografias. Entretanto, para Claval (1999) isso não seria possível justamente pelo fato de ela não ser um novo campo científico – pois há muito tempo se desenvolve essa abordagem dos estudos geográficos – que pudesse se ramificar, mas, sim, um novo modo de *pensar a geografia*.

Uma evidência da necessidade da autonomia da área é a alta produção científica sobre uma enorme diversidade de temas em inúmeros livros, artigos e teses na França, Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra. Isso se dá em função das bases surgidas nas escolas anglo-germânica, norte-americana e francesa de Geografia Cultural (CLAVAL, 1999) em cada uma das quais os fatos culturais são percebidos de maneira peculiar de acordo com a fundamentação teórica privilegiada pelo grupo de pesquisadores.

Dentre a diversidade de enfoques Geografia Cultural, o foco de nosso trabalho prioriza a escola francesa, ou, pelo menos, o que se tem produzido na França nos últimos vinte anos.

Sobre a divulgação e produção científica da área no Brasil, a Universidade de São Paulo (USP) era a principal formadora doutores em Geografia até os anos 1990 (ALMEIDA, 2008). Segundo essa autora, foi a postura marxista da USP que provocou em outras universidades o surgimento de novas possibilidades teórico-metodológicas na geografia, como o humanismo. Atualmente, nota-se um crescente interesse pela Geografia Cultural, tanto de trabalhos que afinam com a área quanto de pesquisas que se classificam como tal nos eventos científicos da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e Associação Nacional de

Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE). Isso se dá em função de um grande contato dos pesquisadores brasileiros com geógrafos estrangeiros que adotam esta abordagem, do crescimento de linhas de pesquisas tratando de práticas culturais nos programas de pós-graduação e ainda do diálogo mais intenso com outras áreas (ALMEIDA, 2008).

Soma-se a isso o fato de que Geografia Cultural é hoje enfoque de diversos grupos de pesquisadores no país. O principal deles é o Núcleo de Pesquisa sobre Espaço e Cultura (NEPEC), fundado no ano de 1993, pelos pesquisadores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Correa. Trata-se de um núcleo de excelência no âmbito da Geografia, situado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que se insere no Programa de Extensão em Estudos Avançados em Geografia, Religião e Cultura (PEAGERC) e foca suas pesquisas em Espaço e Religião, Espaço e Cultura Popular e Espaço e Simbolismo. Além disso, o núcleo se preocupa em difundir o “fenômeno da cultura em sua dimensão espacial a partir da geografia cultural pós-70 e tem grande relevância e reconhecimento acadêmico em todo o Brasil e em países da América Latina e Europa.”¹³ O NEPEC ainda é responsável por um periódico de publicação semestral intitulado *Espaço e Cultura* e pela série de livros sobre a geografia cultural. Logo após o surgimento do NEPEC, foi fundado o Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Turismo e Cultura na Universidade Federal de Goiás, em 1999. Além deles, podemos citar a existência, desde 2008, do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural, situado na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense e responsável pela publicação semestral (afora os números especiais), desde 2011, da revista *Geograficidade*.

Devemos também mencionar o Núcleo de Estudos em Espaços e Representações (NEER), composto por equipes de 19 universidades do país¹⁴. Segundo Kozel (2013, p. 13), as pesquisas vinculadas ao NEER trabalham no intento de produzir estudos sobre

[...] a análise da construção e das transformações do espaço por meio de práticas que são culturalmente definidas e diversificadas enquanto representações. Inclui a diversidade das territorialidades a partir dos

¹³Disponível em <http://www.nepec.igeog.uerj.br/> Acessado em 20/10/2014.

¹⁴ São elas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Luterana do Brasil do Rio Grande do Sul (ULBRA-RS); Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG); Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal do Ceará (UFCE), Universidade Federal do Tocantins (UFTO)

conceitos culturais elaborados por grupos sociopolíticos, socioeconômicos, religiosos e étnicos [...] (KOZEL, 2013, p. 13).

Tais pesquisas surgiram da vontade de que se desenvolvessem pesquisas na interface de áreas como a Sociologia, a Antropologia, a História, a Linguística, entre outras, e os estudos sobre espaço, cultura, percepção e representação. Os estudos empreendidos na área, ao longo do tempo, levaram ao entendimento de que

[...] A contribuição deste segmento da Geografia está na sua capacidade de incorporar conteúdos simbólicos fundamentais que levam homens e grupos a valorar suas ações e relações – com o espaço e com outros homens – sob diferentes formas, realçando o papel simbólico da cultura [...] [...] A Geografia Cultural, *“aparentemente condenada ao declínio da uniformização técnica, reencontra seu dinamismo, ligando-se às representações e aos sentimentos de identidade que lhe estão vinculados”*. (SANTOS, 2000. p. 2-5; p. 17).

Este olhar cultural pauta uma série de possibilidades de pesquisas na Geografia Cultural: o imaginário, a identidade, o território, a sociedades, a paisagem, aspectos da vida humana, os símbolos, os espaços, o lugar, o meio, entre outros. A Geografia Cultural gera infinitas novas perguntas e respostas para as diversidades e complexidades do mundo contemporâneo – e unifica-se através de questões sobre os significados, as representações, sentidos de lugar nas sociedades multiculturais (ALMEIDA, 2008). Como a própria Almeida (2008, p. 50) afirma, atualmente uma das principais características da Geografia Cultural é a “concepção de que o conhecimento é múltiplo e situacional”.

À guisa de conclusão da tentativa de revisão bibliográfica que empreendemos, trazemos as palavras do professor do Álvaro Heidrich:

[...] Este – o mundo – é completamente a geografia: nossa formação impregnada de história, conflitos, estruturas, usos, intercâmbios e significados. Fazemo-nos corpo social por meio da compreensão destas experiências, que manifestam sua coesão ao mesmo tempo em que seu conflito interno. Apesar de estarmos embebidos do mundo – portanto, da geografia –, podemos compreendê-lo, não como algo imanente, mas por meio daquilo que ele produz em nossos sentidos [...] (HEIDRICH, 2013, p. 54).

Nossa dissertação pretende fazer uma análise textual da utilização de conceitos e definições que “dizem” a geografia cultural, campo de conhecimento especializado de difícil delimitação, e que se constitui de uma série de laços. Compreendemos que a Geografia Cultural, através do seu caráter multi-trans-interdisciplinar, expressa o fazer da cultura humana nos/sobre os espaços físicos e não físicos naturais (e não naturais) do planeta, em suas múltiplas e diversas formações.

Como vimos, os afazeres da geografia cultural também se materializam sob a forma de textos científicos registrados em uma série de periódicos da área, forma de socialização dos seus “achados” científicos. É a eles que dedicaremos nosso estudo.

Entendemos, portanto, que a Geografia Cultural compõe um vasto campo de investigação para os terminólogos, uma vez que, diante de uma fértil produção científica, o interesse pela língua francesa de alunos e professores vinculados a ela tende a crescer. Assim, vemos nesta pesquisa uma importante oportunidade de favorecer o intercâmbio desse conhecimento específico entre as duas línguas e culturas.

Do mesmo modo, a Terminologia se configura como uma ciência abrangente e tem como objeto de estudo diferentes áreas do conhecimento. Para realizar suas atividades, essa ciência tem se apoiado em diferentes teorias. Dessa forma, no capítulo a seguir, explicitaremos as nossas escolhas de modo a apresentar e justificar o escopo teórico da nossa pesquisa.

3 TERMINOLOGIA: REFERENCIAL TEÓRICO

Abordamos neste capítulo os aspectos que dizem respeito aos fundamentos teóricos utilizados em nossa pesquisa que se situa nos estudos da linguagem especializada. Descrevemos nossa filiação teórico–metodológica, que se baseia nos aportes da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (cf. CABRÉ, 1993; 1999) em parceria com os recursos da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2000). Para nosso trabalho, que entendemos ser uma abordagem exploratória da terminologia da Geografia Cultural, visando à posterior construção de um glossário bilíngue, são necessárias algumas considerações sobre o nosso entendimento de linguagem especializada, texto especializado e terminologia e, conseqüentemente, termo.

Cabe lembrar que “os produtos terminográficos configuram-se como instrumentos que registram o componente léxico temático na sua forma plena, refletindo suas condições de uso nas comunicações especializadas” (KRIEGER; FINATTO, 2004). Aliando isso ao fato de que a Geografia Cultural se configura como uma área que se inter-relaciona com outros domínios das Ciências Humanas, defendemos, de acordo com essas autoras, que as abordagens textuais que analisam o conjunto de fatores constitutivos das comunicações especializadas podem melhor considerar a diversidade de aspectos que envolvem o conjunto dos objetos da Terminologia. A TCT (CABRÉ, 1999) cumpre esse papel, pois considera o termo como componente linguístico do todo textual especializado em que está inserido.

O capítulo se divide da seguinte maneira: a primeira seção (3.1) intitulada Terminologia, de onde partimos para, em seguida, uma seção sobre (3.1.1) o termo e para (3.1.1.2) o texto especializado. Encerramos com o item que se refere à (3.2) Linguística de *Corpus*.

3.1 Terminologia

Antes de adentrar nos nossos dois embasamentos teórico–metodológicos, convém esclarecer o que é a Terminologia, para que se possa compreender no que consiste nosso estudo e, logo, não estranhar a metalinguagem terminológica que empregamos aqui. Segundo

Sager (1990, p. 4) a Terminologia é: 1) um conjunto de práticas e métodos usados para a compilação, descrição e apresentação dos termos; 2) uma teoria, premissas, argumentos e conclusões que explicam as relações entre conceitos e termos; ou 3) o vocabulário de um campo específico: descreve o vocabulário de uma área específica, coleta palavras que são normalmente associadas a uma disciplina em particular.

E ainda, segundo Krieger & Finatto (2004, p. 13), a Terminologia é “campo de conhecimento que toma o chamado léxico especializado como seu objeto principal de interesse”. As autoras salientam que o termo *terminologia* tem valor polissêmico, pois “tanto pode significar os termos técnico–científicos, representando o conjunto das unidades lexicais típicas de uma área científica, técnica ou tecnológica, quanto o campo de estudos”.

Ainda que a Terminologia se volte igualmente para outros dois objetos de interesse – a fraseologia e a definição –, os quais também articulam os fundamentos da linguagem especializada, é a partir do termo que ela se desenvolve primordialmente e é sobre ele que nos debruçamos nesta pesquisa.

Em geral, é abundante a presença de unidades terminológicas nos textos especializados onde elas são nós conceituais das áreas em que se inserem. Com isso, para que possamos adentrar num domínio técnico–científico, é necessário que tomemos certa intimidade com essas unidades. Do intento de fazer compreender (em diversos possíveis níveis) um apanhado de termos de uma área, quer dizer, uma terminologia, emerge o fazer terminográfico: glossários, bancos de dados e materiais de referência.

Esses glossários e/ou banco de dados são construídos a partir de uma série de bases teórico–metodológicas para que se chegue a um produto que sirva às necessidades do usuário. Nesse sentido, o usuário e a função são os dois itens que guiam as suas produções e o trabalho do terminógrafo; para chegar até o produto final, há todo um percurso a ser percorrido. O primeiro passo, quando se trata da elaboração de um material sobre uma área cuja terminologia não foi estudada, é o reconhecimento da área e o conseqüente levantamento preliminar de alguns dos seus termos. Por isso, é necessário ter em mente quais são os aportes teóricos fundamentais para a pesquisa.

Então, primeiramente descrevo aqui o desenvolvimento das novas teorias de terminologia, em específico da TCT (CABRÉ, 1999) em relação ao trato dado ao estudo

terminológico pelos adeptos da Teoria Geral da Terminologia – TGT (WÜSTER, 1979) no que diz respeito especialmente às terminologias das Ciências Humanas.

Sendo assim, passo a descrever como se considera a terminologia em trabalhos pautados na TGT a fim de que possamos observar como se tornou imprescindível a adoção, aqui, de uma teoria que abarcasse as unidades terminológicas não como unidades autônomas, mas como componentes de uma linguagem natural e de sua gramática.

A TGT, pensada e elaborada pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster (1898–1977), surgiu como pilar dos estudos terminológicos com a premissa de controlar e padronizar os usos terminológicos, a fim de que em todo o mundo se atingisse uma – considerada fundamental para a internacionalização nos campos profissionais – univocidade comunicacional das linguagens técnico–científicas. Isto é, para Wüster, a Terminologia se incumbia da compilação de conceitos referidos por termos unívocos e normalizados.

Segundo essa teoria, língua comum e língua de especialidade não se perpassam: enquanto as palavras pertencem à primeira, os termos só aparecem na segunda. Sendo assim, para Wüster, os termos são unidades compostas de conceito e denominação únicos, em que o primeiro precede a segunda, e sua identidade só se justifica dentro de apenas uma especialidade. Logo, há uma excessiva preocupação com os conceitos – sua essência, formação, relações, definições, atribuição de termos a conceitos e/ ou de conceitos a termos (KRIEGER; FINATTO, 2004). Contudo, a sistematização de conceitos, a busca pela univocidade comunicacional dos termos, pela padronização, pela definição, isto é, o estabelecimento de limites aos conceitos não cabe mais se pensarmos em estudar as linguagens especializadas de domínios das Ciências Humanas – em que a linguagem dita técnico–científica não é tão dura, evidente, precisa e objetiva. E mesmo em outras áreas, a univocidade parece utópica, se pensarmos em uma concepção de ciência globalizada e inter-relacionada em que os conhecimentos – e, logo, os conceitos – vão se construindo, se atualizando e transformando a cada pesquisa e em cada trabalho a partir de uma enorme rede de relações. Essa ciência é sobretudo descrita através de uma numerosa diversidade de variedades linguísticas e comunicacionais que implicam, para um bom estudo terminológico, observações *in vivo* (CABRÉ, 1993).

Essas considerações sobre a não univocidade dos termos culminou no aparecimento, nos anos 1990, de diversas correntes de caráter descritivo que não se alinham à rigorosa orientação da TGT: a Socioterminologia (GAUDIN, 1993; BOULANGER, 1995), que buscou

explicar os diferentes usos terminológicos, o que implicaria a variação terminológica; a Terminologia Sociocomunicativa (TEMMERMAN, 1997), que busca aliar aspectos sociais e culturais à cognição; a Terminologia Cultural (DIKI-KIDIRI, 2000, 2002), segundo a qual os conceitos não são universais, uma vez que cada cultura expressa o conhecimento especializado de acordo com a sua visão de mundo; e a Terminologia Textual, que estuda não só os termos nos textos como outros aspectos linguísticos envolvidos nos textos especializados.

A TCT também surge desse intento de se observar a Terminologia sob uma ótica mais abrangente, como um campo interdisciplinar construído a partir da junção da tríade: teoria do conhecimento, teoria da comunicação e teoria da linguagem.

3.1.1 O termo

Conforme Cabré (1999, p. 123-125), os termos são “Unidades que formam parte da linguagem natural e da gramática que descreve a língua. Dentro desta gramática, os termos não são unidades autônomas que formam um léxico especializado diferenciado. Assim, seu caráter de termo não se dá por si, mas em função do uso de uma unidade léxica em um contexto expressivo e situacional determinado.” A autora ainda explica que “um termo é uma unidade de características linguísticas similares, utilizada dentro de um domínio de especialidade. Deste ponto de vista, uma palavra que forme parte de um âmbito especializado seria um termo.” (CABRÉ, 1999, p. 125). Os termos não pertencem a um âmbito específico, mas são utilizados em um campo com um valor singular dado através e somente da/naquele ambiente textual.

Para a TCT, as unidades terminológicas são poliédricas e podem ser estudadas a partir de três ângulos: considerando a sua face linguística, sua face cognitiva ou sua face comunicativa. A partir da linguística, a identificação e descrição e/ou análise dos termos ou de outras unidades especializadas partem do texto produzido por especialistas, pois é no seu contexto de uso real, *in vivo*, que se estabelece seu valor especializado. A partir da cognição, diferem-se os conhecimentos especializado e não especializado. Finalmente, na perspectiva da comunicação, identificam-se os diferentes contextos situacionais em que as unidades são

utilizadas e, portanto, os aspectos pragmáticos (âmbito, temática, tipo de texto, funções do texto, interlocutores, etc.) que interferem no uso.

Conforme nos diz Lérat (1995, p. 20), “a língua especializada é uma língua natural considerada como vetor de conhecimentos especializados”¹⁵. Dessa forma, os termos são as unidades léxicas cujo valor pragmático é ativado nessa comunicação especializada. Logo, os termos relativos à Geografia Cultural nada mais são que as mesmas palavras da língua comum, inseridas em um contexto científico–informativo que lhes confere um valor terminológico. Por exemplo, podemos antecipar que a palavra *lieu* pode assumir tantas acepções em outros domínios e na língua comum quanto nos textos da Geografia Cultural.

Sendo assim, podemos ratificar que o termo é “uma entidade complexa, cujo reconhecimento consiste numa das mais difíceis tarefas do trabalho terminográfico” (KRIEGER, 2001, p.112), especialmente neste trabalho que se debruça sobre a Geografia Cultural, área que dialoga, cruza e permeia tanto outras áreas quanto subáreas da própria ciência geográfica. Como dissemos, termo e palavra diferem somente quanto ao ambiente em que ocorrem, e é por essa razão que sempre vai haver semelhanças e fenômenos comuns entre um e outro, por exemplo a polissemia, como defendem as orientações de cunho linguístico, tal como a TCT.

3.1.2 O texto especializado

Segundo Beaugrande, (1996 *apud* MACIEL 2006) “a Terminologia da atualidade não se preocupa somente em saber como dado conhecimento se estrutura, mas quer examinar também a maneira como tal conhecimento é comunicado aos diferentes grupos sociais que dele precisam”. Isto é, os termos são hoje (e, portanto, esta pesquisa) estudados, observando-se em que contexto estão inseridos – e isso abrange desde a intenção da produção do texto técnico–científico até seu público–alvo, passando pelo contexto sociohistórico em que é produzido. Assim, “a particularidade deste pensamento inovador está na proposição de compreender a unidade terminológica à luz de um ponto de vista descritivo. Mais ainda, tratar de terminologia técnico–científica é tratar de questões das línguas e não de um constructo

¹⁵ “La langue spécialisée est une langue naturelle considérée en tant que vecteur de connaissances spécialisées” (tradução nossa).

formal idealizado a serviço de uma comunicação restrita ao âmbito dos especialistas” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 34).

Nesse sentido, o papel do estudo da terminologia nas linguagens de especialidade – sobretudo em casos como nosso, em que vemos a abrangência e confluência da sua terminologia – deve ser analisado sob uma perspectiva co e contextual, tendo em vista, como já afirmamos, que o valor do termo é indissociável do texto em que está inserido. Segundo Dubuc (1992, p. 4), “a identificação do conceito através da análise contextual se revela o elemento fundamental da pesquisa terminológica”¹⁶. A terminologia de uma área temática faz parte de uma rede de termos, donde sua identificação só é possível a partir de uma abordagem que abarque compreensões contextuais.

A respeito disso, Krieger (2004, p. 331) afirma que foi “o papel do texto, mais exatamente, o princípio do exame do comportamento das terminologias em seus reais contextos de ocorrência que determinou o desenvolvimento atual da Terminologia”. A autora ainda prossegue afirmando que a esse tipo de análise tornou-se um princípio metodológico para as investigações terminológicas, como se tornou imprescindível na nossa pesquisa.

Confirma Maciel (2006, p. 2) que “quando se trata da terminologia de domínios que contemplam múltiplos aspectos do mundo e do comportamento quotidiano do homem, as relações entre linguagem, campo temático, interlocutores e intenções se processam de maneira dinâmica em um universo que não é somente cognitivo, mas semiótico e semântico-pragmático”. Isso quer dizer que, nesses casos, é necessário que olhemos para o todo do ambiente especializado que se busca estudar, não apenas para a “materialidade” linguística do texto em questão, muito embora seja dele que se depreendam os candidatos a termo. A autora afirma ainda que esse universo exige a adoção de uma abordagem inter e transdisciplinar que possa dar conta da complexidade da comunicação especializada. Desta forma, no que diz respeito à análise terminológica da Geografia Cultural, área de estudo das Ciências Humanas, esse enfoque se torna uma obrigação. Assim, foi necessário adentrar no universo que reúne seus textos para, desta forma, observá-los na minúcia de seus contextos de uso.

Ainda a mesma autora aponta duas abordagens que entendem que o significado do termo se apresenta no uso da unidade lexical na comunicação e valorizam o texto no evento comunicativo e que, por isso, devem ser privilegiadas em uma pesquisa terminológica de uma

¹⁶ “[...] l’identification de la notion par l’analyse contextuelle apparaît comme l’élément fondamental de la recherche terminologique. [...]” (tradução minha)

área humana e social: a Terminologia Textual e a Linguística de *Corpus*. Aplicamos tais abordagens nesta pesquisa.

Conforme foi enfatizado nas considerações acima, o texto especializado é o ambiente natural, o *habitat* do termo. Cabe então definir qual a consideração de estudiosos da terminologia acerca do texto especializado. Destacamos Hoffman (2004), segundo o qual linguagem de especialidade é

[...] o conjunto de todos os recursos linguísticos que são utilizados em um âmbito comunicativo, delimitado por uma especialidade, para garantir a compreensão entre as pessoas que nela trabalham. Esses recursos conformam, enquanto sublinguagem, uma parte do inventário total da língua. Na composição de textos especializados, sua seleção e estruturação estão determinadas tanto pelo conteúdo especializado, quanto pela função ou finalidade comunicativa do enunciado, assim como também por uma série de outros fatores objetivos e subjetivos presentes no processo comunicativo [...] (HOFFMAN, 2004, p. 81).

Os textos especializados se diferenciam dos demais e se caracterizam na sua especificidade por uma série de recursos linguísticos, entre eles, o vocabulário especializado e a existência abundante de termos técnico-científicos no seu conteúdo – daí a relevância do seu estudo pelos terminólogos.

Hoffman muito acertadamente afirma, sobre as linguagens de especialidade, que “no ensino de línguas estrangeiras, as especificidades das sublinguagens desempenham também um papel na medida em que contribuem para a seleção e estruturação do material didático-linguístico por parte do professor” (HOFFMAN, 2004, p. 81) Tal afirmação confirma nosso objetivo de produzir um estudo dedicado à facilitação do trabalho dos professores de FLEI.

Krieger & Finatto (2004, p. 57) vão na mesma direção quando afirmam sobre a Terminografia Linguístico-Textual:

[...] Para o reconhecimento de uma terminologia, é também relevante a consideração pelos propósitos maiores que presidem a comunicação especializada, concretizada em textos de distintas tipologias e pertencentes a distintos universos de discursos, como o das leis, da economia, da administração, entre outros. Para tanto, é imprescindível analisar a constituição dos universos do discurso, compreendendo sua organização

narrativa, bem como a dimensão cognitiva e pragmática que os perpassam e animam [...].

Desse modo, entendemos que seja necessário conhecer as convenções do gênero textual com que se trabalha, a fim de observar não só o contexto de onde emergem os termos mais frequentes, mas as especificidades de cada área, que são decisivas na constituição do valor especializado que adquirem essas unidades lexicais (cf. KRIEGER; FINATTO, 2004) e, evidentemente, outras construções maiores, como, por exemplo, as unidades sintagmáticas e/ou fraseologias.

Também em relação a isso, Cabré (1999) assinala que “o caráter de termo não se dá por si, mas em função do uso de uma unidade léxica em um contexto expressivo e situacional determinado” e acrescenta que, ainda que o discurso especializado tenha três objetivos específicos: “a concisão, a precisão e a sistematicidade; concisão quanto à forma, precisão quanto ao conteúdo, e a sistematicidade quanto à estrutura” (CABRÉ, 1999, p. 171), há cinco fatores através dos quais podemos diferenciar terminologia do léxico comum, são eles: a) função; b) domínio; c) usuário; d) a situação de comunicação; e) os tipos de discurso.¹⁷

3.2 Linguística de Corpus

Levando em consideração a abordagem (con)textual do estudo terminológico, também se faz necessário que a Linguística de *Corpus* entre na constituição dessa investigação. “Ela prioriza o modelo de língua que considera três aspectos principais: o desempenho dos falantes, os fatos psicológicos da competência individual juntamente com os fatos sociais da língua como sistema” (STUBBS, 1996). Segundo Berber Sardinha (2000), ela ocupa-se da coleta e exploração de *corpora*, isto é, de conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Dedicar-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas através do

¹⁷ “cinq facteurs principaux permettent de différencier terminologie et lexique commun: a) fonction; b) le domaine; c) les utilisateurs; d) les situations de communication; e) les types de discours.” (Cabré, 1998 p. 192) (tradução nossa)

computador. Ela diz respeito não só ao uso do computador, pois os dados serão extraídos de coletâneas de textos arquivados e processados com auxílio de programas informatizados, mas principalmente ao princípio de que é no contexto que se configura o significado. Ou seja,

[...] Corpus é um artefato produzido para a pesquisa. Assim, embora os textos devam ser naturais (autênticos e independentes do corpus), o corpus em si é artificial, um objeto criado com fins específicos de pesquisa. Corpus é uma coletânea de porções de linguagem que são selecionadas e organizadas de acordo com critérios linguísticos explícitos, a fim de serem usadas como amostra da linguagem [...] (BERBER SARDINHA, 2004).

Dessa forma, para que o *corpus* desta pesquisa – mesmo sendo um constructo “artificial” – seja ilustrativo, preocupamo-nos que os textos compilados sejam autênticos, isto é, todos provenientes de um ambiente em que a linguagem especializada da área fosse abundante e dos quais naturalmente possam ser depreendidos os modos de dizer da área.

O terminólogo valoriza o texto escrito como principal lugar de registro da comunicação do especialista. No texto, a informação científica e tecnológica toma forma e se transmite através da linguagem, e as palavras adquirem o valor peculiar que lhes confere a especificidade da área e o estatuto de integrantes de uma terminologia. Por essa razão, a compilação de um conjunto de textos autênticos – de onde emerja a linguagem da área de forma natural e abundante – e a conseqüente constituição do *corpus* com esses materiais são passos indispensáveis para a realização de um estudo que vise levantar a terminologia de uma área cuja linguagem ainda não foi estudada, como é o caso da Geografia Cultural.

Em outras palavras, a importância do estudo do texto especializado não está somente no fato de que ele é evidentemente o ambiente onde é mais abundante a ocorrência de termos. Ela está também no inegável caráter particular que a linguagem de área carrega, como assinalado por Hoffman (2004), e que exige um olhar diferenciado de acordo com o domínio com o qual o terminólogo trabalha. Essa observação dos recursos próprios de cada texto especializado tem papel decisivo quer seja para que possamos dar valor aos termos – que muitas vezes no caso da Geografia Cultural são oriundos da linguagem dita geral –, quer seja para que se possam compreender convenções textuais desta ou de outra área científica.

O que nos interessa da observação dos textos especializados que compõem o nosso *corpus* é lembrar que eles não são constructos fixos que apresentam conceitos rígidos e

prontos. São um meio de manifestação de correntes, filiações teórico-metodológicas, ideologias e opiniões muito particulares de seus autores, sobretudo no caso de uma área como a Geografia Cultural, que está na interface com outras e que acolhe de certo modo livremente a ideia dos seus pesquisadores. Ainda que divulgados de acordo com indicações de edição de uma dada publicação, podem emergir dali diferentes maneiras de observar o mesmo conceito, ou de conceitualizar o mesmo objeto de observação. Serão sempre apreensões “particulares” do mundo.

Como afirma Finatto (2003),

[...] a linguagem científica ou técnica corre o risco de ser apresentada como algo associado à imagem de um saber sem autoria definida, como se fosse algo feito por si próprio, como que se nenhum sujeito a tivesse produzido ou nela se auto-representasse. Esse tipo de compreensão dos textos científicos revela a persistência de uma idéia de que há “neutralidade científica”, tal que teríamos enunciados “assépticos”. Ora, como bem sabemos, o texto científico, mesmo das áreas mais “duras”, é tão “humano” quanto qualquer outro, e isso não pode ser sublimado [...] (FINATTO, 2003, p. 219).

Observamos, então, que, tal como em muitas outras áreas relacionadas às Ciências Humanas, os artigos científicos da Geografia Cultural apresentam características de uma área que está na inter-relação de várias outras e não seguem um rígido padrão macroestrutural. É justamente por isso que se torna imprescindível a observação dos termos *nos* textos, pois só através deles é que se torna possível a identificação das terminologias.

Buscamos compreender o nível conceitual dos termos a partir da observação dos contextos de ocorrência, logo, de uma busca por contextos definitórios. Segundo Finatto

[...] a definição terminológica (doravante DT) se particulariza por ser o enunciado–texto que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência. Nesse caso, grosso modo, definir equivale a expressar um determinado saber, uma porção de conhecimento especializado. Esse enunciado envolve, portanto, uma representação conceitual particular, vinculada a um saber técnico, científico ou tecnológico [...] (FINATTO, 2004, p. 74).

Ademais, podemos afirmar que no âmbito da nossa pesquisa, analisar o contexto dos termos é necessário e imprescindível. Logo, mais uma vez estamos de acordo com Krieger (2004, p. 334), para quem os aportes da Terminografia linguístico–textual “são operacionais no plano da determinação do valor terminológico de uma unidade lexical”, donde a relevância de buscarmos as definições, que amparam a identificação primeira dos termos, através de *contextos definitórios* extraídos do próprio *corpus* ou, em última instância, de um *corpus* de apoio.

Uma vez definidos os aportes teóricos que fundamentam o trabalho, cabe apresentar de que maneira e com quais ferramentas realizamos os procedimentos de pesquisa. Dessa forma, no capítulo que segue passamos a descrever os materiais, métodos e procedimentos de análise utilizados no desenvolvimento do estudo.

4 METODOLOGIA

Este capítulo explicita a metodologia de pesquisa escolhida para o trabalho. Ele se insere no quadro teórico-metodológico que prioriza a comunicação especializada no contexto real de uso, a Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1993). Nessa perspectiva, utilizamos, como principais ferramentas para o estudo, uma amostragem dessa comunicação em um conjunto de textos atuais de uma conceituada revista de Geografia Cultural e um *software* de análise textual.

O estudo se divide em três etapas. A primeira foi a leitura de textos da Geografia Cultural para melhor caracterizá-la. A seguir, foi construída uma árvore de domínio, através da qual foi possível observar com que outras áreas da Geografia esta abordagem se relaciona e o que ela estuda para, em etapa posterior, partir para a construção de um mapa conceitual do recorte da área enfocada, conforme definido pelo estudo piloto. A metodologia e o *software* escolhidos para a realização do trabalho foram previamente testados no piloto. Para contrastar a linguagem da área com a linguagem comum, utilizamos também um *corpus* de referência.

Antes de apresentarmos os materiais e procedimentos adotados, descrevemos o piloto, que se revelou fundamental para nosso trabalho.

4.1 Estudo Piloto

Nesta seção apresentamos, então, os fundamentos, procedimentos e resultados do estudo piloto. Esse estudo deu origem a mudanças no rumo do trabalho e julgamos que ele tenha sido de extrema utilidade na configuração do trabalho apresentado aqui.

4.1.1 Descrição

O piloto foi realizado como teste da metodologia, do *software* e também do *corpus* de estudo que, inicialmente, era bilíngue (francês e português). Dessa forma, o recorte do *corpus*

para análise se compôs de seis artigos da revista francesa *Géographie et Cultures* e seis do periódico brasileiro Geograficidade¹⁸ (do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural¹⁹ que reúne, desde 2008, estudiosos de várias universidades do país e é sediado na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense). Esta publicação nacional foi escolhida por indicação dos especialistas da área, por ter sido fundada recentemente, no ano de 2011. Tanto os artigos brasileiros quanto os franceses foram extraídos das publicações mais recentes²⁰, para observar o que está realmente em uso nos textos da Geografia Cultural no momento atual.

Por fim, depois da execução dos procedimentos – solicitação de listador de palavras, concordanciador, listador de N-gramas e *clusters* – com o auxílio do *software* AntConc (ANTHONY, 2008) no material de ambas as línguas de trabalho –, os resultados foram comparados, para extrair uma visão geral da área.

Nos resultados apresentados pela solicitação das listas de palavras nas duas línguas, já se observaram palavras que, mesmo com baixa frequência, aparecem em ambas e que permeiam a maioria dos textos acadêmicos da área. A partir dessas palavras de busca, foram pesquisadas no *corpus* suas relações e seus desdobramentos. São elas: *espace/espaco*, *lieu/lugar*, *territoire/território*, *identité/identidade*, *représentation/representação* e *médiance/mediação*.

Os termos *espaco*, *lugar*, *território* representam conceitos-chave da Geografia, assim como de outras ciências; *espaco*, por exemplo, é extremamente importante na Física. São também correntes na língua geral e em cada uma dessas áreas adquirem um valor que é estabelecido por seu entorno. *Lugar e território* também ilustram muito bem a condição das Ciências Humanas, cuja terminologia é de difícil determinação. Podem assumir muitos valores, já que estes se atualizam no contexto de uso. Além disso, os exemplos citados da Geografia se desdobram e permeiam outras subáreas dessa ciência. Isso significa que, além dos assuntos enfocados pela Geografia Cultural, é possível que os termos *espaco*, *lugar*, *território*, *identidade*, *representação* e *mediação* adquiram um novo valor, em outra

¹⁸ Disponível em <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade> Acessado em 19/08/2014.

¹⁹ Disponível em <https://geografiahumanista.wordpress.com/>

²⁰ A publicação mais recente da revista francesa - portanto a escolhida para esse piloto - é a de número 83, datada do terceiro trimestre de 2012. Da revista brasileira, foi escolhida a de número 1 do verão de 2012 (essa publicação é dividida por estações do ano).

abordagem. Assim, o valor desses termos não se pode ser determinado *a priori*, mas tão somente quando observado seu contexto científico e, sobretudo, específico.

O estudo piloto comprovou o que defendem os teóricos da TCT, ou seja, os termos da Geografia Cultural, assim como de outros domínios científicos, estão no todo da língua comum e têm seu valor atualizado pelo ambiente científico em que estão inseridos.

O piloto revelou então que a abrangência – e a confluência – da área demandariam um trabalho de coleta mais exaustivo e mais longo para abranger toda a terminologia, sobretudo no caso de um trabalho bilíngue.

Portanto, depois desse piloto, decidimos restringir nossa pesquisa ao reconhecimento da área como um todo, levantando seus principais termos somente em língua francesa, o que nos pareceu mais exequível para uma pesquisa de mestrado. Escolhemos realizar o estudo em língua francesa e não portuguesa, pois ela é o ponto de partida da leitura dos alunos de geografia que chegam ao Instrumental interessados na Geografia Cultural.

4.1.2 Árvore de domínio

Num primeiro momento do estudo, a partir da leitura de textos da área, da consulta aos especialistas e da pesquisa na distribuição das áreas da CAPES, construímos uma árvore de domínio para observar como e onde a Geografia Cultural se situa no quadro das Ciências Humanas. A árvore de domínio deve ser feita antes da construção de um glossário com a finalidade de se ter uma aproximação inicial com a área de conhecimento. É um tipo de diagrama que “serve para que o pesquisador possa compreender algumas hierarquias básicas e também situar um recorte do reconhecimento terminológico para seu dicionário” (KRIEGER; FINATTO, 2004 p. 134).

Desse modo, chegamos à seguinte proposta:

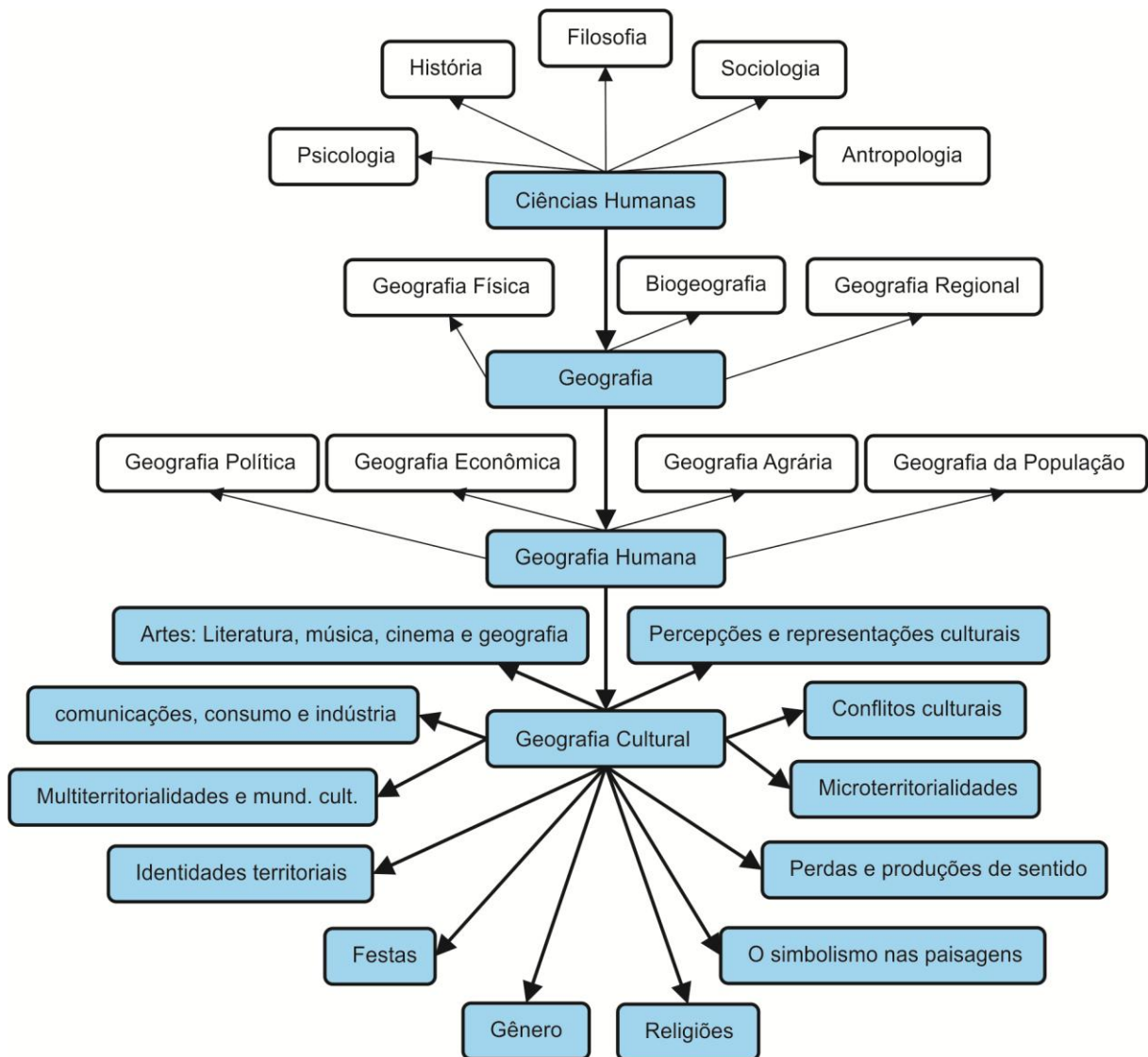


Figura 1. Árvore de domínio

A sistematização dos temas apresentada pela árvore de domínio se constitui em um instrumento auxiliar na coleta dos candidatos a termo e na posterior elaboração do mapa conceitual.

4.2 Materiais

Nesta seção, esclarecemos os materiais utilizados durante a realização da pesquisa. Ela está subdividida em 4.2.1 *Corpus* da pesquisa, 4.2.1.1 Construção: compilação, limpeza e organização, 4.2.1.2 Descrição e 4.2.1.3 *Corpus* de referência.

4.2.1 *Corpus* da pesquisa

Na tentativa de apresentar um esboço da configuração da terminologia da Geografia Cultural, decidimos, ao invés de estabelecer um recorte temático, fazer uma observação “temporal” da publicação francesa *Géographie et Cultures*²¹. Entendemos que um olhar sobre a evolução da linguagem especializada utilizada nessa revista ao longo dos anos pode nos aproximar de uma visão tanto mais “global” quanto precisa da área como um todo.

A escolha dessa revista – fundada pelo geógrafo Paul Claval, dirigida atualmente pela pesquisadora Francine Barthe-Deloizy e publicada trimestralmente desde 1992 pela editora L’Harmattan – se deu porque é considerada a maior referência da área. Em sendo assim, julgamos que cumpriria melhor o papel de fonte de pesquisa, ou seja, nosso *corpus*. Além disso, reúne trabalhos da maioria dos estudiosos do mundo que se interessam pelos fatos de cultura na Geografia e conta com oito pesquisadores que atuam como correspondentes no exterior; entre eles, dois professores brasileiros.

Vale destacar que essa revista

[...] nasceu do interesse renovado da geografia por fatos da civilização, da curiosidade das ciências políticas pelo espaço, e da descoberta de problemas do meio ambiente pelas ciências sociais. Ela testemunha a vontade dos geógrafos de se abrirem a outras disciplinas. A revista se endereça a todos estes que se questionam sobre as interações entre espaço e cultura, sob todas as latitudes e todas as escalas: historiadores, etnólogos, sociólogos, psicólogos, geógrafos, economistas ou escritores [...] (GEOGRAPHIE ET CULTURES, 2012).

²¹ Disponível em <http://gc.revues.org/> Acessado em 30/06/2014.

²² [...] est née de l'intérêt renouvelé de la géographie pour les faits de civilisation, de la curiosité des sciences politiques pour l'espace, et de la découverte des problèmes d'environnement par les sciences sociales. Elle témoigne de la volonté des géographes de s'ouvrir à d'autres disciplines. La revue s'adresse à tous ceux qui s'interrogent sur les interactions entre espace et culture, sous toutes les latitudes et à toutes les échelles : historiens, ethnologues, sociologues, psychologues, géographes, économistes ou écrivains [...] (Tradução nossa)

4.2.1.1 Construção: compilação, limpeza e organização

Para a construção de nosso *corpus* de estudo, coletamos todos os textos, de todas as seções, de todos os números disponíveis na página *online* da revista. O primeiro número disponível é o de número 1, do ano de 1992, denominado *Géographie et Cultures*, e o último é o de número 84, nomeado *Varia*, do ano de 2012. Como se vê, são 20 anos de uma intensa produção no campo da Geografia Cultural. Contudo, há 15 anos de publicações indisponíveis para *download* – de 1992 até 2007. Mesmo com essa lacuna, entendemos que a quantidade de números a que tivemos acesso já é suficiente para cumprir o objetivo deste estudo, que, segundo o que pudemos constatar, é o primeiro que se debruça sobre este domínio científico na perspectiva da Terminologia.

O procedimento inicial de organização do material foi a escolha e a coleta dos textos, através de *download* diretamente da página da revista. Com o intuito de ter essa visão “panorâmica” da área, optamos por utilizar todos os textos publicados nas diferentes seções da revista. Cada número da revista comporta entre 6 e 7 artigos, avaliados a partir de critérios elaborados para revistas científicas, que devem seguir as normas de publicação para artigos *standard*, com número de caracteres (de 35 a 40 mil) e distribuição em seções. Além da seção dos artigos *standard*, há ainda outras em que são publicados textos que eventualmente não correspondem a esse formato de artigo científico, mas cujo conteúdo é igualmente relevante. São as seguintes: *Lecture*, resenhas de outros textos e/ou livros; *Film*, textos específicos sobre cinema; *Note*, textos com formatos mais “livres” e que não se enquadram, portanto, nos critérios para submissão na primeira seção (seção *standard*); *L'écho de nos correspondants étrangers*, na qual os correspondentes estrangeiros apresentam textos sobre eventos e/ou outras observações concernentes ao país de onde escrevem; *Série*, onde se inserem os textos sobre séries televisivas; *Événement*, que apresenta textos sobre eventos que envolvam a temática cultural; e finalmente *Exposition*, que traz textos sobre exposições de arte.

Depois da coleta, todo o material foi salvo separadamente em pastas conforme o número da publicação. Assim, somamos 270 textos, distribuídos em 23 pastas nomeadas com o título do fascículo a que pertencem. Por exemplo: “N.1.1992.GÉOGRAPHIE ET CULTURES”.

Como os textos coletados encontravam-se em formato .pdf, eles foram convertidos um a um para o formato .txt, ou seja, sem formatação, pois é a versão lida pelo *software* AntConc (ANTHONY, 2008), utilizado para as análises do *corpus*. Depois de coletados, os textos foram organizados em pastas, mantendo o material salvo nos dois formatos, para que fosse possível, se necessário, recorrer ao formato original (PDF) durante a análise dos dados.

Em seguida, procedemos às operações de limpeza do *corpus*: retirada de todas as partes não textuais, cabeçalhos, folha de rosto, paginação, informações sobre os autores (nome, universidade de origem e *e-mail*), resumos/*abstracts*, notas de rodapé e referências bibliográficas, por não conterem informações relevantes para a coleta de termos. O conteúdo das tabelas e as legendas das figuras foram mantidos por conterem candidatos a termos.

Depois disso, criamos um Catálogo – lista com todos os textos organizados sistematicamente para identificação durante a análise dos dados – assim organizado: numa tabela, constam, de um lado, os títulos dos textos em código predeterminado (cuja legenda está previamente explicada no ANEXO A) e, de outro, os nomes dos autores e os títulos originais. Assim, por exemplo, criamos o código “gc61RP007” para o sétimo texto (007) do fascículo intitulado Roman Policier (RP), cujo número é 61, da revista *Géographie et Cultures* (gc). (ver ANEXO B, p.97)

4.2.1.2 Descrição

Como já foi dito, o *corpus* é composto por 270 textos, perfazendo aproximadamente 1.048.618 palavras. Esse total corresponde a 1.048.618 *tokens* (todas as palavras) e a 49.753 *types* (cada palavra diferente), cuja proporção, isto é, a divisão de *tokens* por *types* – 21,076 – sugere uma relativa riqueza vocabular do *corpus*.

A seguir, apresentamos uma descrição do *corpus* de estudo, conforme a tipologia de Berber Sardinha (2004, p. 20-22):

Tabela 1. Descrição do corpus

CRITÉRIOS	RESPOSTAS
Modo	Escrito
Tempo	Sincrônico – de 1992 a 2012
Seleção	Amostragem
Conteúdo	Especializado
Autoria	Especialistas
Língua	Monolíngue: língua francesa

4.2.1.3 *Corpus de referência*

Para contrastar com o *corpus* de estudo, utilizamos um *corpus* de referência, isto é, um *corpus* em francês, de língua comum não especializada, que funciona como “termo de comparação para a análise” (BERBER SARDINHA, 2004 p. 97). Escolhemos para tal, por ser livre e de fácil acesso, o *Corpus Francês* da Universidade de Leipzig²³, construído a partir das pesquisas do projeto *Leipzig Corpora Collection*.

Trata-se de um dos maiores bancos de textos de língua francesa contemporânea, com 700 milhões de palavras compiladas de jornais francófonos (mais de 19 milhões de frases), de páginas *web* (mais de 11 milhões de frases) e da *Wikipédia* (aproximadamente 6 milhões de frases). Esse banco de dados se destina ao grande público e também aos universitários, para que o utilizem no âmbito dos estudos sobre o francês contemporâneo. A partir das palavras consultadas, podem-se obter as seguintes informações: número total de ocorrências, categoria de frequência da palavra-chave, ou frequência relativa em função do mais corrente no *Corpus Francês*, lista de exemplos e relações para os exemplos suplementares contendo a palavra-chave, lista de palavras que apresentam uma afinidade importante com a palavra-chave, lista de palavras vizinhas de esquerda da palavra-chave, ou seja, que aparecem frequentemente antes da dela nas frases, lista de palavras vizinhas de direita da palavra-chave, ou seja, que aparecem frequentemente à direita dela, grafos ilustrando as relações semânticas entre a palavra-chave e as palavras que apresentam uma frequência importante nas mesmas frases.

²³ Disponível em http://wortschatz.uni-leipzig.de/ws_fra/ Acessado em 04/08/2014.

Além disso, inserindo um ponto de interrogação (?) ou um asterisco (*), antes ou depois da palavra-chave, é possível ter acesso a uma lista de palavras que contém a palavra-chave²⁴.

4.2.2 Ferramentas de Análise textual

O trabalho foi realizado com o auxílio de programa específico para a pesquisa linguística em *corpus* informatizado, a ferramenta AntConc. Trata-se de um *software* muito divulgado, de livre acesso e uso amigável, capaz de assistir o pesquisador na análise textual. Oferece um conjunto de ferramentas que possibilitam diferentes opções de pesquisa de itens lexicais. Desse conjunto, utilizamos o listador de palavras, *Wordlist*; o concordanciador, *Concordance*; a plotagem de concordâncias, *Concordance Plot*; o visualizador do contexto ampliado, *File View*; o gerador de *cluster* e de *N-gramas*, *Clusters e N-grams*; e, por fim, o identificador de colocados, *Collocates*.

4.3 Procedimentos de coleta e análise

Para a coleta dos candidatos a termo, retomamos os mesmos critérios do estudo piloto. Assim, os procedimentos abrangem duas etapas não estanques e que muitas vezes se confundem: a coleta e a análise, ambas sempre assistidas pelo *software* AntConc e à luz da árvore de domínio.

As etapas da coleta são as seguintes:

- a) a produção de uma lista de palavras, com a ferramenta *Wordlist*, que dá uma contagem de *types* e *tokens*, além do *rank* de frequência, isto é listagem em ordem da palavra mais frequente à menos frequente, e a frequência;
- b) escolha das palavras lexicais de maior frequência;
- c) produção de concordâncias com essas palavras, com a ferramenta *Concordance*, que mostra a palavra em contexto linear;

²⁴ Disponível em http://wortschatz.uni-leipzig.de/ws_fra/help.html Acessado em 04/08/2014. Tradução nossa.

- d) plotagem das concordâncias que permite a observação da distribuição dessas palavras nos respectivos textos do *corpus*, com a ferramenta *Concordance Plot*;
- e) exame do contexto das 30 palavras de frequência e distribuição significativas, com a ferramenta *File View*;
- f) geração progressiva de *clusters*, isto é, combinações de palavras que se repetem no *corpus*, começando com bi-gramas, com a ferramenta *N-gramas*.
- g) identificação de colocados: listagem das palavras mais frequentes que coocorrem com a palavra de busca.

À medida que esses procedimentos são aplicados, aparecem novas pistas para a coleta de prováveis candidatos a termos e os procedimentos se repetem.

4.4 Procedimentos de avaliação

a) Busca no *corpus* de referência: a avaliação dos dados coletados é procedida em primeiro lugar recorrendo ao *corpus* de referência. Para tanto, usamos cada provável termo como nóculo de busca de uma concordância, cujo contexto examinamos detalhadamente. Com isso, queremos verificar se o item pesquisado é uma palavra usada no *corpus* especializado com seu significado lexicográfico, isto é, como se encontra no dicionário de língua comum, ou se essa unidade lexical se refere a um conceito temático da Geografia Cultural.

b) Seleção e a categorização dos itens a serem submetidos organizados num mapa conceitual.

c) Construção do mapa conceitual. Finalmente, para concluir nossos procedimentos de pesquisa, organizamos os candidatos selecionados no mapa conceitual da área.

No capítulo seguinte, descreveremos o percurso traçado durante a pesquisa e os resultados a que chegamos através dos métodos e procedimentos descritos no presente capítulo.

5 RESULTADOS:

Neste capítulo, apresentaremos os resultados de nosso estudo sobre a linguagem da Geografia Cultural. Mostraremos os dados relativos ao levantamento terminológico a que nos propusemos neste trabalho de pesquisa em duas seções, organizadas da seguinte maneira: coleta dos dados (5.1) e organização dos resultados (5.2). Na primeira seção, ilustraremos os procedimentos da coleta a fim de demonstrar como desenvolvemos as análises com o *corpus* e a posterior identificação dos candidatos a termo; na segunda, apresentaremos uma tentativa de sistematização dos candidatos, visando sua posterior discussão e avaliação na discussão dos resultados, nosso capítulo seguinte.

Todas as citações diretas que se encontram neste capítulo são originárias do nosso *corpus* de estudo. Sendo assim, suas referências estão representadas em formato de um código , que remete para o catálogo (ANEXO B, p.97) criado na primeira fase da pesquisa e organização do material, conforme explicitado no capítulo Metodologia. Além disso, elas apresentam uma formatação particular – com recuo menor – que as diferencia das demais citações diretas dos outros capítulos da dissertação.

5.1 Coleta dos dados

A partir da lista gerada pela ferramenta *WordList*, a saber, cerca de 1048618 *tokens* e 49.753 *types*, selecionamos as trinta palavras lexicais mais frequentes em nosso *corpus*. Em seguida, procuramos em seu contexto de ocorrência elementos que sugerissem que essas palavras, além de seu significado canônico, tinham um significado especializado na temática da GC, podendo, portanto, ser selecionadas como candidatos a termo da área. Tal procura fez surgir, ao mesmo tempo, novas pistas para a coleta e motivou o descarte de itens como *été*, *effet*, *fois*, *manière*, *forme*. Dessa maneira, a lista inicial foi reduzida para 23 palavras (Tabela 2).

Tabela 2. 23 palavras lexicais mais frequentes

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	4130	espace + espaces
2.	2394	ville + villes
3.	1602	géographie + géographi*
4.	1491	pratique + pratiques
5.	1376	monde
6.	1297	lieux + lieu
7.	1055	temps
8.	948	corps
9.	932	années
10.	899	culture
11.	892	vie
12.	836	place
13.	826	pays
14.	815	territoire + territoires
15.	804	plage
16.	760	siècle
17.	750	politique
18.	732	nature
19.	691	public
20.	683	société
21.	673	pratique
22.	651	processus
23.	618	urbain

Baseando-nos nessa lista de 24 palavras, iniciamos as buscas a partir da palavra lexical de maior frequência bruta, *espace* (4.130 ocorrências no *corpus*). Observamos que *espace* mantém uma relação semântica com outras palavras da lista, como *lieu*, *territoire*, *monde*,

ville, place e *plage*. Verificamos, através da ferramenta *Concordance Plot*, que *espace* está distribuído de forma equilibrada no *corpus* de estudo, pois ocorre em 223 do total de 270 textos que o compõem.

Procuradas as palavras mais frequentes em seu entorno, através da ferramenta *Colocados*, encontramos as seguintes palavras lexicais: *public, urbain, ludique, géographique, vécu* e *social*. Então, a partir da lista dos colocados e com auxílio da ferramenta *Clusters*, buscamos combinações com o padrão [N1 + Adj] e [N1 + prep + XN], sendo, aqui, N1 = *espace* e prep = *de*. Os critérios da busca foram: extensão mínima 2, posição do termo (palavra-chave) à esquerda, frequência mínima 3 e distribuição homogênea (novamente utilizando *Concordance Plot*). Chegamos à seguinte seleção:

Tabela 3. Clusters *espace*

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	466	<i>espace(s) public(s)</i>
2.	174	<i>espace(s) urbain(s)</i>
3.	34	<i>espace-temps</i>
4.	34	<i>espace géographique</i>
5.	23	<i>espace vécu</i>

Continuamos fazendo o movimento entre as ferramentas *Concordance – File view* para observar tanto o cotexto – eixo sintagmático, horizontalmente na linha da concordância – como o contexto – eixo paradigmático – das palavras selecionadas e identificamos outros candidatos a termo. Nossa compreensão da área temática da Geografia Cultural foi se ampliando à medida que examinamos a localização de *espace* no cotexto e também no sentido vertical no contexto maior do parágrafo visto através do *File view*; em caso de dúvida, recorreremos ao próprio texto-fonte, o artigo em que *espace* ocorre. Por exemplo, o excerto abaixo, que aparece no texto intitulado “La forêt au cœur de la ville”, ofereceu muitas pistas.

[...] *La nature à Rio n'est donc pas seulement un « cadre naturel » qui a servi de support au développement urbain. Elle constitue un élément urbain à part entière, avec lequel il a fallu composer et qu'il a même fallu souvent « dominer » (voire détruire) pour répondre aux besoins de l'expansion urbaine. Assèchement des marais, destructions et percements des mornes, déforestation et pollutions des eaux sont ainsi autant d'actes bâtisseurs de la ville que le sont les éléments classiques de production de l'espace urbain (maisons, immeubles, routes, viaducs et ponts enchevêtrés entre la mer et les montagnes [...])* (gc62NS003).

Continuamos as buscas de outros termos relacionados a *espace* – seja por aproximação morfológica e semântica, como *spatial*, *spatialité*, apenas semântica, como *territoire*, e/ou pragmática, pelas associações dentro do discurso, como “*notamment ceux liés à*”. Nossa análise se deu tanto no eixo sintagmático como paradigmático do texto, conforme ilustrado nos exemplos abaixo.

[...] *Dans cette perspective ethnogéographique, l'espace est considéré comme une catégorie explicative, car il est porteur de sens e valeur. C'est pourquoi nous nous intéresserons tout particulièrement aux modèles spatiaux, notamment ceux liés à l'orientation et à l'image du corps humain. Nous privilégierons les inter-relations existant entre les réseaux sociaux, qu'ils soient fondés sur la parenté, la politique, l'économie ou la religion, et les réseaux spatiaux qui sont partie intégrante de l'identité ou plutôt des identités multiples et hiérarchisées enracinées à différentes échelles dans des territoires emboîtés [...]* (gc1GC001).

Foi a presença de *espace* no seguinte trecho – « *Médiance* » et « *géographicité* » sont deux termes convergents qui parlent d'une même chose : Le rapport de l'homme à la Terre (la nature, l'environnement) et à l'espace (gc63GM001) que chamou nossa atenção para *médiance* e *géographicité* e nos fez pesquisar *rapport*, que, de outra maneira, teria passado despercebido.

Nesse mesmo trecho se encontra *nature*, já elencada como uma das palavras mais frequentes. Realizando buscas a partir do radical *natur**, sua frequência dobra e chega a 1.274. Isso significa que há uma significativa presença de palavras que derivam de *nature*, o que o *Concordance Plot* confirmou, indicando que *nature* está em 140 do total de 270 textos do corpus.

Quando empregada a ferramenta *Colocados*, observamos que as palavras lexicais mais frequentes no entorno de *nature* são *sauvage*, *urbaine*, *société*, *environnante*, *ville*, *sacrée* e *humaine*. Assim como procedemos com *espace*, dessa lista prosseguimos para a solicitação de

Clusters, investigando combinatórias com os padrões [N1 + Adj] e [N1 + prep + xN], sendo N1 = a palavra nódulo da busca (nesse caso, *nature*) e prep = *de(s)*. Vale lembrar que o *corpus* não recebeu anotação morfossintática prévia, o que significa que nossas buscas por adjetivos foram feitas manualmente. Os critérios de busca foram os mesmos de *espace*: extensão mínima 2, posição do termo (palavra-chave) à esquerda, frequência mínima 3 e distribuição homogênea (novamente utilizando a ferramenta *Concordance Plot*). Encontramos com esse primeiro padrão as seguintes combinações:

Tabela 4. Clusters *nature*

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	4	<i>nature sauvage</i>
2.	4	<i>nature urbaine</i>
3.	3	<i>nature différente</i>
4.	3	<i>nature environnante</i>
5.	3	<i>nature humaine</i>

Já o segundo padrão, [*nature* + prep + xN], teve uma frequência maior: 40 com a preposição *de* no singular, somada a 23 do plural *des*, resultando numa frequência de 53. Além da preposição *de*, observamos que *nature* ocorre também seguida das preposições *dans* e *en* (ambas com frequência 25). Após esse resultado, modificamos um dos critérios da busca – extensão mínima 4 e 5 – para verificar o que acompanha essa construção. Além disso, produzimos concordâncias dessas expressões e pudemos observar seus cotextos de ocorrência.

As palavras lexicais mais frequentes que formam combinatórias a partir do padrão “*nature dans*” são:

Tabela 5. Clusters *nature dans*

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	8	<i>ville</i>

2.	3	<i>espace</i>
3.	2	<i>territoire</i>
4.	2	<i>capital</i>

A única palavra frequente a partir do padrão *nature en é ville*, o que também apontou para a necessidade de realizarmos buscas a partir dela.

Os *clusters* de *natur** gerados seguindo o critério de termo à direita, extensão mínima e máxima 1 e frequência mínima 2, para observar palavras que se aproximem morfologicamente de *nature*, apresentaram *naturel(lles)* com uma frequência de 436. Com essa busca, aumentamos a extensão dos *clusters* e encontramos como relevantes as combinatórias *espace(s) naturel(s)* (frequência 38), *milieu(x) naturel(s)* (frequência 32), *patrimoine naturel* (frequência 22), *environnement naturel* (frequência 10) e *ressources naturelles* (frequência 31). Observamos mais uma vez o entorno a partir do *File view*. Exemplo:

[...] Cette **patrimonialisation** par le haut ne doit cependant pas faire oublier que **l'appropriation de ces espaces naturels** par la population et la transmission de savoirs locaux sont également en jeu dans la fréquentation actuelle des parcs, perçus comme des morceaux de **nature en pleine ville**, et interrogeant à ce titre la distinction entre **nature et culture**, entre « brousse » (*kungoen bambara, weoogoenmoore*) et **ville** [...] (gc75PA005).

Examinamos vários contextos (*File view*) no eixo textual-paradigmático e percebemos a aproximação semântica de *appropriation*, *espace* e *nature*. Ao mesmo tempo, a expressão “*la distinction entre nature et culture*” sugeriu a necessidade de prosseguir a pesquisa.

Faltavam ainda *l'homme(s)*, cuja frequência é 919, e suas derivações. A ferramenta *Concordance Plot* também mostrou uma boa distribuição, já que no singular ela ocorre em 122 textos e no plural em 131 dos 270 do *corpus*.

Mais uma vez com o apoio de *Colocados*, buscamos as palavras lexicais que ocorrem no entorno da palavra-chave, nesse caso, **homme**. Encontramos: *femme, jeune, milieu,*

rappports, blanc e politique. Em seguida, seguimos para *clusters* no mesmo padrão e utilizamos os mesmos critérios das buscas anteriores. Com o padrão [N1 + Adj], não encontramos nenhuma combinatória de frequência significativa, apenas *homme politique*, com 6 ocorrências em 2 textos diferentes. Já com o padrão [N1 + prep. + xN], temos *l'homme de* com frequência 14, mas não nenhuma combinatória que se repita a partir dela. Contudo, durante essa busca e a observação dos cotextos com a ferramenta *Concordance*, chamou nossa atenção a combinatória a partir de [N1 + conj + xN] sendo conj = *et*, cuja frequência é de 47 com distribuição homogênea. Levantamos então as concordâncias de *l'homme*, cujo contexto – que está abaixo – nos levou a pesquisar *rapport*:

[...] *Une telle dispute signifie un tournant dans le rapport entre l'homme et le milieu pour deux raisons : (i) sous l'État, la structure politique des hommes subit une évolution et apporte un changement singulier à ce que Ratzel et Vidal appelaient des « organismes vivants » et qu'il faut étudier de façon attentive ; (ii) si jadis les distances et les accidents naturels étaient des obstacles, le progrès technique apporte la capacité de les dépasser [...] (gc75V007).*

As ferramentas registram 841 ocorrências de *rapport(s)* distribuídas em 145 textos no singular e em 107 no plural, nos 270 textos do *corpus*.

Na primeira busca de *rapport*, observamos com a ferramenta *Colocados* quais as palavras lexicais mais frequentes em seu entorno. Com a palavra-chave no singular, encontramos: *sensible, particulier, nouveau, complexe, spécifique e social*. Com a palavra-chave no plural: *sociaux, nouveaux, différents, sexuels, quotidiens, planches*. Em seguida, partimos para a solicitação de *clusters*, a fim de verificar a presença de combinações a partir dos padrões já utilizados nas buscas anteriores: [*rapport(s)* + Adj] e [*rapport(s)* + prep + xN]. Os critérios da busca também foram os mesmos já citados. Conforme imaginávamos, a investigação seguindo o primeiro padrão não rendeu boas respostas e apenas indicou que *rapport* não é eixo de uma combinatória. Contudo, quando trocamos a posição da palavra-chave para a direita, chamou nossa atenção o fato de que a palavra gramatical mais frequente à esquerda de *rapport* é *par*, ou seja, a expressão *par rapport* ocorre 173 vezes no *corpus*. Então, repetimos o movimento *Concordance-File View* para observar os ambientes em que está inserida essa construção. Por exemplo:

[...] *L'un mise en effet sur l'origine et l'autre sur le destin ; c'est toute la prise en charge du temps **par rapport** à l'espace, du territoire **par rapport** à l'itinéraire, l'Ici **par rapport** à l'Ailleurs, la population **par rapport** à la culture, la France **par rapport** à l'Amérique, l'endogamie **par rapport** à l'exogamie... et finalement, l'univers du discours **par rapport** au vécu [...]* (gc1GC003).

Como as buscas para observar quais palavras acompanham *homme* foram pouco significativas e indicaram raros adjetivos, partimos para a observação de *humain(s)*. Registramos 331 ocorrências. Os *clusters* – seguindo o critério de extensão mínima 2, posição do termo (palavra-chave) à direita, frequência mínima 3 e distribuição homogênea e o padrão [N1 + *humain*] – mostram os resultados abaixo:

Tabela 6. Clusters N1 + *homme*

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	58	<i>être(s)humain(s)</i>
2.	13	<i>corps humain</i>
3.	12	<i>groupe(s) humain(s)</i>
4.	6	<i>esprit humain(s)</i>
5.	7	<i>établissement (s) humain(s)</i>
6.	4	<i>organisme humain</i>
7.	3	<i>développement humain</i>
8.	3	<i>milieu humain</i>

Vimos também que *humanité(s)* ocorre 99 vezes e com boa distribuição. Repetimos os procedimentos acima descritos com essa palavra e constatamos que, conforme nos mostram os exemplos abaixo, ela sugere novas palavras que se relacionam semântica e pragmaticamente – tanto com *homme*, quanto com *humain* e *humanité* – e indicam a necessidade de um exame detalhado:

[...] *Il s'agit, en fait, d'un don qui nous a été légué, d'un espace que l'humanité, répondant à des signaux inconnus, a érigé un monument de sa propre condition, pétrie d'histoire, d'art, de*

circonstances, de génie, de mythes ou de religion. Il ne s'agit pas d'une donnée immédiate, mais de « quelque chose » que l'air a filtré et transmis dans le souffle des générations, et qui nous est parvenu à travers le patrimoine culturel [...] (gc64GI006).

[...] Les travaux d'Augustin Berque sur le sujet remettent d'aplomb cette ambiguïté. L'écoumène pour lui c'est: « L'ensemble et la condition des milieux humains... répétons ici que l'écoumène est une relation: la relation à la fois écologique, technique et symbolique de l'humanité à l'étendue terrestre. Elle ne se borne pas à la matérialité de l'étant physique. Cette relation que nous avons à la terre, fonde notre humanité même, elle en est la condition » [...] (gc80VII005)

Repetimos a análise textual e os mesmos procedimentos anteriormente descritos que atestaram 573 ocorrências de *milieu(x)* distribuídas em 190 dos 270 textos.

A ferramenta *Colocados* indicou como palavras mais frequentes no entorno de *milieu* no singular: *naturel, urbain, relationnel, rural, intérieur, extérieur, physique, humain, géographique*. No plural são as seguintes: *ambiants, naturels, populaires, intérieurs, extrêmes, urbains, sociétés, sociaux*. A geração de *clusters*, seguindo os mesmo critérios e padrões já explicitados, atestou os resultados descritos a seguir. Com frequência e distribuição significativas, seguindo o primeiro padrão [*milieu* + Adj], encontramos:

Tabela 7. Clusters *milieu* + Adjetivo

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	32	<i>milieu(x) naturel(s)</i>
2.	22	<i>milieu urbain</i>
3.	12	<i>milieu relationnel</i>
4.	8	<i>milieu rural</i>

Assim como observamos com *nature*, vimos que o segundo padrão, [*milieu* + prep + xN], apresenta uma frequência maior: somando todas as ocorrências da preposição *de*, quer seja na forma canônica ou na forma contraída (*des, d', du*), temos 124 ocorrências. Também aqui aumentamos um dos critérios de busca, a saber, a extensão mínima e máxima para 4 e 5,

para identificar o que acompanha essas expressões. Não encontramos nenhuma cuja frequência maior do que 3.

Repetindo o trajeto de leitura dos cotextos e contextos (ferramenta *Concordance* e *File view*), encontramos o parágrafo abaixo, no texto intitulado “*Champ et perspectives de la géographie culturelle*”, de Paul Claval:

[...] *A partir du moment où l'on prend conscience de la **différenciation de la culture en fonction des milieux**, la notion de **sous-culture** s'impose : les **groupes** n'ont pas accès de la même manière au **capital culturel** de la **société**.[...] L'éclatement de la **culture** en une constellation de **sous-cultures** donne une image nouvelle des fonctions de ce qui est transmis [...] (gc1GC002).*

É possível notar através do contexto pragmático que *milieu(x)* se relaciona com *culture* (por ex: “*la différenciation de la culture en fonction des milieux*”). Em seguida, encontramos outro excerto que revelou outras relações textual-pragmáticas e ratificou a relação com *société*, conforme mostramos abaixo:

[...] *Pourqu'il s'intéresse aux **interactions milieux/sociétés**, l'arbre est un élément transversal qui interpelle et provoque le questionnement. Au-delà des facteurs abiotiques, l'arbre dans le **paysage** peut-il être un outil d'**appréhension des sociétés**, des **représentations** ? [...] (gc62NS008).*

Dessa forma, procedemos à análise do comportamento da palavra *culture*. Como vimos na nossa primeira lista de palavras, sua frequência alta (899 ocorrências), distribuição homogênea (ocorre em 171 textos) e o fato de ser a 12^a palavra lexical mais frequente no *corpus* sugerem sua relevância. Quando no plural, ela tem frequência de 304 ocorrências distribuídas em 121 textos.

Acompanhando *culture*, observamos, com o auxílio da ferramenta *Colocados*, que as palavras lexicais mais frequentes são adjetivos: *populaire, urbaine, occidentale, caiçara, touristique, locale*. Já ao lado de *cultures* temos: *différents, locales, urbaines, populaires, élitaires, paysannes*. A partir disso e seguindo os mesmos critérios e padrões das demais buscas, partimos para o exame dos *clusters*. A combinação mais frequente a partir do primeiro padrão [*culture(s) + Adj*] é *culture(s) populaire(s)*, 38 vezes, distribuídas em 9

textos do *corpus*. Além dela, temos bem distribuídas *culture urbaine* (frequência 12) e *culture occidentale* (frequência 11), ambas somente no singular.

Por fim, identificamos também com distribuição homogênea *culture(s) locale(s)* (frequência 10). Seguindo o segundo padrão, [*culture(s)* + prep. + xN], não temos nenhuma combinatória com frequência superior a três. Com o plural *cultures*, temos apenas *cultures du monde*, cuja frequência é 5.

Mudamos parte do critério novamente – palavra-chave à direita – e abrimos a busca para observar outros padrões; geramos novas concordâncias como nas tabelas abaixo:

Tabela 8. Concordance *culture*

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	538	<i>la culture</i>
2.	96	<i>une culture</i>
3.	43	<i>de culture</i>
4.	19	<i>entre culture</i>
5.	13	<i>leur culture</i>
6.	11	<i>cette culture</i>
7.	10	<i>contre-culture</i>

Já *cultures* ocorre antecedida também por palavras gramaticais, como vemos a seguir:

Tabela 9. Concordance *cultures*

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	538	<i>des cultures</i>
2.	63	<i>les cultures</i>
3.	43	<i>et culture</i>
4.	19	<i>autres cultures</i>

5.	15	<i>deux cultures</i>
6.	13	<i>aux cultures</i>
7.	10	<i>entre cultures</i>

A partir do critério de busca da palavra-chave *culture* à direita, mesmo aumentando o critério para tamanho máximo e mínimo de 3, não encontramos combinações que se repetissem e estivessem homogeneamente distribuídas. Por exemplo, *choc des cultures* ocorre 29 vezes, mas sua distribuição não é homogênea.

Em seguida, pesquisamos os *clusters* com outros critérios: extensão mínima e máxima 1, e posição da palavra-chave à esquerda. Dessa vez, realizamos a busca a partir do radical *cultur**, para verificar que outras palavras morfologicamente relacionadas a *culture* aparecem no *corpus*. Obtivemos o seguinte resultado:

Tabela 10. Clusters *cultur**

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	934	<i>culturelle(s)</i>
2.	822	<i>culturel</i>
3.	28	<i>culturellement</i>

A partir de tal resultado, realizamos novas observações de *clusters* – aumentando a extensão mínima e máxima para 2 – para identificar que substantivos ou verbos são modificados por cada um dos adjetivos e advérbios encontrados. Dessa forma, a partir do adjetivo *culturelle(s)* (mais frequente), encontramos algumas combinações aparentemente relevantes, levando em consideração frequência e distribuição no *corpus*:

Tabela 11. Clusters *culturelle*

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	161	<i>géographie culturelle</i>
2.	39	<i>pratique(s) culturelle(s)</i>
3.	25	<i>action culturelle</i>
4.	24	<i>approche culturelle</i>
5.	20	<i>diversité culturelle</i>
6.	19	<i>aires culturelles</i>
7.	17	<i>identité culturelle</i>

Realizando a mesma busca a partir do adjetivo *culturel*, encontramos:

Tabela 12. Clusters *culturel*

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	55	<i>patrimoine culturel</i>
2.	34	<i>paysage culturel</i>
3.	34	<i>bien(s) culturel(s)</i>
4.	25	<i>tournant culturel</i>
5.	17	<i>espace(s) culturel(s)</i>
6.	16	<i>contexte(s) culturel(s)</i>

A seguir, uma nova busca a partir do advérbio *culturellement* não apontou combinatórias com frequência superior a 3.

Buscamos observar, também, os cotextos e contextos (ferramenta *Concordance e File view*) das combinatórias mais frequentes para relacionar as palavras que ocorrem no seu entorno semântico e pragmático.

[...] *Cette conception de la culture comme système ouvert permet au chercheur de comprendre la dynamique de certaines manifestations culturelles qui préservent certains éléments importants qui représentent le passage entre passé, mythe fondateur et présent. Pour qu'aient lieu ces changements, transformations et réinventions des pratiques culturelles, les contacts sont fondamentaux, comme le rappelle [...]* (gc78B007).

Posteriormente, passamos às buscas com a palavra *terre*, cuja frequência, somando singular e plural, resulta em 537 ocorrências bem distribuídas no *corpus*: em 110 textos no singular e em 57 textos no plural. A ferramenta *Colocados* indicou as mais frequentes no seu entorno: *espace, planète, habitée, tremblement*. Partimos em seguida para a observação dos agrupamentos ao redor de *terre*.

Com o primeiro padrão ([N1 + Adj]), percebemos que nenhuma combinação tinha frequência e distribuição relevantes no *corpus*. Alteramos, então, os critérios – posição da palavra-chave à direita e extensão mínima e máxima de 3, 4 e 5 – para verificar quais palavras aparecem com frequência antes da palavra-chave. O único resultado significativo encontrado foi *surface de la terre* com 16 ocorrências em 5 textos. Com o segundo padrão, em contrapartida, não encontramos resultados significativos.

Alterando as buscas de modo que a palavra-chave estivesse no plural, *terres*, e os critérios fossem posição à direita e extensão mínima e máxima 3, chegamos aos seguintes resultados:

Tabela 13. Clusters *terre*

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	24	<i>intérieur des terres</i>
2.	10	<i>sur les terres</i>
3.	8	<i>récupération des terres</i>
4.	8	<i>valeur des terres</i>

Quando da observação dos cotextos através da ferramenta *Concordance*, do contexto, através do *file view*, e da distribuição no *corpus*, através do *Concordance plot*, notamos que a mais frequente, *intérieur des terres*, não tinha uma distribuição que pudéssemos chamar de equilibrada, pois ocorria só em três textos. No entanto, procurando os contextos imediatos e os textos fonte, chegamos à conclusão de que se trata de uma combinatória significativa e provavelmente de um candidato a termo.

[...] *On voit donc les facteurs qui modèlent la **société** littorale. Dans le domaine juridique, on assiste à la mise en place, à l'intérieur des terres, d'une structure foncière fondée sur la **propriété privée**. Elle entraîne la fin des déplacements saisonniers des **populations** littorales, où elles allaient chercher de la nourriture, grâce notamment à la collecte de fruits et du miel, mais aussi grâce à la chasse [...]* (gc78B006).

Vimos também que a combinatória *valeur des terres* faz parte, na verdade, da construção *mise en valeur (des terres)*, e não da combinatória *valeur des terres*. Comprovamos com o exemplo a seguir:

[...] *Alors que la **mise en valeur des terres** se poursuivait rapidement, bien des réserves étaient situées dans des endroits où le progrès n'était guère possible. En fait, exclues de cette mise en valeur, les réserves apparurent vite comme des îlots de pauvreté [...]* (gc81T004).

Depois disso, modificamos a busca para identificar que palavras no *corpus* derivam do radical *terr**. Para isso, utilizamos ainda a ferramenta *clusters*, com o critério: extensão máxima e mínima de um, frequência mínima três e posição do termo à esquerda. Chegamos à seguinte lista:

Tabela 14. Clusters *terr**

ORDEM	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1.	1221	<i>territoire(s)</i>
2.	420	<i>terrain(s)</i>
3.	301	<i>territoriale(s)</i>
4.	157	<i>territorial(aux)</i>

5.	128	<i>territorialité(s)</i>
6.	57	<i>territorialisation</i>
7.	58	<i>terrestre(s)</i>

Analisamos os cotextos e contextos dessas palavras e percebemos que elas exigiam pesquisas semelhantes às anteriores. Pudemos ratificar com os excertos abaixo:

[...] Ici la **relation culture-territoire** est loin d'être simple ou stable. Plusieurs cultures se côtoient constamment à l'intérieur d'un seul **espace-continent**, dont certaines sont des possédantes et d'autres des dépossédées[...]. [...] **L'espace d'une culture** évolue rapidement dans le temps, tandis qu'une seule **collectivité** peut construire son territoire à partir d'une **multitude d'espaces** de tailles différentes, **espaces nichés** l'un dans l'autre ou éparpillés à travers le continent un peu comme des confettis [...] (gc1GC003).

5.2 Sistematização dos dados coletados

Como um recurso operacional, visando à análise e discussão dos resultados, procuramos categorizar os dados. Em uma primeira tentativa de organização, levamos em conta não só sua expressiva frequência, mas também o cotexto e contexto, não nos afastando da dimensão linguística e conceitual.

Nessa perspectiva, destacamos *espace*, *culture* e *homme* como candidatos a palavras-chave da Geografia Cultural. Procuramos associar a cada uma dessas palavras os outros candidatos identificados como prováveis portadores de um significado especial na área. A palavra *rapport* não nos pareceu recobrir nenhum conceito especializado, mas sua elevada ocorrência no contexto de palavras que pareceram relevantes nos levou a incluí-la em nossa sistematização.

Nos limites de nosso trabalho e para fins operacionais de nosso levantamento das palavras que comunicam o pensamento especializado da área, dividimos as palavras encontradas em três grupos: entidades, qualidades e processos. Em nossa perspectiva,

entendemos *entidade* como tudo aquilo que existe concreta ou abstratamente com atributos e funções que o individualizam. *Qualidade* é o atributo característico de uma entidade, e *processo* define as atividades realizadas em/com/por *entidades*.

Desse modo, chegamos a uma categorização das principais palavras que, em um primeiro momento, pareceram prováveis candidatos a figurar como raiz de desdobramentos fundamentais de uma terminologia da área. Esses candidatos são apresentados em ordem alfabética em sua respectiva categoria na tabela abaixo.

Tabela 15. Categorização dos dados

ENTIDADES	QUALIDADES	PROCESSOS	OUTROS
aire	altérité	agencement	pratique
ambiance	identité	aménagement	rapport
culture	spatialité	appropriation	systeme
environnement	territorialité	déterritorialisation	processus
espace	urbanité	différenciation	catégorie
finage	géographicité	gentrification	
habitat		médiance	
héritage		métropolisation	
homme		mitage	
imaginaire		représentation	
lieu		restauration	
milieu		spatialisation	
nature		symbolisation	
patrimoine		territorialisation	
paysage		urbanisation	
région		patrimonialisation	
réseau			
site			
symbole			
temps			

territoire

tradition

5.3 Síntese

Como exemplificamos na seção 5.1, os procedimentos de coleta acabaram por nos mostrar que muitas palavras se desdobram em sintagmas e combinatórias maiores. Para ilustrar essa situação, podemos citar o caso da primeira palavra-chave que analisamos: *espace*, a partir da qual pudemos identificar 12 combinatórias, além das outras palavras-chave, como *spatialité*, *spatialisation* que também derivam, como *espace*, do latim *spatium* – logo, são palavras do mesmo campo semântico. Ademais, como antevimos durante a realização do nosso estudo piloto (capítulo 3), há um sem número de relações entre os termos (por exemplo, a expressão *aménagement de l'espace*), o que demonstra não só os desdobramentos de um termo como também uma intrincada relação entre eles. Em outras palavras, muitas vezes os candidatos iniciais listados na Tabela 15 acima se relacionam e se associam, formando outros candidatos.

Dessa forma, entendemos que a terminologia da Geografia Cultural forma uma ampla rede de ideias que se sobrepõe e interliga. Essa rede implica uma infinidade de possibilidades: os termos se adaptam, se desdobram e se modificam de acordo com as temáticas abordadas, adquirindo sob cada enfoque um novo valor.

A coleta ilustrada e sistematizada nas seções acima forneceu os dados e os elementos para a análise e discussão que estão no capítulo que segue.

6 DISCUSSÃO

Conforme descrevemos na metodologia (capítulo 4), antes de começar a coleta construímos uma árvore de domínio (página 48), que nos ajudou a situar a Geografia Cultural. Essa primeira abordagem da área permitiu compreender e organizar algumas relações básicas da área, como sua inserção nas Ciências Humanas e nos estudos geográficos e seus desdobramentos temáticos.

A árvore de domínio apresenta uma sugestão dos temas estudados na Geografia Cultural, de acordo com a disciplina de mesmo nome, que cursamos na UFRGS no segundo semestre do ano de 2013, em uma tentativa de tomar conhecimento da área. Entre os temas citados estão: gênero, perdas e produções de sentido, simbolismo das paisagens, religiões, festas, conflitos culturais, microterritorialidades, percepções e representações culturais, identidades territoriais, multiterritorialidades, comunicações, consumo, indústria e artes. À época, tal diversidade de temas já nos alertou para o fato de que estávamos entrando em uma área peculiar da Geografia.

A primeira observação do nosso *corpus* de estudo também confirmou essa hipótese. Os temas acima se aproximam muito dos assuntos tratados pelos textos que compõem nosso *corpus*. Na coleta de dados, alguns apareceram como candidatos a termo, por exemplo, *identité territoriale*, ou ocorreram no contexto dos candidatos, como *symbolisme*.

Voltamos agora a essa esquematização dos temas e procuramos iniciar a discussão, cotejando-a com os dados obtidos na pesquisa, de modo a compatibilizá-los. Além disso, a partir daqui expandimos as pesquisas, extrapolamos a horizontalidade das linhas de concordância do *corpus* de estudo e fomos além da observação dos contextos definitórios nele presentes. Nesse direcionamento, passamos a analisar os resultados a fim de validá-los, seja através de pesquisas das palavras-chave no *corpus* de referência²⁵, seja procurando os autores da revisão bibliográfica (capítulo 2, Geografia Cultural, p. 19), seja consultando especialistas da área. De modo especial, fizemos nova e aprofundada leitura dos dois artigos de Claval publicados no número inaugural da revista *Géographie et Cultures*.

²⁵ *Corpus* de Leipzig, disponível em http://wortschatz.uni-leipzig.de/ws_fra/ Acessado em 13/11/2014.

Essa retomada forneceu dados relevantes e confirmou a infinidade de relações e desdobramentos entre os temas e candidatos a termo. Primeiramente, entendemos que *espace* merece ser eleito como candidato por excelência: mais alta frequência no *corpus* – muito embora a frequência não seja o valor prioritário decisivo em terminologia, ela é, sem dúvida, um forte indício na seleção de candidatos. Só em títulos de textos do *corpus*, a palavra *espace* aparece 22 vezes. A condição de nomear um texto e ser seu tema sugere que seja portador de valor especializado, em outras palavras, que seja um termo.

Podemos ratificar nossas primeiras inferências sobre o posicionamento de *espace* como termo e até termo-chave na GC, retomando a afirmação de Houssay-Holzschuch (2007, p. 1)

[...] os geógrafos escolheram a sociedade por objeto, e, dentro do que Jacques Lévy (1999) chama de ‘casa comum das Ciências Sociais’, abordam-na a partir do ângulo do espaço – como a história abordaria a sociedade a partir do tempo, a sociologia, a partir das relações sociais, etc [...] ²⁶.

Sendo o espaço um ponto de partida para que os geógrafos estudem a sociedade, para onde seus olhares e pesquisas se voltam, certamente se trata de um nó conceitual na estrutura de conhecimento da Geografia e da Geografia Cultural. Contudo, como fazemos uma análise fundamentalmente terminológico-textual, buscamos neste capítulo comprovações a partir do estudo com *corpus*.

Assim, a ocorrência de *espace* no singular e *espaces* no plural nos levou a refletir e aproximar algumas hipóteses: *espace* no singular seria a ideia de espaço na geografia, um sinônimo de espaço geográfico, isto é, o espaço físico, caracterizado por seus atributos físicos. Já *espaces* seria a ideia geral de espaços, categorizados por atributos não materiais. Para Michel Lussault e Jacques Levy, por exemplo, também existem diferentes tipos de espaços. Uma breve explicação de Lussault, em seu livro "L'homme spatial" (o próprio nome do livro já é indicativo), esclarece:

²⁶[...] les géographes ont choisi la société pour objet (Reynaud, 1982) et, dans ce que Jacques Lévy (1999) appelle la “Maison commune des sciences sociales”, l’abordent sous l’angle de l’espace — comme l’histoire aborderait la société sous l’angle du temps, la sociologie sous l’angle des relations sociales, etc [...] (tradução nossa).

[...] proponho (capítulo 2) pensar/classificar todas as espécies de espaços observáveis graças a uma tríade de conceitos: o lugar, a área (e particularmente o tipo ideal que o território forma), a rede. Essas três categorias e seus desdobramentos constituem a base da gramática gerativa dos espaços humanos [...] ²⁷ (LUSSAULT, 2007, p. 40).

Assim, percebemos que haveria diferentes instâncias da realidade geográfica. Ou seja, dentro ou a partir de *espace*, temos *lieu*, *aire*, *réseau* e ainda *territoire*, que o próprio autor chama, em seguida, de “*idéal-type*” ou tipo ideal. Ainda segundo Lussault, precisamos compreender, através desses três conceitos fundamentais, o que o homem faz com o espaço organizado. O primeiro, *lieu*, diz respeito à subjetividade e à afetividade do ser humano em relação ao espaço; *aire* trata da compreensão em polígono, isto é, uma região, uma parcela agrícola, um país, que tenham contornos bem precisos; por fim, *réseau* diz respeito a uma série de pontos conectados. Vemos então três outros candidatos a termos da Geografia Cultural que estão ligados também a *territoire*, palavra a que chegamos durante as pesquisas com o *corpus* de estudo e que parece refletir esse espaço marcado pelo exercício do poder.

Para complementar a discussão, examinamos *espace* no *corpus* de referência e vimos que ocorre 90.465 vezes. Verificando os colocados, chegamos a algumas conclusões. À esquerda, vimos que *espace* não tem colocados relevantes para nossa pesquisa – grande parte dos coocorrentes são palavras gramaticais. À direita, encontramos palavras que vão ao encontro das nossas buscas anteriores, como *public* (frequência 12130.4), *urbain* (frequência 12130.4), *culturel* (frequência 2495.1) e *géographique* (frequência 1792.01). Porém, não podemos esquecer que o *corpus* de referência apresenta palavras da língua comum e não a linguagem especializada.

Consultamos em seguida o *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*, dos já citados Jacques Lévy e Michel Lussault. Neste dicionário, há uma categoria intitulada “*Théories de l'espace*” a partir da qual são listados mais de 100 termos. Entre eles, encontramos vários que também coletamos no *corpus*: *aire culturelle*, *aménagement du territoire*, *capital spatial*, *corps*, *cospatialité*, *déterritorialisation*, *différentiation spatiale*, *échelle*, *espace public*, *espace vécu*, *gentrification*, *géographicité*, *identité spatiale*, *imaginaire*, *lieu*, *médiance*, *milieu*, *paysage*, *représentation de l'espace*, *réseau*, *spatialité*,

²⁷[...] je proposerai (chapitre2) de 'penser/classer'toutes les 'espèces d'espaces' observables grâce à une triade de concepts: le lieu, l'aire (et particulièrement le type idéal que forme le territoire), le réseau. Ces trois catégories et leurs déclinaisons constituent le fonds de la grammaire générative des espaces humains [...] (tradu o nossa)

territoire, territoriale, territorialité, urbain, urbanisation, urbanité, valeur spatiale, ville. Os dados parecem confirmar que *espace* é um dos termos mais significativos e um eixo temático sobre o qual é feita uma análise cultural-geográfica.

No *corpus* observamos também a ocorrência de palavras como *effet, processus* e *pratique*. Num primeiro momento, dada sua frequência alta, imaginamos que pudessem ser nódulos conceituais da área. Contudo, examinando seus contextos, concluímos que essas palavras, em uma definição tradicional, indicariam a categoria conceitual do definido. Percebemos também que exigiam um argumento que completasse seu sentido, por exemplo: *pratiques aménagistes, pratiques sociales, pratiques spatiales, effets de la globalisation, processus de territorialisation, processus sociaux, processus culturels*. Isso nos fez compreender que se trata de atividades e ações cujas consequências afetam o espaço. Como se vê, por exemplo, no contexto abaixo:

[...] *L'intérêt de cette approche pragmatique et interactionniste de l'activité normative tient également au fait qu'elle revalorise le rôle de l'espace, à condition toutefois de concevoir celui-ci non plus comme un simple support des activités humaines, ni même comme un facteur explicatif, mais bien comme un ensemble de ressources et de contraintes, idéelles et matérielles, participant de la construction des pratiques sociales (Lussault, 2007). Si les individus ont la capacité d'investir symboliquement l'espace, d'en transformer et d'en détourner le sens, ces processus d'appropriations et de requalifications ne sauraient s'extraire complètement des règles collectives et des rapports de pouvoir [...]* (gc72ES006).

Nesse mesmo contexto, destacamos a palavra *rapport*, que ocorre 193 vezes no *corpus*. Seus múltiplos contextos sugerem também a maneira como a Geografia Cultural vê o relacionamento do homem e o espaço:

les rapports des hommes à l'espace à travers la problématique de l'image (gc61RP005)

les rapports individu-société et société-nature (gc64GI004).

O que notamos é que a linguagem especializada da Geografia Cultural é basicamente a mesma da língua comum. Assim, as denominações usadas para o espaço geográfico, por exemplo, são aquelas presentes em qualquer compêndio popular de geografia: rio, mar, porto,

paisagem, ilha, continente, território, entre outros, são conceitos geográficos. No entanto, o relacionamento (*rapport*) do homem/sociedade com esses espaços e as ações que o afetam no tempo adquirem outra significação em uma perspectiva própria que se caracteriza por ser multidisciplinar, diferente daquela adotada em outros âmbitos da Geografia. Essa interdisciplinaridade e o fato de se ocupar de análises qualitativas a tornam um verdadeiro *carrefour* de Ciências Humanas, Sociais e da Terra e, evidentemente, implicam uma terminologia que também perpassa uma infinidade de áreas.

Além de *espace*, estão entre as palavras mais frequentes do *corpus*: *corps*, *culture* e *temps*, que consideramos igualmente como eixos da área. Vejamos o exemplo a seguir:

[...] *Le corps habite l'espace plus qu'il n'y est inclus et enfermé, il y a consonance entre le corps et le monde naturel et culturel [...] Accoler corps et géographie suscite des séries d'interrogations qui mettent en jeu le corps et la société, le corps et l'espace comme l'espace du corps, l'individu et le groupe, la nature et la culture [...]* (gc80VII005).

A presença de palavras como *corps* (cuja frequência é 948) em contextos em que também ocorrem *espace*, *monde naturel* e *culture*, além de *société* e *géographie*, indica que a frequência não só é representativa como reflete seu valor dentro dos textos. Ademais, o número 70 da revista, publicado no ano de 2009, é intitulado *Corps urbains*, além de 6 outros textos do *corpus* distribuídos em números que contêm a palavra *corps* nos títulos.

Corroborando nossa ideia, encontramos um artigo, publicado em 2010, do geógrafo francês Gui di Méo, que exemplifica nosso entendimento da área. Nesse texto, o autor defende o *corps humain* como objeto geográfico. O texto é intitulado *Subjectivité, socialité, spatialité: le corps, cet impensé de la géographie* (DI MÉO, 2010). Ao observarmos a estrutura do artigo, chamam a atenção os percursos que o autor propõe e a lógica que ele segue, os quais comprovam não só o valor terminológico de *corps*, mas também a íntima relação com outras palavras que consideramos chave da área, como *espace*, *paysage*, *milieu*, *symbole*, *identité*, *société*, *territoire*, *nature*.

Por fim, concluímos que, como o próprio nome da área sugere, sua frequência e a de seus derivados no *corpus* e toda a infinidade de textos produzidos refletindo sobre ela, *culture* é a palavra que, juntamente com *espace*, ancora os estudos e, logo, as outras relações linguísticas que encontramos. Segundo Correa (2009), o termo *cultura* é portador de muitas

acepções e é tanto empregado na linguagem comum quanto no âmbito científico. Além disso, ele afirma que, mesmo nas Ciências Sociais, esse termo é considerado polissêmico e gerador de muitos debates. Em função justamente de também serem palavras da linguagem não especializada e de outras áreas técnicas ou científicas, o mesmo acontece com outros candidatos a termo da área, como *espace*, *lieu*, *corps*, *milieu*, *réseau*. Talvez seja para elucidar as possíveis questões ligadas a isso que existam tantos textos da área que se debruçam sobre “conceitos” e “temas” da Geografia Cultural (por exemplo, COSGROVE, 1983; CORREA, 2009).

Parece-nos evidente também que, na Geografia Cultural, *culture* está a serviço de um olhar geográfico. Um olhar que não analisa mais os espaços (*espaces*) sem a interferência do homem (*homme*); isto é, suas marcas, suas ações, visões (*représentations*, *perceptions identités*), relações (*rappports*), quer seja na natureza *nature* ou noutra meio ambiente (*environnement*), através dos grupos (*groupes*) e das sociedades (*sociétés*) – todas formas de construir uma ou mais *cultures* que modificam uma geografia.

Conforme resume Claval (1999),

[...] A cultura é a soma dos comportamentos, dos *savoir-faire*, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante a sua vida e, numa escala, pelo conjunto dos grupos dos quais eles fazem parte [...]

²⁸

Portanto, compreendemos que os caminhos se bifurcam e os conceitos se ampliam e se entrelaçam e não é possível determinar ou delimitar fronteiras entre eles. Isso sem dúvida dificulta muito nossa ambição de construirmos um mapa conceitual da área, mas mesmo assim, apresentamos o que nos pareceu ser *grosso modo* a Geografia Cultural através da sua linguagem e terminologia.

Antes disso, julgamos pertinente apresentar os termos recolhidos durante a pesquisa na Tabela 16, que segue.

²⁸ [...] La culture est la somme des comportements, des savoir-faire, des techniques, des connaissances et des valeurs accumulés par les individus durant leur vie et, à une autre échelle, par l'ensemble des groupes dont ils font partie [...] (Claval, 1995, p. 46) (tradução nossa)

Tabela 16. Lista de termos levantados

 TERMOS LEVANTADOS

aire

altérité

aménagement

appropriation

choc de culture

contre-culture

corps

culture

culture de consommation

culture dominante

culture élitare

culture populaire

culturel (adj)

déterritorialisation

différenciation

environnement naturel

environnement social

environnement urbain

espace

espace construit

espace culturel

espace de nature

espace géographique

espace ludique

espace matériel

espace métaphysique

espace naturel

espace politique

espace public

espace régional

espace rural

espace social

espace subjectif

espace temporel

espace urbain

espace vécu

espace virtuel

espace-temps

fleuve

gentrification

heritage

homme

homme spatial

identité

identité culturelle

identité territorial

imaginaire

lieu

médiance

mer

milieu

mitage

nature

patrimoine

patrimoine culturel

patrimoine mondial

patrimoine national

paysage

place

plage

rapports

région

regional (adj)

régionaliser

représentation

réseau

savoir géographique

site

sous-culture

symbole

symbolisation

terre

territoire

territorialisation

territorialisation

territorialité

tradition

urbain (adj)

urbain (nom)

urbanisation

urbaniser

urbanité

urbanité consommatoire

urbanité déambulatoire

urbanité vernaculaire

6.1 Identificação da área - mapa conceitual

Elaboramos um mapa conceitual que entendemos ser a etapa final da nossa pesquisa. Cabe explicar, aqui, portanto, em que consiste esse tipo de representação. Trata-se do que um esquema que pretende mostrar sistematicamente os conceitos de uma área, isto é, um instrumento para auxiliar a compreensão deles e suas relações. Segundo Almeida (2006), o mapa é fundamental para

[...] 1) possibilitar uma abordagem mais sistemática de um campo de especialidade; 2) circunscrever a pesquisa, já que todas as ramificações da área-objeto, com seus campos, foram previamente consideradas; 3) delimitar o conjunto terminológico; 4) determinar a pertinência dos termos, pois separando cada grupo de termos pertencente a um determinado campo, poder-se-á apontar quais termos são relevantes para o trabalho e quais não são; 5) prever os grupos de termos pertencentes ao domínio, como também os que fazem parte de matérias conexas; 6) definir as unidades terminológicas de maneira sistemática e, finalmente; 7) controlar a rede de remissivas [...].

Sabemos que a construção de um mapa deve ser feita com auxílio de especialistas da área; contudo, como esse estudo representa um levantamento preliminar da terminologia, entendemos que ele se tornou valoroso no sentido de nos auxiliar a compreender a configuração da área. Assim, o que representamos aqui é a nossa visão dos conceitos da Geografia Cultural, como eles se estruturam e se interligam. Dessa forma, submetemos neste momento esse mapa conceitual à avaliação do especialista para correção e refinamento, o que auxiliará nossas pesquisas posteriores.

Ressaltamos que este é um primeiro esboço do que entendemos da área a partir do presente estudo, realizado, vale lembrar, por leigas em assuntos geográficos. Assim, as ideias ilustradas aqui são originárias apenas de uma análise textual, sem conhecimentos prévios de Geografia. É evidente, com isso, que as análises não esgotam e nem traduzem perfeitamente as relações da área; elas são uma representação inicial do que julgamos mais relevante até agora e, seguramente, aponta para novas pesquisas.

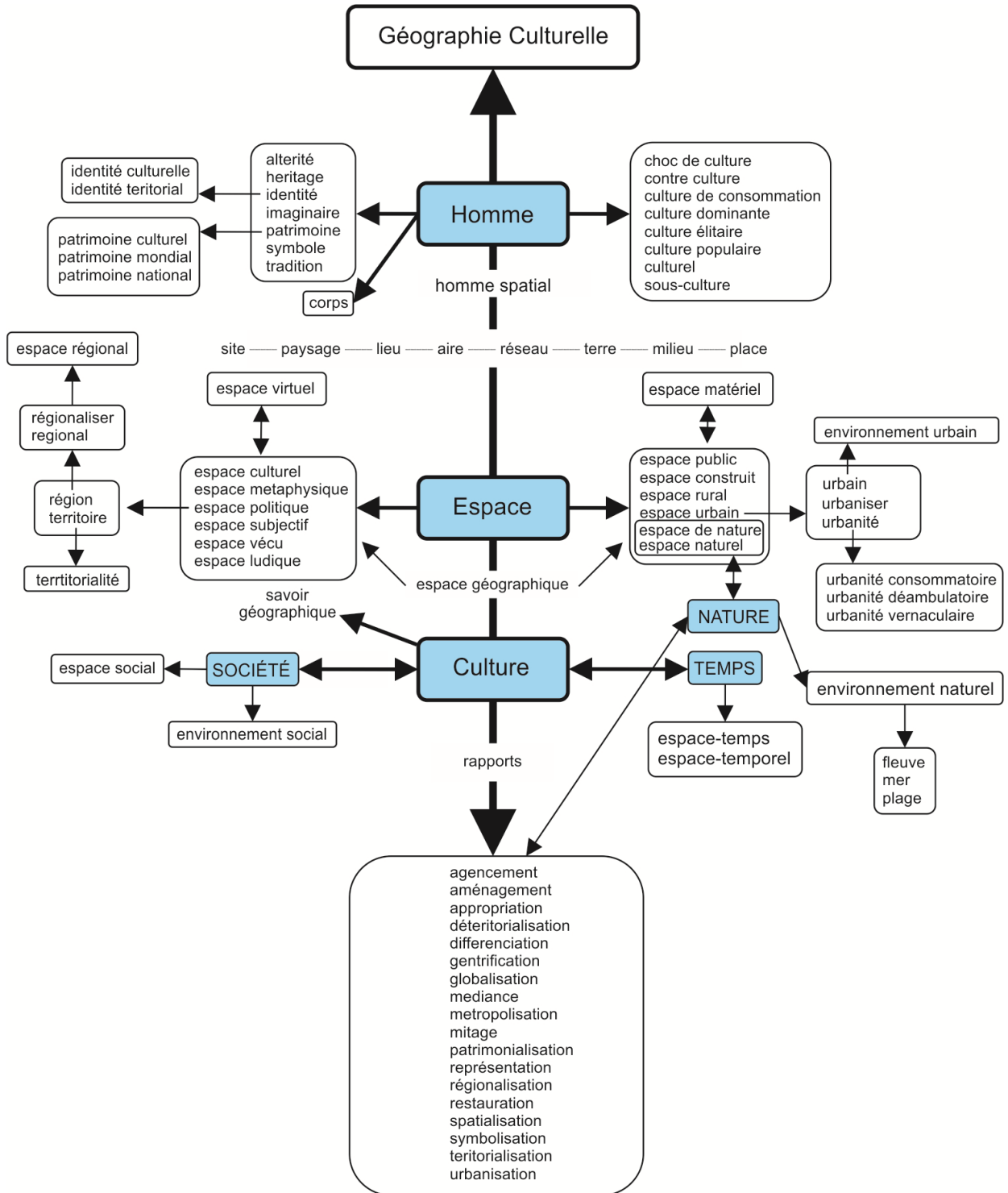


Figura 2. Mapa conceitual da Geografia Cultural.

Apresentamos acima esquematicamente as relações entre os conceitos básicos identificados na Geografia Cultural. Deixamos claro mais uma vez que as relações não se esgotam com o que conseguimos representar graficamente, e que tampouco conseguimos

registrar a totalidade de termos da área. Contudo, entendemos que este mapa é o marco inicial para nossos estudos futuros.

Vemos, no centro e no topo da imagem, o nome da área. É dela que iniciamos a sistematização dos termos. Uma linha forte na vertical parte de *Géographie Culturelle* e interliga os três termos referentes aos conceitos considerados mais relevantes nas nossas buscas: *homme*, *espace* e *culture*. Eles se relacionam num sentido de mão dupla, indicado pela seta com duas pontas. Através do entendimento da linguagem especializada da área, depreendemos que o *espace*, isto é, o *lieu* onde está o *homme* é constantemente marcado e modificado por ações influenciadas e, diríamos até determinadas pela *culture*. Concebemos cultura como um amálgama de componentes materiais, intelectuais e simbólicos²⁹.

Logo abaixo de *Géographie culturelle*, temos *Homme*, que se relaciona com *Espace* e todos os outros termos da área. A Geografia Cultural nasce da Geografia Humana, de uma Antropogeografia, logo, *Homme* é central nos estudos da área.

Acima de *Homme e Espace* situamos *site*, *paysage*, *lieu*, *réseau*, *terre*, *milieu*, *place*. Estes termos também se inter-relacionam com todos os demais, como está marcado na sua união por setas (entre eles) e sua ligação com *Espace*. Sua posição diferenciada indica que os compreendemos como diferentes categorias de *espaces*.

Em seguida, à esquerda, inserimos termos derivados de uma subjetividade do *espace*. Eles constituem o bloco encimado por *espace virtuel*. Compreendemos *territoire* como uma categoria de *espace*, porque o vemos marcado pelo poder e o situamos partindo de *espace politique*, assim como *région*. Então, temos, respectivamente, *régional*, *régionaliser* e *territorialité*. Ainda temos, aqui, *espace regional*.

À direita de *espace*, situamos os *espaces matériels*, com o bloco iniciando por *espace public e espace construit*. Derivado de *espace urbain*, temos *urbain*, *urbaniser* e *urbanité*. Temos ainda *environnement urbain*, *urbanité consommatoire*, *urbanité déambulatoire* e *urbanité vernaculaire* representando categorias de *urbanité* focalizadas pela GC.

Em um bloco separado, há *espace de nature e espace naturel* em relação com *nature*. que, embora etimologicamente pareçam sinônimos, nos pareceram referenciar dois conceitos

²⁹ [...] *Toute culture a des composantes matérielles, sociales, intellectuelles et symboliques* [...] (gc1GC002).

diferentes. Na sequência, colocamos *environnement naturel*, que inclui *fleuve, mer, plage*; em um *corpus* mais amplo do que o nosso, provavelmente colocaríamos também as entidades que tradicionalmente são elencadas pelos estudos geográficos convencionais. De *culture* e *société* alcançamos *espace social* e *environnement social*.

Homme está ligado a todos os outros através de *culture*. Nessa ligação está um *savoir géographique* cuja explicação foge de nossa alçada e cabe ao especialista apresentar. Partindo de *homme* temos também *corps*. Além disso, a partir de *homme, culture* e, claro, *espace*, temos *homme spatial*. A presença do homem se faz sentir no lado direito do mapa. Diretamente da relação *homme-culture: alterité, heritage, identité, imaginaire, patrimoine, symbole, tradition* e os respectivos desdobramentos: *identité culturelle* e *identité territorial*; e *patrimoine, patrimoine culturel, patrimoine mondial, patrimoine national*.

Saindo de *culture*, mas também em relação a *homme*, temos *choc de culture, contre-culture, culture de consommation, culture dominante, culture élitare, culture populaire, culturel* e *sous-culture*.

Partindo da *temps* temos ainda *espace-temps* e *espace temporel*.

Nosso mapa pretende demonstrar que partimos de *espace* para organizar os processos e categorias que resultam do “*rapport de l’espace et culture*”. Por esta razão, os processos ou ações – *rapports* – estão no último bloco de termos na área central inferior. Pretendem representar ações geradas pela interface *temps, homme, nature* e *société* (e de algum modo, seus desdobramentos). Desse complexo inter-relacionamento resultam desdobramentos que não aparecem na figura, como, por exemplo, *aménagement de l’espace, représentation de l’espace*, entre outros. Contudo, pretendemos demonstrar através das setas que ligam as ações aos “grandes” termos da área uma ampla gama de possibilidades.

Finalmente, enfatizamos que o mapa conceitual elaborado é nossa visão, configura um esboço de uma área para nós desconhecida até então e que nos aventuramos a explorar. Dessa forma, estamos conscientes de que ele deve ser refinado e completado para que possa servir como um instrumento auxiliar na coleta e avaliação de candidatos a termos de um futuro glossário.

7 CONCLUSÃO

Neste capítulo, apresentamos as considerações finais sobre o trabalho realizado. De uma maneira sintética, analisamos se nossos objetivos e perspectivas construídos na idealização do projeto foram atingidos de acordo com nossas expectativas. Além disso, identificamos nossas fragilidades durante a realização da pesquisa e as ideias futuras.

O capítulo está dividido em três seções: (7.1) conclusões preliminares e limitações do trabalho; (7.2) Um olhar “estrangeiro” sobre a Geografia Cultural e (7.3) perspectivas futuras.

7.1 Conclusões preliminares e limitações do trabalho

Encerrando o trabalho, devemos retomar alguns pontos iniciais do projeto que deu origem à pesquisa. Primeiramente, lembramos que nossa ideia era construir um glossário bilíngue da Geografia Cultural. Contudo, durante o reconhecimento inicial da área e as primeiras leituras, julgamos necessária a execução de um estudo piloto que testasse a viabilidade de nossas ambições. Como explicamos e relatamos no capítulo 3 (Metodologia), diante dos resultados desse estudo preliminar, realizado com um *corpus* bilíngue, ficou claro que seria necessário limitar nosso objetivo dali para frente, dada a inexecutabilidade da tarefa em apenas dois anos. A proposta inicial de construir um glossário bilíngue foi revista e se transformou no levantamento monolíngue que apresentamos aqui. Portanto, julgamos que foi de extrema importância a execução do piloto, uma vez que através dele pudemos antever a complexa rede de termos que constituem a linguagem especializada da Geografia Cultural.

Embora o estudo piloto tenha auxiliado muito no replanejamento dos objetivos de pesquisa, ele não esgotou nosso estudo da área. Na verdade, a primeira dificuldade encontrada na realização do trabalho foi nossa limitação como leigas na área de Geografia Cultural e em algumas áreas com que ela estabelece relações muito próximas. Dessa forma, todo o trabalho foi um movimento constante de leitura, pesquisas e intensas trocas com os especialistas da área. A esse respeito, retomamos Barros (2004, p. 192-193), para quem

[...] Um terminólogo é um cientista da linguagem capaz de, entre outras coisas, elaborar todo tipo de obra terminográfica. De acordo com sua formação teórica e experiência prática, pode estar mais ou menos preparado para enfrentar certas empreitadas. Um menor grau de experiência não significa incapacidade de obtenção de bons resultados em seus projetos, ao contrário, é na prática que se validam os modelos teóricos e se verifica sua funcionalidade. São os desafios que fazem a ciência avançar e forjam os cientistas [...] Nesse caso, um dos primeiros passos a ser dado é a familiarização com o objeto de estudo. A aquisição de conhecimentos a respeito do domínio especializado sobre o qual se dará a pesquisa exige do terminólogo leituras prévias sobre o assunto e discussões com profissionais da área em questão, aos quais deve solicitar orientações sobre a bibliografia a ser consultada [...] (p. 192-193).

Acreditamos que o cerne deste trabalho se encontra nesse movimento. Mais do que elaborar um trabalho terminológico de uma área científica, como nos propusemos inicialmente, o que fizemos foi mergulhar na Geografia Cultural. Foi necessário que construíssemos um conhecimento sobre ela – através da sua linguagem – antes de nos aprofundarmos em sua terminologia.

No decorrer da pesquisa, percebemos outra limitação importante. Por se tratar de uma área abrangente e em expansão, além de inovadora, vimos que o *corpus*, composto por apenas uma revista – mesmo que seja uma das mais representativas na área – oferece somente um recorte do que se produz na perspectiva da Geografia Cultural francesa. Temos, com esse trabalho, um levantamento terminológico da linguagem utilizada dentro dos limites da revista *Géographie et Cultures*. Isso não quer dizer que não retrate a linguagem especializada da Geografia Cultural, mas que um estudo posterior que se queira mais amplo deverá prever uma ampliação do *corpus*, que abranja outras fontes referenciais.

7.2 Um olhar “estrangeiro” sobre a Geografia Cultural

No projeto inicial, afirmamos que a ideia desta pesquisa surgiu do desejo de facilitar o trabalho dos professores de Língua francesa que atuam no curso superior de Geografia. Entretanto, a execução do estudo extrapolou a preocupação de auxiliar o professor e encantou-nos a possibilidade de percorrer um campo de conhecimento até então inexplorado nos estudos de Terminologia.

Mesmo que o estudo terminológico de viés comunicativo preconizado por Cabré (1993) acolha a linguagem especializada de todas as áreas técnico-científicas, um número muito expressivo de trabalhos se debruça sobre os domínios mais “duros”, como a engenharia, a medicina, a matemática, a biologia, entre outros. Nesse sentido, ao mesmo tempo que nos parece mais difícil a identificação da terminologia de uma Ciência Humana/Social, a tarefa tornou-se mais desafiadora e encantadora.

A Geografia Cultural vai ao encontro da nossa visão de ciência, que busca rumar para um horizonte que atenda e apreenda as complexidades humanas e científicas. Como sabemos, o que se convencionou chamar de ciência moderna possibilitou um grande progresso tecnológico à humanidade, mas esse progresso demanda atualmente uma contrapartida à altura do ponto de vista social e humano.

O modelo científico, ideológico e econômico do atual projeto capitalista, praticado nos territórios de vários países, tem se expandido como pensamento colonizador único entre demais povos do planeta. Além disso, os aportes culturais, educativos, teóricos, epistemológicos e, sobretudo, científicos desse modelo se revelam incapazes de gerar um novo processo civilizatório e de liberdade. Dessa maneira, os modelos e técnicas científicos alinham-se, muitas vezes, ao projeto conservador capitalista excludente ao apenas produzirem propostas de “eficiências pragmáticas” (ações técnicas para compreensão dos territórios, pessoas e culturas desde o centro até os países periféricos, valorizando, assim, ações de colonizações culturais e conservação de todo um processo de desigualdade da vida humana e planetária (cf. MORIN, 2003).

Por outro lado, frente ao grande acúmulo de conhecimento já produzido pelo campo científico crítico mundial, já é possível pensar na construção de um novo ordenamento político, econômico, social e educativo, enfim, em um novo projeto civilizatório que, enquanto síntese cultural para a libertação e emancipação humana e planetária, não negue, mas produza novos horizontes para as ciências, a cultura, a economia, a política e educação das gentes³⁰. Entendemos que é na afirmação desse novo projeto civilizatório que a Geografia Cultural inscreve-se como possibilidade de pensar a territorialidade global em relação com as múltiplas diversidades culturais produzidas pelas diversas e diferentes gentes do planeta.

³⁰A expressão “das gentes” é utilizada aqui em referência aos numerosos estudos de Paulo Freire sobre pedagogia e educação.

Notamos que há um vasto campo de superações no paradigma científico da Geografia Cultural, o qual pode ser expresso, de forma geral, por um grande apelo a que a ciência se veja não mais como um campo disciplinar isolado e apartado das demais elaborações humanas. Como vimos, a Geografia Cultural é uma construção interdisciplinar do conhecimento, que remete não mais apenas a um discurso teórico, mas a uma atitude dos pesquisadores em suas áreas científico-disciplinares (História, Geografia, Educação, Sociologia, Antropologia, Psicologia, entre outras). Pudemos constatar, através do nosso estudo linguístico, que a vertente denominada Geografia Cultural está em vivo diálogo epistemológico-científico com todas as Ciências Sociais e Humanas.

Todos esses motivos nos chamaram a atenção durante a realização do trabalho para o fato de que, para além da relevância de todos os processos dessa pesquisa terminológica – e isso implica a eficiência pragmática a que nos referimos acima –, foi significativo olhar para a Geografia Cultural como um campo do conhecimento capaz de fazer emergirem as complexidades humanas nas diversidades que compõem o mosaico dos saberes humanos. Por isso, mesmo sendo este um trabalho de terminologia, todo o empenho intelectual canalizado para entrar na área com a qual tecemos uma interface acaba por nos sensibilizar para as questões que ela estuda.

7.3 Perspectivas futuras

Todo o trabalho de construção de uma dissertação se pauta em preencher as lacunas deixadas no projeto inicial. Dessa forma, entendemos que cumprimos uma interessante trajetória, mesmo que tenhamos adiado nosso primeiro objetivo de construir um glossário, ou as bases para ele. O fazer científico e, aqui, o fazer terminográfico, muitas vezes é permeado de outros afazeres e outros aprendizados relevantes para a construção final de um material de referência.

Além disso, percebemos que a construção final é não necessariamente o mais importante de um estudo como este: é o processo que nos modifica e não o resultado a que chegamos. Finalmente, resta dizer que o que nos fez simpatizar com a área de estudo e nos instiga a continuar a pesquisa é a infinidade de desdobramentos que esse estudo aponta.

Referindo-se ao valor da Geografia Cultural atualmente, Claval afirmou, no primeiro número de *Géographie et Cultures*:

[...] o homem é mais rico do que supõe a maioria dos modelos analisados, e imaginou tantas maneiras de tirar proveito do meio ambiente, de gerenciar o espaço, de torná-lo compreensível por meio de símbolos, que uma abordagem mais sensível, mais cuidadosa com a diversidade humana e mais aberta à história era indispensável [...] (Claval, 1992, p. 20)³¹.

O autor encerra com uma metáfora, ao afirmar que até recentemente a Geografia se ocupou do *hardware* do *espaço*, mas agora, em contrapartida, ela se ocupa do *software*. Isto é, hoje a Geografia cultural pesquisa não mais o *matériel* e sim o *logiciel* do relacionamento entre homem, espaço e tempo. Entendemos que em função desse aprofundamento sobre a lógica das relações, a sua terminologia é calcada também na relação entre a língua comum e a linguagem das ciências que estudam a Terra. Seus termos se referem a entidades, qualidades e processos vistos em uma perspectiva diferente daquela adotada em outros domínios.

Como dissemos, encontrar os traços dessa perspectiva é tarefa que exige a colaboração estreita entre o terminólogo e o especialista da área. Por isso, tal tarefa será atividade para futuras pesquisas, uma vez que o objetivo desta dissertação foi fazer um levantamento da linguagem usada na Geografia Cultural para que seja possível organizar futuramente um glossário bilíngue francês-português. Sendo assim, o estudo aqui feito nos proporcionou uma primeira interação e abordagem de uma área tão recente quanto rica.

Resta ainda refinar as relações entre os termos, estudar um a um de modo mais exaustivo, aprimorar nosso mapa conceitual, expandir o *corpus* de estudo monolíngue antes de recorrer a um *corpus* paralelo, com os mesmos textos traduzidos do francês para o português, e a um *corpus* comparável com textos semelhantes nas duas línguas. Para isso, precisaremos de mais algum tempo. As incompletudes que ficam abrem caminho para os desdobramentos deste trabalho.

³¹[...] l'homme est plus riche que ne le suppose la plupart des modèles analysés, et a imaginé tant de façons de tirer parti de l'environnement, d'aménager l'espace, de le rendre lisible à force d'y inscrire des symboles qu'une approche plus sensible, plus soucieuse de la diversité humaine et plus ouverte sur l'histoire, était indispensable [...] (tradução nossa).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. B. A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. *Alfa*, v.50, n.2, p.86-101. 2006.

ALMEIDA, M.G. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. *Geonordeste*, a.19, n.1, p.33-54. 2008.

ANTHONY, L. *AntConc 3.2.4*. 2008. Disponível em: www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html. Acesso 15 março 2014.

AUPELF. Atas do seminário da – *Association des universités partiellement ou entièrement de langue française*. 1973.

AVOLIO, J.C. Trajeto do francês instrumental no Brasil. In: CELANI, M.A.A.; FREIRE, M.M.; RAMOS, R. de C.G. (Orgs.). *A abordagem instrumental no Brasil: um projeto, seus percursos e desdobramentos*. Campinas: Mercado de Letras. 2009. p.55-73

BARROS, L.A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da USP. 2004. 285p.

BEAUGRANDE, Robert de.(1996) LSP and terminology in a new science of text and discourse. In: GALINSKY, Christian; SCHMITZ, Klaus-Dirk. *TKE' 96 Terminology and knowledge engineering*. Frankfurt/M: INDEKS.p.12-26.

BENTES, A.C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v.1. São Paulo: Cortez. 2001. p.259-299.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. *D.E.L.T.A.*, v.16, n.2, p.323-367. 2000.

_____. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole. 2004. 410p.

BOULANGER, Jean-Claude. (1995) Présentation: images et parcours de la socioterminologie. *Meta*, v, 40, n.2, p.195-205.

CABRÉ, M.T. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries. 1993. 529p.

_____. *La terminologie (théorie, méthode et applications)*. Paris: Armand Colin. 1998. 322p.

_____. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IUL. 1999. 369p.

CAPEL, H. Geografia Humana y Antropología. In: CAPEL, H. *Geografía Humana y Ciências Sociais: una perspectiva histórica*. Barcelona: S.A Montesinos Editor. 1985. p.23-41.

CLAVAL, P. Champ et perspectives de la géographie culturelle. *Géographie et cultures*, v.1, n.1, p.7-38. 1992. Disponível em: <<http://gc.revues.org/2448>>.

_____. *Geografia Cultural*. Tradução Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC. 1999a. 453p.

_____. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORREA R.L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999b. p.55-97. Conferir qual é A e B

_____. *Géographie Culturelle: une nouvelle approche des sociétés et des milieux*. Paris: Armand Colin. 2012. 352p.

_____. Uma agenda para a geografia. In: ALMEIDA, M.G; ARRAIS, T.A. *É Geografia, é Paul Claval*. Goiânia: FUNAPÊ. 2013. p.144-161.

CORRÊA, R. Sobre a Geografia Cultural. *Contribuições do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul*. 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/Contribuicoes/Geografia_Cultural.htm>. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____. Denis Cosgrove - a paisagem e as imagens. *Espaço e Cultura*, n.29, p.7-21. Jan./Jun. 2011.

COSGROVE, D.E. Towards a radical cultural geography: problems of theory. *Antipode*, v.15, p.1-11. 1983.

DARDEL, E. *L'Homme sur la Terre. Nature de la Realilté Géographique*. Paris: PUF. 1952. 200p.

DIKI-KIDIRI, M. Éléments de terminologie culturelle. *Cahiers du RIFAL*. n. 26, p. 14-25. 2007.

DI MÉO, G. Subjectivité, socialité, spatialité : le corps, cet impensé de la géographie. *Annales de géographie*, v.5, n.675, p.466-491. 2010

DUBUC, R. *Manuel pratique de terminologie*. Québec: Linguatex.1992. 144p.

DUNCAN, J. O supraorgânico na Geografia Cultural americana. *Espaço e Cultura*, n.13, p.7-33. 2002.

FINATTO, M.J.B. A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.11, n.1, p.197-222. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2351>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

GAUDIN, F. Socioterminologie: du signe au sens, construction d'un champ. *Meta*, v.38, n.2, p.293-301. 1993.

GEOGRAPHIE ET CULTURES. *Présentation de la Revue*. 2012. Disponível em: <<http://www.editions-harmattan.fr/index.asp?navig=catalogue&obj=revue&no=17>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

HALL, S.A. Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, v.22, n.2, p.15-46. 1997.

HEIDRICH, A.L. Território e cultura: argumento para uma produção de sentido. In: HEIDRICH, Á.L.; COSTA, B.P. da; PIREZ, C.L.Z. (Orgs). *Maneiras de Ler Geografia e Cultura*. 1.ed. Porto Alegre: Imprensa Livre, Compasso Lugar-Cultura. 2013. 52-61p.

HEIDRICH, Á.L.; COSTA, B.P. da; PIREZ, C.L.Z. (Orgs). *Maneiras de Ler Geografia e Cultura*. 1.ed. Porto Alegre: Imprensa Livre, Compasso Lugar-Cultura. 2013. 267p.

HOFFMAN, L. Conceitos básicos da Linguística das Linguagens Especializadas. Tradução FINATTO, M. J. B. *Cadernos de Tradução*, n.17. p.79-90, Out-Dez 2004.

HOUSSAY-HOLZSCHUCH, M. La géographie culturelle, émergence et enjeux Disponível em <http://goo.gl/EIa16A> acesso em 12/11/2014

JOVER-FALEIROS, R. Francês Instrumental: por uma precisão terminológica. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Professores de Francês*. 2006.

KOZEL, S; SOUSA, L.F. Contribuições de Paul Claval à geografia brasileira. In: ALMEIDA, M.G; ARRAIS, T.A. (Orgs.) *É geografia, é Paul Claval*. Goiânia: FUNAPÊ. 2013. 39-53p. Disponível em: <http://projetos.extras.ufg.br/posgeo/wp-content/uploads/2013/09/e-geografia_e-paul-claval.pdf> Acesso em: 10 mar. 2015.

KRIEGER, M.G. Do reconhecimento de terminologias: entre o linguístico e o textual. In: ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M.G. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v.2. Campo Grande/Porto Alegre: UFMS/UFRGS, 2004. p.327-339.

KRIEGER, M. G. O termo: questionamentos e configurações. In: KRIEGER, M. G. & A. M. B. MACIEL. *Temas de terminologia*. Porto alegre/São Paulo: Editora da Universidade/UFRGS/Humanitas/USP. 2001.p.62-81

KRIEGER, M. G. & M. J. B. FINATTO. *Introdução à Terminologia: Teoria & Prática*. São Paulo: Contexto. 2004.

LÉRAT, P. *Les langues spécialisées*. Paris: PUF. 1995. 201p.

LÉVY, J.; LUSSAULT, M. *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin. 2013. 1033p.

LOGUÉRCIO, S.D. *Dictionnaires bilingues et pédagogie de la lecture*. 2013. 450f. Tese (Doutorado) - Université Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, 2013.

LUSSAULT, M. *L'homme spatial*. Paris: Seuil, 2007. 400p.

MACIEL, A.M.B. Especificidade da terminologia de uma área humana e social. *Anais do X Simposio RITERM*. 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/artigos/artigo_X_SIMPOSIO_RITERM_2006_MACIEL.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MARQUES, M.H.M. Reflexões didático-metodológicas para um ensino sistematizado do léxico em francês como língua estrangeira. 2012. 192f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8.ed. São Paulo/ Brasília: Cortez/UNESCO, 2003.

NEER. 2012. Núcleo de Estudos em Espaço e Representações. Disponível em: <http://www.neer.com.br/home/?page_id=24>. Acesso em: 10 mar. 2015.

RAIBAUD, Y. *Géographie socioculturelle*. Paris: L'Harmattan. 2011.

SAGER, J.C. *A Practical course in terminology processing*. Amsterdam: John Benjamins. 1990. 254p.

SANTOS, E. Reseña de "A Geografia Cultural" de Paul Claval. *Eccos Revista Científica*, v.2, n.1, p.101-104, jun. 2000. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71520112>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SORRE, M. A noção de gênero de vida e seu valor atual. In: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z. *Geografia cultural: um século*. Rio de Janeiro: Eduerj. 2000. p.15-62.

STUBBS, Michael. (1996) *Text and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture*. London: Blackwell. 227p. (Language in Society series, v.23) 267p.

TEMMERMAN, R. Questioning the univocity ideal. The difference between sociocognitive Terminology and traditional Terminology. *Herms. Journal of linguistics*, v.18, p.51-91, 1997.

WÜSTER, Eugen. (1979) *Introduction à la théorie générale de la terminologie et de la lexicographieterminologique*. Traduit de *Einführung in die allgemeine Terminologielehre und terminologische Lexikographie*. [Traduction française par le Bureau de traductions du Canada]. Université de Laval, Québec: GIRSTERM

ANEXOS

Anexo A

CÓDIGO CATÁLOGRÁFICO DOS TEXTOS QUE COMPÕEM O CORPUS

Exemplo: gc61RP007

Géographie et cultures nº61 RP [Título Roman Policier] 007 [sétimo texto do número 61]

Título do periódico http://gc.revues.org/	gc = géographie et cultures
Número do fascículo	Os textos são catalogados de acordo com a numeração de cada fascículo
Título de cada fascículo	GC = géographie et cultures; RP = roman policier; NS = la nature dans les villes du sud; GM = Géographicité et médiancé; GI = La Géographie culturelle vue d'Italie; LV = La ville se refait-elle ?; P = La plage: um territoire atypique; EC = Entrechocs Culturels; CU = Corps Urbs; G = Où en est la rue face à la globalisation ?; ES = Espaces et normes sociales; IE = Image et Espace public; GE = Géographie et Éthique; V = <i>Varia</i> ; MN = Géographie des Musiques Noires; CC = Commerce et Culture; B = Vu du Brésil; PA = Patrimonialisation en Afrique ; VII = <i>Varia</i> ; T = Les échelles des territorialités; EL = Les Espaces Ludiques; EM = Les Espace de Masculinité; VIII = <i>Varia</i>
Número de cada fascículo	GC = 1; RP = 61; NS = 62; GM = 63; GI = 64; LV = 65; P = 67; EC = 68; CU = 70; G = 71; ES = 72; IE = 73; GE = 74; V = 75; MN = 76; CC = 77; B = 78; PA = 79; VII = 80; T = 81; EL = 82; EM = 83; VIII = 84
Tipo de texto	Artigos científicos. Resenhas, notícias, notas. Neste catálogo assinalados com *: "lecture", "film" "exposition", "notes" e "l'écho de nos correspondants étrangers".
Número do texto	Os textos são numerados por ordem de aparição em cada fascículo da revista; o primeiro é registrado como 001.

Anexo BCATÁLOGO DOS TEXTOS QUE COMPÕEM O *CORPUS*

	Código	Título e autor do texto
1	gc1GC001	<i>Géographie et cultures</i> , ou la culture dans tous ses espaces – Paul Claval
2	gc1GC002	Champ et perspectives de la géographie culturelle – Paul Claval
3	gc1GC003	Le désir géographique... et la réalité Québec–Amérique – Eric Waddell
4	gc1GC004	Le cercle des maisons – Pascal Palu
5	gc1GC005	Représentations de l’urbanité japonaise –Augustin Berque
6	gc1Gc006	Les fondements de la ville américaine – Cynthia Ghorra–Gobin
7	gc1Gc007	La diffusion du savoir géographique en Grèce ancienne – Christian Jacob
8	gc1Gc008	À la recherche du climat dans <i>les météorologiques</i> et dans l’œuvre d’Aristote – Jean–François Staszak
9	gc1GC009	Paysans français – André Fel
10	gc1GC010*	À propos des jardins japonais – Augustin Berque
11	gc1GC011*	Sur quelques traditions asiatiques en philosophie de l’environnement – Augustin Berque
12	gc1GC012*	L’invention de la tradition américaine – Frédéric Pechmalbec
13	gc1GC013*	La nouvelle géographie culturelle anglo–saxonne, d’après un ouvrage de Peter Jackson – Charles Rouquet
14	gc61RP00 1	Introduction – Muriel Rosemberg
15	gc61RP002	« L’étrange voyage ! » – Michel Bussi
16	gc61RP003	Sherlock Holmes au fil du temps –Loïc Ravenel
17	gc61RP004	Les itinéraires parisiens du commissaire Maigret – Dominique Meyer–Bolzinger
18	gc61RP005	Le Paris des <i>Aventures extraordinaires d’Adèle Blanc–Sec</i> de Jacques Tardi –Géraldine Molina
19	Gc61RP006	Comment des <i>polars</i> barcelonais modèlent l’imaginaire de la ville – Sophie Savary
20	gc61RP007	Lecture chronotopique du polar –Marc Brosseau et Pierre–Mathieu Le Bel
21	gc61RP008	L’espace dans le roman de Bram Stoker – Daniela Dumitrescu
22	gc61RP009	Présence du futur – Henri Desbois
23	gc61RP010*	La géographie culturelle selon Denis Cosgrove –

		Paul Claval
24	gc61RP011*	Paris et l'automobile : un siècle de passions – Cynthia Ghorra-Gobin
25	gc62NS001	La nature dans les villes du Sud : pratiques et représentations – Catherine Fournet-Guérin
26	gc62NS002	La nature à Istanbul – Marcel Bazin
27	gc62NS003	La forêt au cœur de la ville – Louise Lézy-Bruno
28	gc62NS004	Les zones humides urbaines à Bogota, conflits d'usage et patrimonialisation – Mathieu Durand
29	gc62NS005	Les lacs de Bangalore – Aurélie Varrel
30	gc62NS006	Marina Bay et l'aménagement du front de mer à Singapour – Olivier Sevin
31	gc62NS007	Les villes du Bénin méridional : entre nature et culture ? – Noukpo Agossou
32	gc62NS008	Du sens de l'arbre dans le paysage en Polynésie française – Sébastien Larrue
33	gc62NS009*	Ville et environnement – Catherine Fournet-Guérin
34	gc62NS010*	Le pire des mondes possibles – Catherine Fournet-Guérin
35	gc62NS011*	Prisonniers volontaires du rêve américain – Cynthia Ghorra-Gobin
36	gc62NS012*	L'Afrique des idées reçues – Catherine Fournet-Guérin
37	gc62NS013*	Les Javanais du Caillou. Des affres de l'exil aux aléas de l'intégration – Olivier Sevin
38	gc62NS014*	La colonisation de l'Irlande – Paul Claval
39	gc62NS015*	Portrait du Gulf Stream. Éloge des courants – Elisabeth Lehec
40	gc63GM001	De la géographicité et de la médiance – Louis Dupont
41	gc63GM002	L'Albufera de Valencia – Carles Sanchis Ibor, Anne Jégou et Pierre Pech
42	gc63GM003	La République de Weimar et l'espace – Dalie Giroux
43	gc63GM004	Frontière italo-slovène et province de Trieste – Christophe Gauchon
44	gc63GM005	Géographies de la Résistance et de la Décolonisation – Irène Hirt
45	gc63GM006	Arbre d'antan, arbre « des Blancs » – Sophie Caillon
46	gc63GM007	La cosmogonie dalinienne – Fabien Venon
47	gc63GM008	Sak� et shinto – Nicolas Baumert
48	gc63GM009*	Fournet-Guérin Catherine, Vivre � Tananarive – Myriam Houssay-Holzschuch
49	gc63GM010*	Johan Vincent, l'intrusion balnéaire, les populations littorales bretonnes et vendéennes face au tourisme (1800-1945) – Francoise Péron
50	gc63GM011*	Alessia de Biase et Cristina Rossi (dir.), Territoires et identités dans les mondes contemporains – Cynthia Ghorra-Gobin
51	gc63GM012*	Olivier Lazzarotti, Habiter, la condition

		géographique – Cynthia Ghorra–Gobin
52	gc63GM013*	Paul–David Régnier, Dictionnaire de géographie militaire – Philippe Boulanger
53	gc63GM014*	Léna Krichewsky, Olivier Milhaud, Laura Pettinarolli et Marie Scot (dir.), Guide de l'étudiant européen en sciences sociales – Myriam Houssay–Holzschuch
54	gc64 GI001	Lu de France – Louis Dupont
55	gc64GI002	L'approche culturelle : vue d'Italie – Giuliana Andreotti
56	gc64GI003	La géographie culturelle italienne – Giuliana Andreotti
57	gc64GI004	Le tourisme culturel – Girolamo Cusimano et Maurizio Giannone
58	gc64GI005	Aspects culturels – Ernesto Mazzetti
59	gc64GI006	Simone de Beauvoir et Sigmund Freud – Giacomo Corna–Pellegrini
60	gc64GI007	Le paysage valdotain – Mario Fumagalli
61	gc64GI008	Villas de maître et espaces littéraires dans l'Italie des biens culturels – Peris Persi
62	gc64GI009	Mère méditerranée – Jean–Robert Pitte
63	gc64GI010*	Igor Jelen, Une aire de contact culturel dans les Alpes – Paul Claval
64	gc65LV001	Une ville se refait–elle? – Augustin Berque
65	gc65LV002	<i>Roma aeterna</i> . Temps, mémoire et harmonie – Brice Gruet
66	gc65LV003	La reconstruction des Eski Chahar à Tachkent et à Boukhara (Ouzbékistan) : à la recherche d'un mythe ? – Guillemette Pincet
67	gc65LV004	La Nouvelle–Orléans n'a pas perdu son âme – Isabelle Maret
68	gc65LV005	Bucarest, l'éternel retour – Samuel Rufat
69	gc65LV006	L'identité beyrouthine et la reconstruction – Karim Abou–Merhi
70	gc65LV007	Mort et renaissance d'une capitale – Sophie Clément–Charpentier
71	gc65LV008	Peut–on réinventer Pékin? – Sylvie Ragueneau
72	gc65LV009	Beyrouth, où habites–tu? – Bachar El–Amine
73	gc67P001	La plage, un territoire singulier : entre hétérotopie et antimonde – Jean Rieucou et Jérôme Lageiste
74	gc67 P002	La plage, un objet géographique de désir – Jérôme Lageiste
75	gc67 P003	Vers des plages urbaines postbalnéaires au début du XXI ^e siècle. Entre domestication estivale et neutralité hivernale – Jean Rieucou
76	gc67P004	Les plages nudistes, une exception occidentale? – Emmanuel Jaurand
77	gc67P005	Paris–Plage : une fausse plage pour une vraie ville ? Essai sur le détournement balnéaire urbain –

		Emmanuelle Lallement
78	gc67P006	Mui Ne (Vietnam) : deux approches différenciées de la plage par les touristes occidentaux et domestiques – Emmanuelle Peyvel
79	gc67P007	La plage de Beauduc : entre <i>communitas</i> et utopie – Laurence Nicolas
80	gc67P008	Itinéraire d'une plage méditerranéenne : Argelès-sur-Mer – Anthony Simon
81	gc67P009	Une plage urbaine sans bains : Toamasina (Madagascar) – Jean-Michel Dewailly
82	gc67P010*	Johan Vincent, L'intrusion balnéaire – Françoise Péron
83	gc67P011*	Veschambre Vincent, Traces et mémoire urbaines : enjeux sociaux de la patrimonialisation et de la démolition – Sylvie Guichard-Anguis
84	gc67P012*	Daniel Chartier (dir.), Le(s) Nord(s) imaginaire(s) – Valérie Kohler
85	gc67P013*	Olivier Lazzarotti, Habiter, la condition géographique – Cynthia Ghorra-Gobin
86	gc68EC001	Introduction : entrecrocs culturels – Louis Dupont
87	gc68EC002	Le « choc culturel » et le « choc des cultures » – Raja Choueiri
88	gc68EC003	Un territoire de cospatialités en recomposition – Dominique Chevalier
89	gc68EC004	L'évangélisme et le Pentecôtisme – Frédéric Dejean
90	gc68EC005	Le corps des femmes, enjeu géopolitique – Anne Fournand
91	gc68EC006	Internet et les enjeux de la cartographie des religions au Liban – Michael F. Davie
92	gc68EC007	Harry Potter – Benoît Montabone
93	gc68EC008	Sous les tags, la plage – Pierre Bertoncini
94	gc68EC009*	Albrecht Sonntag, Les identités du football européen – Nicolas De Groot
95	gc68EC010*	Patrick Pigeon, L'environnement au défi de l'urbanisation – Catherine Fournet-Guérin
96	gc68EC011*	France Guérin-Pace et Elena Filippova (dir.), Ces lieux qui nous habitent – Cynthia Ghorra-Gobin
97	gc70CU001	Introduction – Sylvie Miaux
98	gc70CU002	Le flâneur dans l'espace urbain – Giampaolo Nuvolati
99	gc70CU003	Le piéton de Bordeaux – Baptiste Fricau et Danièle Laplace-Treuture
100	gc70CU004	Espace labyrinthique et contrainte – Laurence Liégeois
101	gc70CU005	Les chorégraphies urbaines des piétons parisiens – Olivia Germon
102	gc70CU006	La femme enceinte, la jeune mère et son bébé dans l'espace public – Anne Fournand

103	gc70CU007	Le libre mouvement des corps – Sylvie Miaux
104	gc70CU008	Du savoir ethnologique au produit touristique – Anne Gaugue
105	gc70CU009*	Le corps de la ville, le corps du promeneur (XVII ^e –XVIII ^e siècles) – Laurent Turcot
106	gc70CU010*	Los Angeles : échappées urbaines – Bertrand Pleven
107	gc71G001	Introduction : où en est la rue face à la globalisation ? – Djemila Zeneidi
108	gc71G002	L'individu, le corps et la rue globale – Guy Di Méo
109	gc71G003	Des rues globales marchandes ? – Brigitte Bertoncetto et Sylvie Bredeloup
110	gc71G004	La rue commerçante casher et la globalisation du religieux – Lucine Endelstein
111	gc71G005	Globalisation par le bas ou par le haut ? – Martha Radice
112	gc71G006	Abidjan – Dabié Nassa
113	gc71G007	Existe-t-il une « morale globale » de la régulation de la rue ? – Michel Parazelli
114	gc71G008	Berlin / Istanbul – Antoine Fleury
115	gc71G009*	Saskia Sassen, La globalisation selon Saskia Sassen – Djemila Zeneidi
116	gc71G010*	Thierry Paquot, Le territoire des philosophes – Paul Claval
117	gc71G011*	<i>La vida loca</i> , de Christian Poveda – Djemila Zeneidi
118	gc71G012*	L'art contemporain chinois au château de Tours – Laurent Vermeersch
119	gc72ES001	Introduction – Vincent Banos
120	gc72ES002	La norme et le mouvant – Olivier Labussière
121	gc72ES003	Pour une géographie du droit en action – Patrice Melé
122	gc72ES004	La production culturelle de la norme spatiale à travers l'habitat illégal dans l'Hérault – Dominique Crozat
123	gc72ES005	Entre luttes identitaires et instrumentalisation consensuelle – Vincent Veschambre
124	gc72ES006	Réflexion autour de la dimension spatiale des processus normatifs – Vincent Banos
125	gc72ES007	Le concept "AMAP – Fabrice Ripoll
126	gc72ES008	Jemaa El-Fna ou l'exotisme durable – Lionel Gauthier
127	gc72ES009*	Michel Lussault, De la lutte des classes à la lutte des places – Vincent Banos

128	gc72ES010*	David Harvey, Géographie de la domination – Julien Aldhuy
129	gc72ES011*	Nathalie Blanc, Vers une esthétique environnementale – Olivier Labussière
130	gc72ES012*	La rue est à nous... tous – Djemila Zeneidi
131	gc73IE001	Image et espace public – Vincent Berdoulay et Paulo C. da Costa Gomes
132	gc73IE002	Spatialité et portée politique d'une mise en scène – Paulo C. da Costa Gomes et Théo Fort–Jacques
133	gc73IE003	La ville du patrimoine mondial face au défi politique de sa propre image – Guy Mercier
134	gc73IE004	Savoir–être–au–lieu et mise en patrimoine de la nature dans les stations thermales des Pyrénées (XIX ^e –XX ^e s.) – Vincent Berdoulay, Isabelle Degrémont et Danièle Laplace–Treyture
135	gc73IE005	Métonymies géographiques des espaces publics à Recife (Brésil) – Caio Augusto Amorim Maciel
136	gc73IE006	Espace et publicité – Rodrigo R.H.F. Valverde
137	gc73IE007	Texte et contexte dans la création d'une image de la ville – Xavier Arnauld de Sartre
138	gc73IE008	Des photos pour combattre l'oubli – Hugo Capellà Miternique
139	gc73IE009	Éthique et aménagement territorial, regard d'un géographe – Jean–Pierre Doumenge
140	gc73IE010*	Vincent Berdoulay et Paulo Cesar da Costa (dir.), <i>Imagens da Cidade</i> – Paul Claval
141	gc73IE011*	Rafael Winter Ribeiro, <i>La géographie au secours des politiques patrimoniales</i> – Marcia Chuva
142	gc73IE012*	Paul Lacoste, <i>Portraits sensibles</i> – Danièle Laplace–Treyture
143	gc74GE001	Introduction – Cynthia Ghorra–Gobin
144	gc74GE002	À quel prix la géographie est–elle soluble dans l'éthique ? – Isabelle Lefort
145	gc74GE003	Géographie, éthique et valeurs – Jean–Bernard Racine
146	gc74GE004	Les Espagnols face à la corruption urbaine – Nacima Baron–Yelles
147	gc74GE005	Communication, éthique et interprétation du risque épidémique – Marie–José Schmidt–Ehrmann
148	gc74GE006	Les enseignements de l'« urbanisme multiculturel » – Frédéric Dejean
149	gc74GE007	Éthique, espace, action : un triptyque à activer – Claire Tollis
150	gc74GE008	Watsuji Tetsurô – Pauline Couteau
151	gc74GE009*	Raymonde Séchet, <i>Espaces en transactions</i> – Julien Aldhuy
152	gc74GE010*	Bernard Bret, Philippe Gervais–Lambony, Claire Hancock et Frédéric Landy, <i>L'espace au prisme de la</i>

		justice et de l'injustice – Maie Gérardot
153	gc74GE011*	François–Michel Le Tourneau, Les Yanomami du Brésil – Cynthia Ghorra–Gobin
154	gc75V001	L'usage du voyage en géographie – Bruno Lecoquierre
155	gc75V002	Immobilis îles – Nathalie Bernardie
156	gc75V003	L'imaginaire géographique au cœur d'un <i>Voyage Extraordinaire</i> – Lionel Dupuy
157	gc75V004	<i>Code Source</i> de William Gibson et les imaginations géographiques à l'ère du GPS – Henri Desbois
158	gc75V005	Le marché de l'art contemporain en Inde – Christine Ithurbide
159	gc75V006	À propos des variantes émergentes du <i>canyoning</i> dans le sud de l'Europe et en Amérique du Nord – André Suchet
160	gc75V007	La géographie vidalienne et la géopolitique – Guilherme Ribeiro
161	gc75V008*	Christian Grataloup, L'invention des continents – Lionel Gauthier
162	gc75V009*	Klaus von Beyme, Die Faszination des Exotischen – Valérie Kohler
163	gc75V010*	Michael Jakob, Le paysage – Paul Claval
164	gc75V011*	Paul Claval, Religion et idéologie – Jean–Bernard Racine
165	gc75V012*	Jean–Marc Besse, Le goût du monde – Paul Claval
166	gc75V013*	Guillemette Pincent, Le devenir des quartiers précoloniaux Eski Chahar de Tachkent et Boukhara – Sylvie Guichard–Anguis
167	gc75V014*	Jean–Baptiste Maudet, Terres de taureaux – Paul Claval
168	gc76MN001	Musique noire – Yves Raibaud
169	gc76MN002	Musiques actuelles et religion <i>Vodoun</i> au Bénin – Méline Bertrand Poda
170	gc76MN003	Jazz et tourisme – Pauline Guedj
171	gc76MN004	Musiques afrocolombiennes – Violeta Joubert–Solano
172	gc76MN005	Le passé des origines, le présent de l'action culturelle – Bernard Chérubini
173	gc76MN006	Les « désirs d'être » du hip hop à Luanda – Chloé Buire et Arnaud Simetière
174	gc76MN007	« Black Waters » et « Black Atlantic » – Anthony Goreau–Ponceaud et Catherine Servan–Schreiber
175	gc76MN008	Habiter le monde avec des sons – Emmanuel Parent
176	gc76MN009*	Denis–Constant Martin, Quand le rap sort de sa bulle – Nelly Quemener
177	gc76MN010*	William–T. Jr Lhamon, Peaux blanches et masques noirs – Emmanuel Parent
178	gc76MN011*	Catherine Servan–Schreiber, Histoire d'une musique

		métisse à l'île Maurice – Yves Raibaud
179	gc77CC001	Introduction – Nathalie Lemarchand
180	gc77CC002	Nouvelles approches, nouveaux sujets en géographie du commerce – Nathalie Lemarchand
181	gc77CC003	Redéfinir la consommation pour repenser les espaces de consommation – Anne–Cécile Mermet
182	gc77CC004	Discours commerciaux et produits alimentaires – Louis Dupont
183	gc77CC005	La fonction piétonne des espaces marchands intérieurs – Bruno Sabatier
184	gc77CC006	Souk d'aujourd'hui et bazar oriental – Anna Madoeuf
185	gc77CC007	Culture suédoise, culture d'entreprise, culture populaire – Anthony Menrle
186	gc77CC008	Sur les traces de la géographie culturelle – Antoine Huerta
187	gc77CC009*	Arnaud Gasnier (dir.), Commerce et ville ou commerce sans la ville ? – Vincent Bodic
188	gc77CC010*	Philippe Dugot et Mickaël Pouzenc, Territoires du commerce et développement durable – Nicolas Boivin
189	gc77CC011*	François Péron et Guillaume Marie, Patrimoine maritime du Finistère – Valérie Kociemba
190	gc77CC012*	Claire Guiu, Naissance d'une autre Catalogne – Yves Raibaud
191	gc77CC013*	Enquêtes et « acteurs faibles » – Djemila Zeneidi
192	gc77CC014*	<i>Avatar</i> , James Cameron – Bertrand Pleven
193	gc77CC015*	Un colloque sur le devenir de la géographie québécoise – Jules Lamarre
194	gc78B001	Vu du Brésil, présentation – Francine Barthe–Deloizy et Angelo Serpa
195	gc78B002	La géographie culturelle au Brésil – Paul Claval
196	gc78B003	Hybridité culturelle, « anthropophagie » identitaire et transterritorialité – Rogério Haesbaert
197	gc78B004	La géographie des formes symboliques chez Ernst Cassirer – Sylvio Fausto Gil Filho
198	gc78B005	Le football au Brésil – Gilmar Mascarenhas
199	gc78B006	La maritimité chez les indiens du Brésil – Eustogio Dantas
200	gc78B007	Les fêtes junines de Cachoeira (état de Bahia) – Janio Roque Barros de Castro
201	gc78B008	<i>Capoeira</i> et Internet – Angelo Serpa, Henrique Araujo et Sérgio Borges
202	gc78B009	Frontières sociales et identités dans l'état du Goiás – Maria Geralda de Almeida
203	gc78B010	Le paysage sonore de l'île des Valadares – Marcos Alberto Torres et Salette Kozel
204	gc78B011*	Géographie et littérature au Brésil – Maria Auxiliadora da Silva

205	gc78B012*	Mauricio de Almeida Abreu, Une géographie historique de Rio de Janeiro – Paul Claval
206	gc79PA001	Patrimonialisations en Afrique – Bernard Calas, Olivier Marcel et Claire Delfosse
207	gc79PA002	Le patrimoine pastoral au prisme de la décentralisation politique – Anaïs Leblon
208	gc79PA003	Reconstructions paysagères autour des églises de Lalibela – Marie Bridonneau
209	gc79PA004	Recompositions spatiales et marginalisation sociale au centre – Pauline Bosredon
210	gc79PA005	Parcs urbains et patrimoine naturel en Afrique de l'Ouest – Julien Bondaz
211	gc79PA006	L'art public de l'apartheid à Johannesburg, un patrimoine ? – Pauline Guinard
212	gc79PA007	Le fil d'Ariane du patrimoine – Bertrand Royer
213	gc79PA008	Patrimonialisation aux marges et désir de territoire – Olivier Marcel
214	gc79PA009*	Géraldine Djament-Tran, Rome éternelle – Catherine Fournet-Guérin
215	gc7PA010*	Amandine Spire, L'étranger et la ville en Afrique de l'Ouest – Catherine Fournet-Guérin
216	gc80VII001	Vers une esthétisation des marges urbaines dans <i>Impureza</i> de Marcelo Cohen – Marie-Noëlle Carré et Annelies Oeyen
217	gc80VII002	Le sacre du paysage tibétain – Samuel Thévoz
218	gc80VII003	« Allons aux bouzoukis » – Ioannis Rentzos
219	gc80VII004	La formation de la géographie à l'époque des Empires – Daniel Clayton
220	gc80VII005	Le corps peut-il être « un objet » du savoir géographique ? – Francine Barthe-Deloizy
221	gc80VII006	Les modes d'appropriations de l'espace « vague » sur le littoral français – Guillaume Mariani
222	gc80VII007*	Suzanne Chazan-Gillig, L'hindouisme mauricien dans la mondialisation – Pierre-Yves Trouillet
223	gc80VII008*	Anne-Marie Frérot, Imaginaire des Sahariens – Anne-Laure Counilh
224	gc80VII009*	Paul Claval, Terra dos homens : a geografia – Angelo Serpa
225	gc80VII010*	La formation de la géographie à l'époque des Empires – Daniel Clayton
226	gc81T001	Les échelles des territorialités – Xavier Arnaud de Sartre et Laurent Gagnol
227	gc81T002	Autochtonie, territoire et urbanité – Bastien Sepulveda
228	gc81T003	Territorialités plurielles – Claire Cottereau
229	gc81T004	Sortir de l'invisibilité – Ioana Comat
230	gc81T005	Une approche territoriale des risques – Julien Rebotier
231	gc81T006	La mobilité au service de l'enfermement ? –

		Bénédicte Michalon
232	gc81T007	S'adapter à l'adaptation – Laurent Gagnol et Olivier Soubeyran
233	gc81T008*	Colette Jourdain–Annequin, Quand Grecs et Romains découvraient les Alpes – Paul Claval
234	gc81T009*	Nathalie Bernardie–Tahir, Du bon usage des îles en géographie – Fabrice Argounes
235	gc81T010*	Paul Claval, Un regard sur les idées reçues à propos du Brésil – Nicolas Bautès
236	gc81T011*	Pathologies au-delà du paysage – Bertrand Pleven
237	gc81T012*	Les mobilités au prisme de l'approche culturelle – Hadrien Dubucs
238	gc81T013*	Relancer la géographie au Québec : une autre étape de franchise – Jules Lamarre
239	gc82EL001	Prendre au sérieux les espaces du jeu – Manouk Borzakian
240	gc82EL002	L'espace ludique, un espace à part – Natalia Leclerc
241	gc82EL003	L'espace de l'institutionnalisation ludique – Manouk Borzakian
242	gc82EL004	Planche à voile et plage – Denis Jallat
243	gc82EL005	Émergences et diffusions mondiales du surf – Vincent Coëffé, Christophe Guibert et Benjamin Taunay
244	gc82EL006	La pétanque à Pondichéry – Sébastien Ruffié, Sylvain Ferez et Anne Marcellini
245	gc82EL007	<i>Gaguère</i> (combat de coqs) et <i>borlette</i> (loterie) – Marie Redon
246	gc82EL008	Les jeux vidéo – Hovig Ter Minassian
247	gc82EL009	Émergences et diffusions mondiales du surf – Vincent Coëffé, Christophe Guibert et Benjamin Taunay
248	gc83EM001	Introduction – Charlotte Prieur et Louis Dupont
249	gc83EM002	État de l'art – Charlotte Prieur et Louis Dupont
250	gc83EM003	Rapports genrés au terrain en géographie physique – Anne Jégou, Antoine Chabrol et Édouard de Bélizal
251	gc83EM004	« Tu cherches quelque chose ? » – Stéphane Leroy
252	gc83EM005	Prisons – Gwénola Ricordeau et Olivier Milhaud
253	gc83EM006	Territoires hédonistes du sexe – Nicolas Boivin
254	gc83EM007	Luc Provost présente Mado – Charlotte Prieur
255	gc83EM008	Les géographies des sexualités et la géographie française peuvent-elles faire bon ménage ? – Karine Duplan
256	gc83EM009*	<i>Laurence Anyways</i> ou le corps trans dans ses espaces – Louis Dupont
257	gc83EM010*	<i>Skins</i> : quand la télévision met en territoire les sexualités adolescentes – Bertrand Pleven

258	gc83EM011*	Chrystelle Grenier-Torres (dir.), L'identité genrée au cœur des transformations – Serge Weber
259	gc83EM012*	Sylvie Ayrat, La fabrique des garçons – Yves Raibaud
260	gc83EM013*	Andrew Tucker, Queer visibilities – Charlotte Prieur
261	gc84VIII001	Editorial – Yann Calbérac
262	gc84VIII002	Rio de Janeiro, Brésil 2000 – Erika Thomas
263	gc84VIII003	Lieux, territoires et espaces d'écoute de la chanson grecque – Ioannis Rentzos
264	gc84VIII004	Vers une ludisation des pratiques sportives... – Vincent Gaubert
265	gc84VIII005	L'action culturelle territoriale en France – Mariette Sibertin-Blanc
266	gc84VIII006	Un géographe méconnu : Pierre Denis – Paul Claval
267	gc84VIII007	Dynamique de la presse payante au Luxembourg – Christian Lamour et Nathalie Lorentz
268	gc84VIII008	Habiter les îles fluviales – Yves-François Le Lay et Émeline Comby
269	gc84VIII009*	« Voyage à Nantes » : l'art pour déployer l'urbanité ? – Claire Guiu et Noé Wambergue
270	gc84VIII010*	Pour une approche critique des discours sur l'immigration – Marie Chabrol